

REVISTA

PORQUE AMAMOS  
LIVROS

# conexão Literatura

Abril/2021

nº 70

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

www.revistaconexaoliteratura.com.br

**O LIVRO DOS CONTOS E POEMAS  
MORTOS-VIVOS**  
ZUMBIS, VAMPIROS E OUTROS MONSTROS

Scapular Acromion  
Scapular Coracoid process  
Humeral Great tubercle  
Humeral head  
Humeral Lesser tubercle

Humeral Coronoid fossa  
Humeral Radial fossa  
Humeral Lateral epicondyle  
Humeral Capitulum  
Radius head

**ADEMIR PASCALE**  
ORGANIZADOR

*o crescimento do acesso  
aos livros digitais*



**E MAIS.**

ENTREVISTAS COM ESCRITORES  
CONTOS, CRÔNICAS E DICAS DE LIVROS



# SUMÁRIO

ABRIL DE 2021

**Editorial: Por Ademir Pascale, pág. 03**  
**O crescimento do acesso aos livros digitais e o incentivo à leitura, pág. 05**  
**Dicas para leitura, pág. 07**  
**Coração ultrarromântico - Português Amoroso, por Mayanna Velame, pág. 08**  
**O dilema da literatura cinematográfica, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 10**  
**Literatura: Romance: A música do seu coração - Cap. 14: O que é que tá me faltando, por Raimundo Colares Ribeiro, pág. 14**  
**Alejandra Pizarnik - A voz feminina da poesia maldita, por Cristiane de Mesquita Alves, pág. 19**  
**O feminino em construção, por Flávio Vidigal, pág. 24**  
**O mito do blues Robert Johnson, o filme e o livro Encruzilhada, por Ademir Pascale, pág. 28**  
**Seção: Leitores Indicam, pág. 31**  
**Fanzines, pensamento crítico e resistência: uma introdução, por José Flávio da Paz, pág. 32**  
**Para percorrer as veredas, por José Roberto Pereira, pág. 37**  
**Saberes Trans: Mulheres-trans lançam coleção de livros acadêmicos, pág. 43**  
**Entrevista com o escritor J. Rossini, pág. 46**  
**Entrevista com a escritora Jamila Mafra, pág. 49**  
**Entrevista com a escritora Margarete Chinaglia, pág. 52**  
**Entrevista com a escritora Mayara Lima, pág. 55**  
**Conto: Amor Liberto, por Ademir Pascale, pág. 59**  
**Conto: A ilha nas nuvens, por Roberto Schima, pág. 66**  
**Conto: Slaves, por Miriam Santiago, pág. 79**  
**Conto: Gina, por Edson do Rosário Jorge de Ngunza, pág. 83**  
**Conto: A viúva dos 5, por Edson do Rosário Jorge de Ngunza, pág. 87**  
**Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 92**

## EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)  
Elenir Alves - Assessora de Imprensa - [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com)

## CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html)

## ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:  
[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html)

Layout da capa, organização e arte: Ademir Pascale  
Agradecimentos aos patrocinadores desta edição

Para saber como anunciar, divulgar o seu livro ou editora, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:  
[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html)

Para entrar em contato: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com) - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



ademirpascale



# EDITORIAL

Nossa edição de abril é especial e dedicada aos livros digitais que, com o avanço da tecnologia e as dificuldades que a pandemia gerou, os e-books expandem seus horizontes cada vez mais no Brasil e no mundo, atingindo milhares de leitores.

O leitor também poderá conferir dicas de livros, crônicas, contos, poemas, entrevistas e dicas para participação em antologias de contos e poemas.

Para saber como participar da nossa edição de maio, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgar o seu livro ou editora: [clique aqui](#).

Tenha uma ótima leitura!

— revista —  
conexão  
LITERATURA

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



**Ademir Pascale**  
*Editor-chefe*



# CONEXÃO LITERATURA

CONECTANDO AUTORES E LEITORES



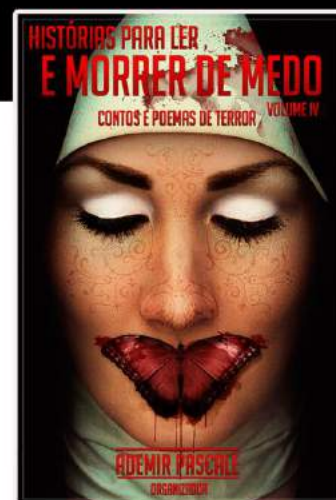
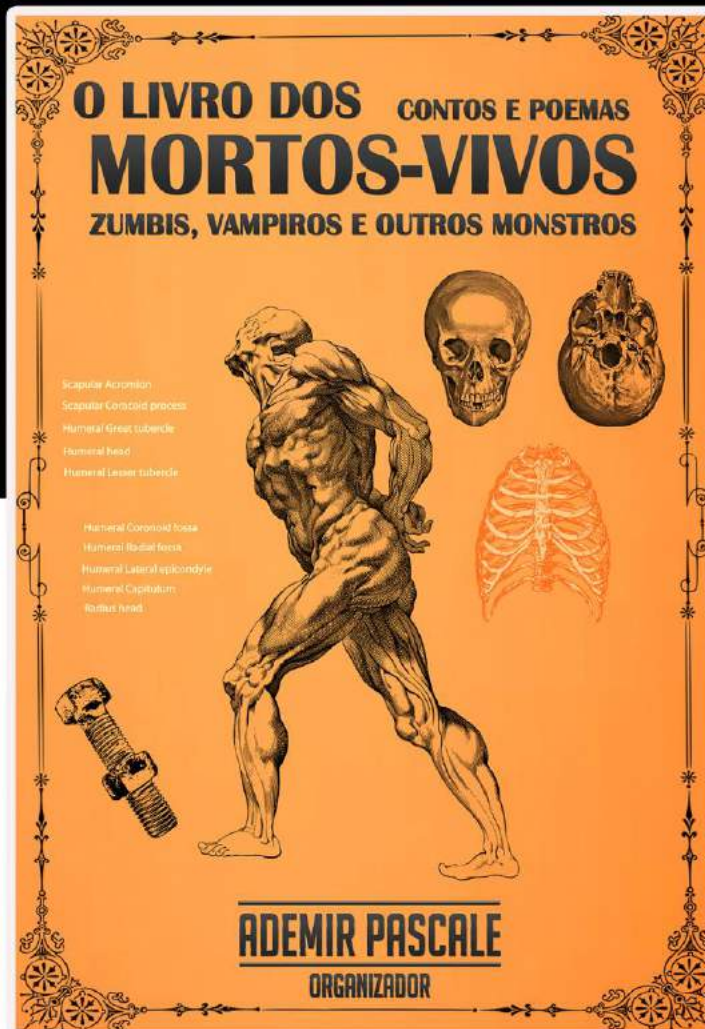
Acesse o nosso site e fique por dentro do que acontece no mundo dos livros

[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

Facebook: @conexaoliteratura

Twitter: @ademirpascale

Instagram: @revistaconexaoliteratura



## O CRESCIMENTO DO ACESSO AOS LIVROS DIGITAIS E O INCENTIVO À LEITURA

### Livros digitais

Mesmo antes da pandemia, leitores já vinham adquirindo e-books, tendo um crescimento razoável de downloads e vendas no Brasil. Com a pandemia, isso disparou. A facilidade e a rapidez em adquirir um e-book é incomparável se comparada ao livro impresso, além de ser bem mais em conta. Ah, o leitor também não precisa pagar frete. É lógico que todo amante de livros adora sentir o cheirinho das páginas, manusear o livro, colocar em sua estante e contemplá-lo. Mas os e-books agregam e facilitam o acesso à leitura e não ocupam espaço físico.

A Revista Conexão Literatura criou o selo "Conexão Literatura", tendo como editor o autor e ativista cultural Ademir Pascale. Em menos de 1 ano o selo publicou cerca de 15 e-books, entre eles: "O legado de Edgar Allan Poe"; "O Legado de Bram Stoker"; "O Legado de H. P. Lovecraft"; "O Legado de Florbela Espanca"; "Poesias ao Vento"; "Poesias ao Luar"; "Histórias para ler e morrer de medo, vol. 1, 2, 3 e 4"; "Bruxas"; "Helsing - Caçadores de Monstros" e outros títulos. São coletâneas em formato e-book que geram oportunidade aos autores que buscam divulgar seus trabalhos na publicação de



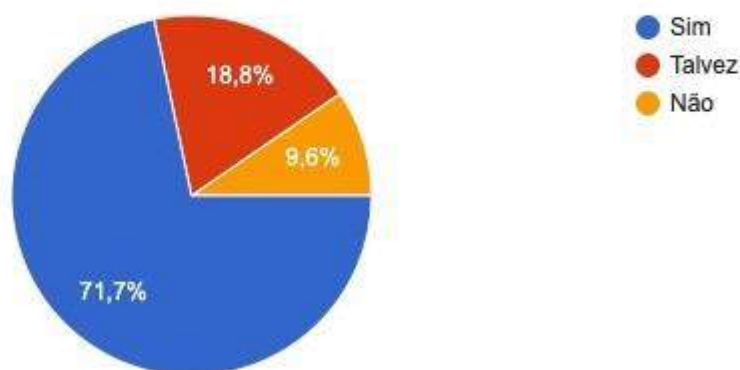
contos ou poemas. As antologias da Revista Conexão Literatura são gratuitas para os leitores baixarem, ampliando ainda mais os números de downloads, além de facilitar e incentivar o acesso à leitura, atingindo leitores do Brasil, Portugal e outros países. Boa parte dos e-books poderão ser baixados no site: <http://www.divulgalivros.org> e os autores interessados em participar de nossas antologias poderão ler os editais acessado a página: <http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/editais-para-antologias.html>

### **Pesquisa aponta que e-books facilitam acesso à leitura**

Os e-books têm conquistado cada vez mais adeptos da leitura digital. De acordo com a consultoria alemã Statista, o mercado global viveu uma grande retomada em 2020 com o isolamento social causado pelo coronavírus, alcançando um crescimento de 12,4% no faturamento anual do setor se comparado a 2019, chegando a mais de 15 milhões de dólares.

#### **O seu hábito de leitura melhorou com o Skeelo?**

2.604 respostas

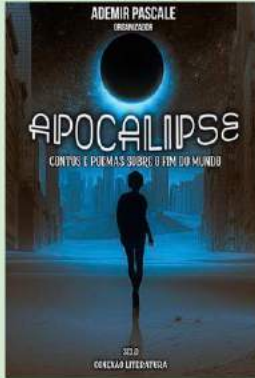


Uma pesquisa feita pelo Skeelo, maior aplicativo de e-books do Brasil, aponta uma tendência interessante, visto que o país conta com pouco leitores. Segundo levantamento 71,7% dos participantes afirmaram que o hábito de leitura melhorou após terem acesso ao aplicativo. Outros 96% afirmaram que gostam de ter o benefício do Skeelo no seu plano de telefonia celular e 99,7% acha importante facilitar o acesso à leitura no Brasil e enxergam a plataforma como uma importante ferramenta.

Declarações como “ele resgatou minha vontade pela leitura”, “melhorou muito o meu hábito de ler e hoje é como se fosse meu melhor amigo” e “voltei a ler por causa do Skeelo e acabei comprando um kindle” são algumas das diversas que afirmam que a possibilidade de escolher um título na tela do celular e poder acessá-lo de onde estiver, incentiva sim o ato de ler. A pesquisa foi feita na primeira semana de março e teve a participação de 3.327 pessoas.

Dados do Skeelo corroboram com a pesquisa, já que desde sua criação, em 2019, já foram 300 mil e-books e audiobooks vendidos, com a expectativa de chegar a 1 milhão até o final do ano. “É preciso investir na formação de novos leitores, gerar o hábito de consumo e definir novos formatos de entrega de conteúdo”, afirma Rodrigo Meinberg, um dos sócios do Skeelo (<https://skeelo.app>).

# DICAS PARA LEITURA



**Apocalipse - Contos e Poemas Sobre o Fim do Mundo**  
Ademir Pascale (org.)

[Acesse](#)



**Para não desistir do amor**  
Matheus Rocha

[Acesse](#)



**Sob o olhar de uma metamorfose e um romance**  
Erica Martins Silva

[Acesse](#)



**Universo da Poesia**  
Ademir Pascale (org.)

[Acesse](#)



**Aquela noite em Auschwitz**  
Jamila Mafra

[Acesse](#)



**Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa**  
Luiz Carlos de Assis Rocha

[Acesse](#)

*“Ter cultura é o poder de transmitir conhecimento.”  
– Marleyzinho*





# CORAÇÃO ULTRARROMÂNTICO

## Português Amoroso

**POR MAYANNA VELAME**

De vez em quando, uma certa melancolia me abate. Lá fora, do outro lado da janela, um vento frio sacoleja as folhas verdes dos *benjamins*. Como um poeta ultrarromântico, vejo na natureza, a extensão do meu “*eu*”. E hoje, devo dizer, que meu coração se desenha assim: pequenino diante dos percalços da vida.

Levo comigo, um tanto do 2º período romântico, da escola literária do Romantismo (1853-1869), conhecida como a geração “*Mal do Século*”. Naquele tempo, nossos heróis das letras eram acometidos muito cedo. Doença como a *tuberculose* ceifou vidas, de jovens universitários que formavam grupos de poetas. Desprovidos do nacionalismo, tema recorrente de seus antecessores. Os ultrarromânticos transmitiam em seus poemas, questões como: pessimismo, egocentrismo, sentimentalismo, assim como também, o apreço pela noite e a morte. Um exemplo disso é a obra póstuma “*Noite na Taverna*” de Álvares de Azevedo (1831-1852).

No entanto, é o medo de amar que marca a essência da poesia ultrarromântica. A idealização do amor e a sua impossibilidade de realização, ferve e incendeia a poesia



dessa geração. Aliás, o sentimento amoroso é sempre fonte de inspiração. E esse descontentamento de amar, regularmente se reproduz na arte.

O amor visto como dádiva, redenção que acalenta, mas também sucumbe, retira nossa razão, dando margem às hipóteses daquilo que poderia ser. Para os poetas desse tempo, ou para todos que se julgam nessa mesma poética, o amor não concretizado é a projeção que fazemos de nós mesmos, na pessoa amada.

Saudosistas, os ultrarromânticos são enlaçados no pretérito. A nostalgia dos tempos idos, a felicidade impregnada no passado, se torna um refúgio, fortaleza, um mundo paralelo das angústias humanas.

A infância, referência muito presente nas poesias de Casimiro de Abreu, abre o deslumbre da pureza e inocência pueril. Quem poderia esquecer os sublimes versos de “*Meus oito anos*”? Seria a infância um lugar seguro, longe dos desencantos da vida.

*“Oh ! que saudades que eu tenho*

*Da aurora da minha vida,*

*Da minha infância querida*

*Que os anos não trazem mais!*

*Que amor, que sonhos, que flores,*

*Naquelas tardes fagueiras*

*À sombra das bananeiras,*

*Debaixo dos laranjais!(...)” (Meus oito anos / Casimiro de Abreu)*



Os ultrarromânticos nunca saíram de moda. O apego do amor em todo seu universo, prevalece expresso, no som “exagerado” de Cazuzza, nas mensagens enviadas pelo *WhatsApp* e por que não, nas cartas de amor escondidas, entre as páginas de um livro de literatura.

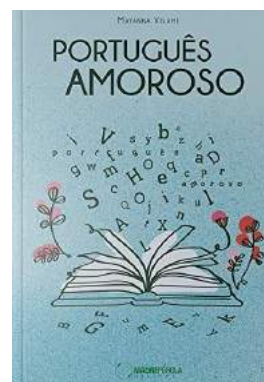
### Português Amoroso XXVII

Nas entrelinhas dos meus lábios,

Tu escreves versos ultrarromânticos.



**Mayanna Velame** nasceu em Manaus em 1983. É formada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas, apaixonada pela língua portuguesa e uma professora querida por seus alunos. Escreve periodicamente contos, crônicas e poemas. O nome desta coluna, *Português Amoroso*, também é o título do seu primeiro livro de poesia, lançado neste 2020 pela Editora Madrepérola. Siga Mayanna Velame no Instagram e Facebook: @portugues\_amoroso.







# O DILEMA DA LITERATURA CINEMATOGRAFICA

POR GILMAR DUARTE ROCHA

## Literatura e Cinema

Acredito que o prezado confrade e amigo que muito estimo Edmilson Caminha, cinéfilo de carteirinha, já tenha percorrido algo sobre a interação entre Cinema e Literatura em um dos seus brilhantes livros de ensaios e crônicas, e o fez, certamente, com muita propriedade e com a competência que lhe é magnânima.

Certo dia passado, não me lembro quando, acabava de assistir a um filme em um desses complexos cinematográficos de Brasília, por sinal, empreendimentos dotados de salas de exibição de excelente qualidade, que praticam preços módicos e que são dotados de ambientes agradabilíssimos.

O filme era “*On the road*”, com título em inglês apenas, inspirado no livro clássico homônimo do líder do movimento beat americano Jack Kerouac, livro publicado e republicado por diversas editoras brasileiras, acompanhado sempre do subtítulo “Pé na estrada”, que faz uma tradução livre do título, mas que espelha na realidade o espírito e o leitmotiv da história.

O que me chamou à atenção nessa produção e que me deixou intrigado, era que a versão em tela era por demais superficial (mesmo descontando o limite aceitável de 120 minutos para uma produção de cinema) e que a dinâmica ajustada à película rodava dois compassos atrás do original literário.





Não querendo me aprofundar nos detalhes acerca do livro e a respeito do filme, lanço à luz da ribalta um problema recorrente em que versões cinematográficas de livros consagrados ou não; laureados ou não; best-sellers ou não, que é decorrente de vários motivos, contudo, para abreviar, restrinjo-me a dois: o imediatismo de faturar pecúnias e láureas em cima de clássicos e de best-sellers literários e a falta de jogo de cintura do roteirista (ou adaptador) no manejo da arte chamada literatura.

Similares ao caso “On the road” são muitos. Podemos citar exemplos recentes como “O retrato de Dorian Gray”, de Oscar Wilde; de “Drácula”, de Bram Stoker; “Grandes expectativas”, de Charles Dickens; “Orgulho e preconceito”, de Jane Austen; “O grande Gatsby”, de F. Scott Fitzgerald ou “A letra escarlate”, de Nathaniel Hawthorne. O expectador que leu o livro e buscou ver a materialização dramática da obra que ele apreciou em várias dezenas ou centenas de páginas lidas, saiu da sala de exibição com um misto de sentimento de frustração, de inculcação, de intriga, ou, no mínimo de perda de tempo e de dinheiro. Pelo menos, esse foi o meu caso, pois, como já dizia um conhecido marchand de artes, gosto não se discute e sempre fica a critério do freguês. Ou seja, você pode consumir uma obra mal passada, ao ponto, bem passada ou tostada como carvão. O critério fica ao gosto do cliente.

De volta ao nosso assunto, podemos citar, também, casos de várias tentativas de versão para o cinema de um grande livro, como o clássico “O conde de Monte Cristo”, de Alexandre Dumas, que já foi vertido diversas vezes, em tempos diferentes, e cada versão ficou uma pior do que a outra, ainda mais quando o expectador é um leitor como eu que já leu a densa obra do escritor francês três vezes, em três períodos distintos de minha vida. Nesse exemplo pode se fazer uma ressalva devido a dinâmica do livro, que apesar de conter uma série de trechos cinematográficos, e a história segue a lógica de uma novela em forma de compêndio, há de se ponderar que o grande mérito do produto do autor de “Os três mosqueteiros” reside no engendramento de fatos históricos, de costumes, de geografia, de geopolítica, apimentado pelos trechos de engenho, tramas e planos de vingança, uma grande miscelânea que fez do livro o quarto livro mais lido de todos os tempos, segundo o blog da editora Saraiva.

Há episódios em que se deveria processar o responsável pela produção, e não o roteirista, como foi o caso de algumas versões irresponsáveis para o cinema do maior clássico da literatura “O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha”, pois esse livro é bastante peculiar, como bem define o colunista de artes da UOL, Leonardo Rodrigues: “Uma das características definidoras de ‘Dom Quixote’ não está exatamente na história que o livro conta, mas na forma em que ela é contada. Segundo estudiosos da obra, existe um tipo de conexão pessoa entre o texto e o leitor, algo problemático de ser reproduzido via artifícios do audiovisual”.



Existem outros tipos de versões que tiveram enorme êxito na telona, espelhou em parte o conteúdo do livro base, mas o que se questiona aqui não é a qualidade do filme, e sim a propriedade do livro. Peguemos o exemplo de “Quo Vadis?”, obra de Henryk Sienkiewicz. Seria esse livro um folhetim ou um enredo de cinema convertido previamente em livro? Há casos semelhantes a esse, como “E o tempo levou”, de Margaret Mitchell; “O tesouro de Sierra Madre”, de B. Traven; “Um estranho no ninho”, de Ken Kesey; “Perdidos na noite”, de James Leo, dentre outros e vários.

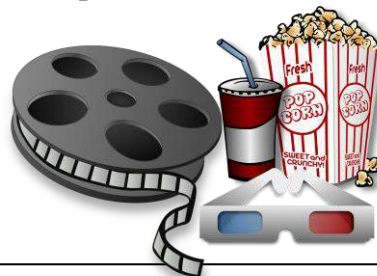
A pergunta que corrobora essa assertiva de livro/roteiro: alguém guarda, por acaso, nas preciosas estantes de sua biblioteca particular um exemplar sequer deste tipo de livro?

Uma história interessantíssima que envolve essa relação escritor/roteirista é a da conhecida novelista Patricia Highsmith, a criadora de um dos mais famosos personagens do cinema, Tom Ripley, o famoso anti-herói. A escritora americana, sempre assediada pela indústria do cinema, em virtude do sucesso estrondoso nas telas da sua produção de suspense, mormente na versão francesa “O sol por testemunha”, dirigido pelo talentoso cineasta francês René Clément, tendo o personagem Ripley sido interpretado pelo famoso e competente Alain Delon, passou o resto da vida tendo que recorrer a versões e versões de Tom Ripley (“Ripley embaixo d’água”, “Ripley subterrâneo”, “O garoto que seguiu Ripley, por aí vai).

Para não dizer que não falei das flores e para não me “crucificarem” por achar que livro bom não pode ser vertido em filme, lembro que existem casos excepcionais, poucos, mas excepcionais, com “O leopardo”, grande romance de Lampedusa, levada para o cinema pelo genial diretor Luchino Visconti; “A cor púrpura”, de Alice Walker; “Vidas Amargas”, versão de “A leste do Éden”, de John Steinbeck; também do mesmo Steinbeck, a conversão do livro “Vinhas da Ira”, estrelada no cinema por Henry Fonda, recebendo prêmio de público e crítica, e “O velho e o mar”, de Ernest Hemingway.

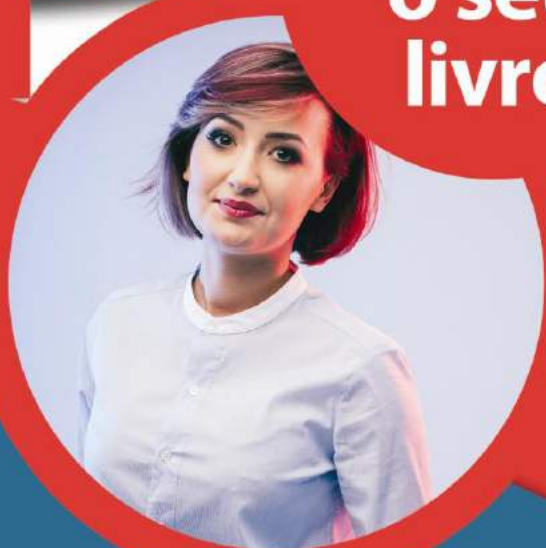
Enfim, minha lembrança é vaga de bons livros que viraram bons filmes. Todavia, espero, de coração, que possamos escrever com mais e mais qualidade, dentro da linha de literatura que se possa converter em película, e que venhamos a ter ótimos filmes; baseados em livros consistentes.

Ah! Não esqueçam o saco de pipoca.



**Gilmar Duarte Rocha**, eleito para a Academia Brasileira de Letras, é autor de oito livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de Diretor de Bibliotecas da Associação Nacional de Escritores-ANE. Pretende mandar ainda este ano para o prelo mais um romance, "A arte do ilusionismo", épico escrito em estilo vintage.

**Divulgue  
o seu  
livro**



**PACOTE DIVULGAÇÃO  
PARA AUTORES**  
**POR APENAS**  
**R\$100**

O pacote inclui entrevista com o autor(a), divulgação nas redes sociais Facebook, Twitter e Instagram e publicação na revista literária e digital Conexão Literatura

**Bônus:**

Você ainda ganha a publicação do release no site da revista



agilidade



público-alvo



apareça



novas ideias

## DESTAQUE O SEU LIVRO

Somos especialistas em divulgação de livros e autores. Conheça o Pacote Divulgação Para Autores e veja o custo/benefício em divulgar o seu livro conosco.

# SAIBA MAIS. ACESSE:

**WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR**

Ou escreva para: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com) - c/ Ademir Pascale





## ROMANCE

# A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO POR RAIMUNDO COLARES RIBEIRO

## Capítulo 14: O que é que tá me faltando

### Literatura

---

Várias coletâneas musicais foram lançadas em 1983, entre elas a produzida pela RCA Victor e BMG Ariola, sob o título de Vamos Nessa. Fazem parte desse LP as músicas “Você Veio” (Márcio Greyck), “Guarda Seu Amor Pra Mim” (Juanita & Richard), “Adeus às Ilusões” (Antonio Marcos), “O Sonho” (Lilian), “Renato Collection” (Renato e Seus Blue Caps), “Vida Roubada” (Altemar Dutra), “Bobo da Corte” (A Patotinha), “Como Eu Te Quero” (Los Angeles), “Telefone” (Gang 90 & Absurdettes), “Paixão” (Rosemary), “Tric Tric” (Sérgio Malandro), “Pra Dizer Que Não Falei do Verso” (Beto Mi), “Te Amo, Mas Adeus” (Moacyr Franco) e “Pra Dizer Adeus” (Jane & Herondy).

– Esta camisa nós vestimos com muito orgulho: Rádio e Voz Comercial Agá-Erre. A emoção está no ar!!! Em fundo musical: OH SUSIE com a banda sueca Secret Service. Essa música ficou em primeiro lugar por quatorze semanas consecutivas nas paradas

suecas. Tornou-se, também, num grande sucesso internacional. Somos testemunhas de que a alegria e a felicidade tomam conta do seu coração. Esta programação musical, que foi feita com carinho para você, anuncia o próximo sucesso!!! A composição é de Fábio Júnior e Sérgio Sá. E a interpretação de Fábio Júnior. Vai arrasar com os corações apaixonados!!! Garantimos que essa melodia jamais será esquecida por você que nos prestigia com a sua honrosa audiência. Querida assistente, você poderia ler os nove primeiros versos dessa canção? Desde já, ofereço essa canção pra você, meu amor.

– Obrigada. Dedico a você também. É uma das nossas preferidas. Dizem os versos:

*O que é que há?  
O que é que tá  
Se passando  
Com essa cabeça?  
O que é que há?  
O que é que tá  
Me faltando pra que  
Eu te conheça melhor?  
Pra que eu te receba...*

Nos estúdios da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, de frente a este locutor, mais uma das nossas prestigiadas colaboradoras. Era a Fernanda, que disse ser vendedora de uma loja de confecções, femininas e masculinas, com vendas a vista e no crediário. A mensagem que deixou na coordenação do programa musical estava, assim, redigida:

Quem não se emociona ao ouvir essa música? Sou apaixonada por ela. Na minha singela opinião, é a melhor canção romântica que alguém já compôs. É melodia pra quem ama de verdade. Simplesmente maravilhosa!!! Faz bem ao meu coração. E sou fã do Fábio Júnior, o melhor cantor do Brasil. Não tem outro igual. Estará sempre presente nos meus relacionamentos amorosos. Telefona, não deixa que eu fuja, me ocupa os espaços vazios... Sem limites para sonhar. Essa música me deixa toda arrepiada!!! Beijos!!!

– O QUE É QUE HÁ é a música indicada pela Fernanda. Amigos, todos nós amamos essa música, não é mesmo? Seu intérprete é popular e muito querido. Quem não se lembra do Fábio Júnior?

A assistente de locução nem sequer me deixou apresentá-la e foi logo revelando que o cantor Fábio Júnior nasceu em São Paulo, Capital do Estado de São Paulo. No início da sua carreira, gravou algumas canções em inglês, sob os pseudônimos de Uncle Jack e Mark Davis. Em 1977, com o nome de Fábio Júnior, lançou seu primeiro compacto. No ano seguinte, destacou-se com a música “Paí”. Outros grandes sucessos que o público elegeu: “Eu Me Rendo”, “Seu Melhor Amigo”, “Enrosca”, “20 e Poucos Anos” e “O Que é Que Há”.



Agradeço a companhia dos nossos ouvintes, esclarecendo que era muito prazeroso estar junto a todos. Pedi, então, que fossem executadas O QUE É QUE HÁ, com Fábio Júnior (sucesso nacional indicado pela ouvinte Fernanda); DOLCE AMORE MIO, composição de Galizia, Barbella e Conturso, com o grupo I Santo California; e CONTIGO AO SOL com Bob Lin.

### **SONOPLASTIA:**

Músicas: O QUE É QUE HÁ (1), DOLCE AMORE MIO (2) e CONTIGO AO SOL (3).

– Estamos de volta!!! Continua tocando CONTIGO AO SOL, composição do próprio Bob Lin, que a interpreta, e Fred Jorge. A respeito de Bob Lin, ele nasceu no dia 23 de agosto de 1944, na Cidade de Itajubá, no Estado de Minas Gerais. Cantor e compositor, gravou o seu primeiro disco em 1966, um compacto simples, cujas músicas eram “Contigo ao Sol” e “Playboy Mau”. Em seguida, fez sucesso com “Bonequinha”, “Olha o Que Você Me Fez” e “Tristeza de Broto”. Pertenceu ao movimento Jovem Guarda. O registro é da nossa assistente de locução. E, sem demora, fique ligado nesta notícia: Em 1981, foi produzido o LP “Flash Band Beatles & Hits Collection”, pelo selo Building. Entre as canções incluídas no disco: “Old Times Good Times”, “Listen To The Music”, “Any Time At All”, “It Don’t Come Easy”, “Thank You Girl”, “There’s A King Of Hush”, “I’ll Follow The Sun”, “Bus Stop”, “No Milk Today”, “Hold Me Tight”, “Day Tripper”, “Little Child”, “I Saw Her Standing There”, “I Feel Fine”, “She’s a Woman”, “Help”, “Another Girl” e “You Like Me Too Much”. Produtor executivo: Mister Sam.

.....

– Você ouve OH SUSIE com a banda Secret Service. No quadro QUAL O DISCO QUE VOCÊ MAIS OUVIU NESTE ANO DE 1983?, o nosso ouvinte Oswaldo, morador da Rua Lucas Filho, Bairro de Santa Rosa, indicou o álbum do cantor JERRY ADRIANI, lançado pela gravadora CBS, em 1972. O LP é composto por doze faixas. No Lado 1: “Como Pude Amar-te Tanto”, “Podem Falar”, “Andarilho Triste”, “Seu Vestido Branco”, “Sim Baby” e “O Que Posso Eu Fazer”. No Lado 2: “Eu Nunca Te Enganei”, “Eu Lhe Quero Tanto”, “Se Uma Lágrima Não Diz”, “Porque Te Perdi”, “Oh! Baby” e “Foi Preciso”. Com certeza, é disco de sucesso na carreira vitoriosa do cantor Jerry Adriani!!!

Mais um cartão de boas festas encaminhado à Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, que foi lido pela assistente de locução, aconselhava-nos:

Tenho posto o SENHOR continuamente diante de mim; por isso que Ele está à minha mão direita, nunca vacilarei. Portanto, está alegre o meu coração e se regozija a minha glória; também a minha carne repousará segura. Enviamos-lhes os

nossos melhores votos de feliz Natal e próspero Ano Novo. Que DEUS a todos nos abençoe!!!

Essa mensagem foi-nos enviada pelo nosso querido ouvinte Ronaldo, morador da Rua Cleto Praia, no Bairro da Olaria, a quem agradeço e retribuí os votos de boas festas.

– Maravilha!!! Esta é a sintonia mais gostosa do seu rádio!!! Continuem ligados na Rádio e Voz Comercial Agá-Erre. Todos estamos adorando este grande musical intitulado A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO. Na sequência: PORTO SOLIDÃO com Jessé.

### **TÉCNICA/VINHETA:**

Você está ouvindo A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO, o supermusical de final de ano da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, neste sábado gostoso, dia 31 de dezembro de 1983!!! Adivinha de quem é o patrocínio? Isso mesmo, chancela total da Organização Comercial Agá-Erre e da Lanchonete Espírito Santo.



**\*Raimundo Colares Ribeiro** é autor de 16 livros, entre eles “Capitais Brasileiras: Cidades Maravilhosas” e “A Música do Seu Coração”.

As canções aqui mencionadas podem ser ouvidas no canal A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO:

<https://www.youtube.com/channel/UChNWlt896004mDu3xGSlhSw>



*Revista*

# PROJETO AUTOESTIMA

[WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM](http://WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM)

## PORQUE TER AUTOESTIMA FAZ TODA A DIFERENÇA

A Revista Projeto AutoEstima foi criada em maio de 2020 pela publicitária Elenir Alves. As edições da revista são digitais e a periodicidade é mensal, abordando textos sobre incentivo, motivação, autoajuda, gastronomia, cultura, lazer, cinema, beleza, saúde, psicologia, bem estar e muito mais.

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima.

Escreva para: [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com) - c/ Elenir Alves

**100%**  
ENERGIA

NASCIDA PARA O  
**BEM ESTAR** DOS LEITORES

**MOTIVAÇÃO**

Venha **conhecer**  
a **nossa** revista

[www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com](http://www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com)





ALEJANDRA PIZARKIK - FOTO DIVULGAÇÃO

# ALEJANDRA PIZARNIK: a voz feminina da poesia maldita POR CRISTIANE DE MESQUITA ALVES

*EU SOU...  
Minhas asas?  
duas pétalas podres  
minha razão?  
tacinhas de vinho azedo  
minha vida?  
vazio bem pensado  
meu corpo?  
um corte na cadeira*

*meu balanço?  
um gong infantil*

*meu rosto?  
um zero dissimulado*

*meus olhos?  
ah! pedaços do infinito  
(PIZARNIK, 2001, tradução minha)*



**ALEJANDRA PIZARNIK** (1936-1972) ou Flora Pizarnik foi uma voz poética singular da Literatura Argentina, e, não é exagero categorizá-la nas mesmas páginas literárias dos grandes poetas românticos e simbolistas, pelo uso da temática e dado ao sentido limite da vida à poesia e vice-versa, como fizeram os poetas malditos dos séculos 19 e 20.

De origem russo-judaica, nasceu em Buenos Aires, quando a família instaurara-se na capital argentina, depois de uma temporada em Paris, exílio imposto pelo regime nazifascista, nas primeiras décadas do século XX. Muitos parentes de Alejandra foram assassinados pelo holocausto do Nazismo.

Seu sobrenome original foi Pozharnik, mas, ao chegar à Argentina, pelo pouco conhecimento de que se tinha da palavra, acabaram por registrá-la por Pizarnik. Em 1954, ela terminou seus estudos secundários e iniciou um período de hesitação acadêmica, pois ficava entre as salas de aula de Filosofia e de Letras da Universidade de Buenos Aires e as da Escola de Jornalismo (Grupo Cero, 2020).

Em 1955, Alejandra atua como repórter e participa do Festival de Cinema do Mar del Plata. Mas, a experiência jornalística fica reservada para outras situações, porque ela ainda permanecia inquieta quanto à profissão que queria exercer. Lança-se a vida literária em 1955/1956, com a publicação de seus livros. O *A última inocência*, de 1956 foi patrocinado por seu pai Don Elías. Ele também paga os honorários do psicanalista para tentar ajudar Alejandra a colocar seus devaneios e aflições, pensamentos e angústias em ordem. Ela se dedica a pintura e a poesia, no entanto, as duas atividades não são suficientes como terapia. “Ela experimenta o breve e perigoso fenômeno psicodélico das anfetaminas. Ela também cura a dor com analgésicos e toma pílulas para dormir, para escapar da vigília noturna.” (Grupo Cero, 2020, p. 2).

Alejandra viveu em Paris entre 1960 a 1964. Na cidade Luz, conheceu e tornou-se amiga de Julio Cortázar, o qual manteve uma grande admiração pela poética da nova amiga, que perduraria até o suicídio dela. Cortázar escreveu *Aqui Alejandra* – uma poesia em sua homenagem, assim como a poeta também mereceu de Octavio Paz, um suntuoso (VILLAÇA, 2018) “Prólogo” de *Árvore de Diana* (livro de Pizarnik, publicado em 1962). Nesse texto, Paz destaca que a poeta argentina “dá vazão à sua tendência de fundir imagens e conceitos, especulando imaginativamente o dicionário das palavras da poeta, da sua árvore que “não tem raízes”, sendo seu caule “um cone de luz ligeiramente obsessiva”” (VILLAÇA, 2018, grifos do autor).

Alejandra escreveu ainda em revistas e fez cursos nas universidades francesas, como a Sorbonne. Era leitora de Artaud, Rimbaud, Baudelaire, Mallarmé, Rilke, de obras cujas temáticas voltavam ao existencialismo, à liberdade, à questão filosófica e à poesia. Não à toa, suas próprias poesias dialogavam com esses temas descritos como neorromânticos e malditos. Ela foi uma poeta essencialista. Suas crises de depressão, seus estados de devaneios encontram-se expostos no decorrer de muitos de seus versos, somado a uma dor do existir que beira à poesia simbolista. Há uma correspondência entre o fugidio e a interioridade que dialoga constantemente com a presença de morte.

Por este motivo, “É quase um lugar comum referir-se ao ‘mito de Alejandra Pizarnik’, entendendo por este seu caráter de ‘poeta maldita’” (PIÑA, 2012, p. 17). Alejandra se tornou uma poetisa arquetípica porque ela consagrou corpo e alma à poesia, tocando, portanto, todas as experiências limítrofes que prescreve o mito do século XIX do poeta maldito, já traçado na poesia principalmente na experiência de românticos e simbolistas. A loucura, drogas (não mais ópio, haxixe ou álcool de paraísos artificiais e ocultistas do contato com o outro, mas os piscodrogas para defender a lucidez), solidão por último, sexualidade heterodoxa, rebelião generalizada contra as convenções, o suicídio (PIÑA, 2012), muitas vezes, provocado por doenças da psique – são os temas dos textos de Pizarnik.

As consequências da patologia consistem em ligar a vida e o trabalho da poetisa argentina. Grupo Cero (2020) argumenta que há um longo debate acerca da escritora ter cometido suicídio ou simplesmente falhou a dose de medicação. No entanto, no dia 25 de setembro de 1972, durante um fim de semana, uma semana longe da clínica psiquiátrica onde foi internada, em Buenos Aires, Pizarnik morreu. Um ano após sua morte, seu trabalho é publicado e realizado pela poetisa e tradutora Ana Becció, o trabalho coleta um grande número de poemas inéditos, escritos entre última etapa de sua vida (entre 1962 e 1972) e preservada em seu arquivo, que é mantido pela Biblioteca da Universidade de Princeton.

**Dentre os livros de Alejandra Pizarnik estão:**

- A terra mais estranha, (1955)
- A última inocência, (1956)
- As aventuras perdidas, (1958)
- Árvore de Diana, (1962)
- Os trabalhos e as noites, (1965)
- Extração da pedra de loucura, (1968)
- Nomes e figuras, (1969)
- O inferno musical, (1971)
- A condessa sangrenta, (1971)
- Os pequenos cantos, (1971)
- O desejo da palavra, (1975)
- Textos de sombra e últimos poemas, (1982)
- Zona proibida, (1982)
- Prosa poética, (1987)

São textos que dialogam com a intensidade e essencialidade do ser, do que foi a psique dessa autora que, muitas vezes, mesclou o viver com o escrever. Alejandra também escrevia dialogando temas como o sonho e a morte, por este motivo, muitos estudiosos comparam sua escrita a um interdiscurso com o surrealismo e a psicanálise. Embora tenha sido uma mulher que viveu poucos anos, escreveu intensamente e de forma marcante, por isso, ela é estudada e eternizada por nós, como uma das maiores vozes femininas da poesia maldita.



## Referências

GRUPO CERO. **Alejandra Pizarnik**: biografia. Poesía más poesía. Disponível em: [https://escuelagrupocero.com/\\_files/200000475-950ab95fe3/PoesiamasPoesiaN5.pdf](https://escuelagrupocero.com/_files/200000475-950ab95fe3/PoesiamasPoesiaN5.pdf). Acesso em: 02 fev. 2021.

PIÑA, Cristina. **Límites, diálogos, confrontaciones**: leer a Alejandra Pizarnik. Buenos Aires: Corregidor, 2012.

PIZARNIK, Alejandra. **Poesía completa**. 2ª ed. Becció, A, Ed. Barcelona: Lumen, 2001.  
VILLAÇA, Alcides. **Impurezas da ausência**. Livros centrais da argentina Alejandra Pizarnik, jun. 2018. Disponível em: <https://www.quatrocincom.com.br/br/resenhas/poesia/impurezas-da-ausencia>. Acesso em: 02 fev. 2021.

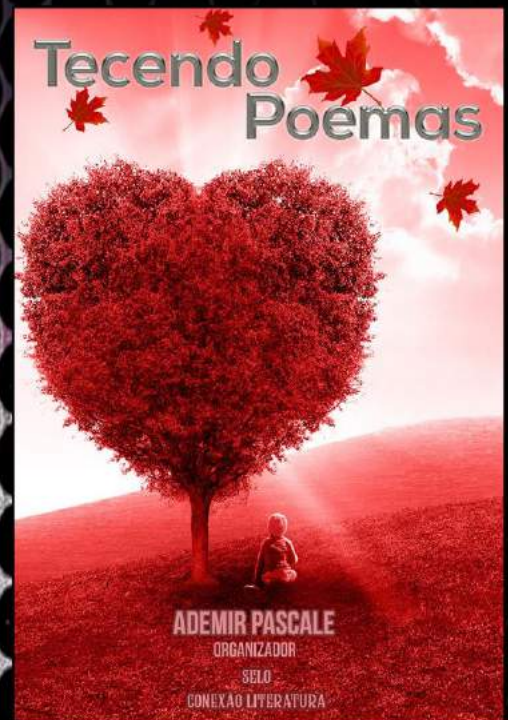
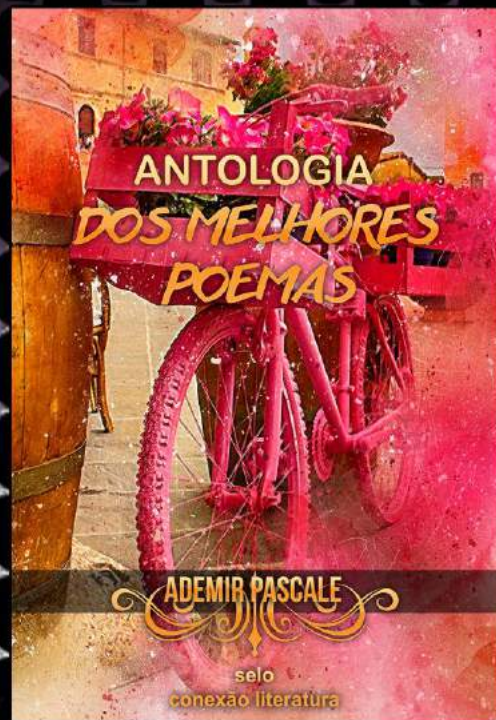
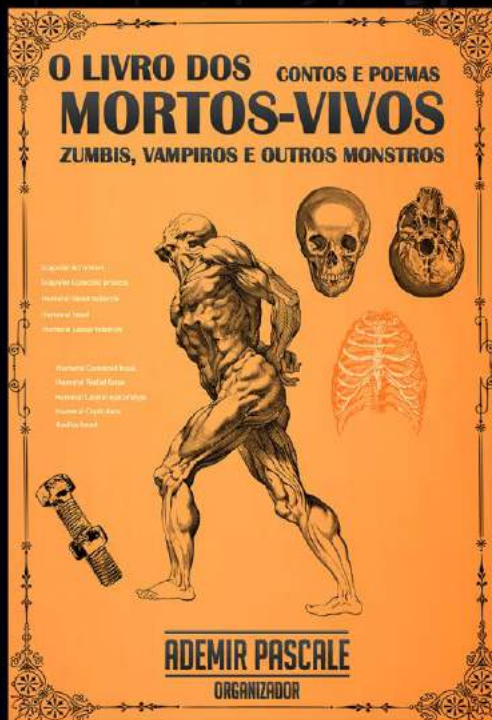


Alejandra Pizarnik | Foto divulgação

**Cristiane de Mesquita Alves** é doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC/ Unama/ Bolsista Prosup/CAPES. Professora de Literatura (ILC/UFGA). Escreve poesias e contos, além de artigos, resenhas, capítulos de livros e livros acadêmicos.



# PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA

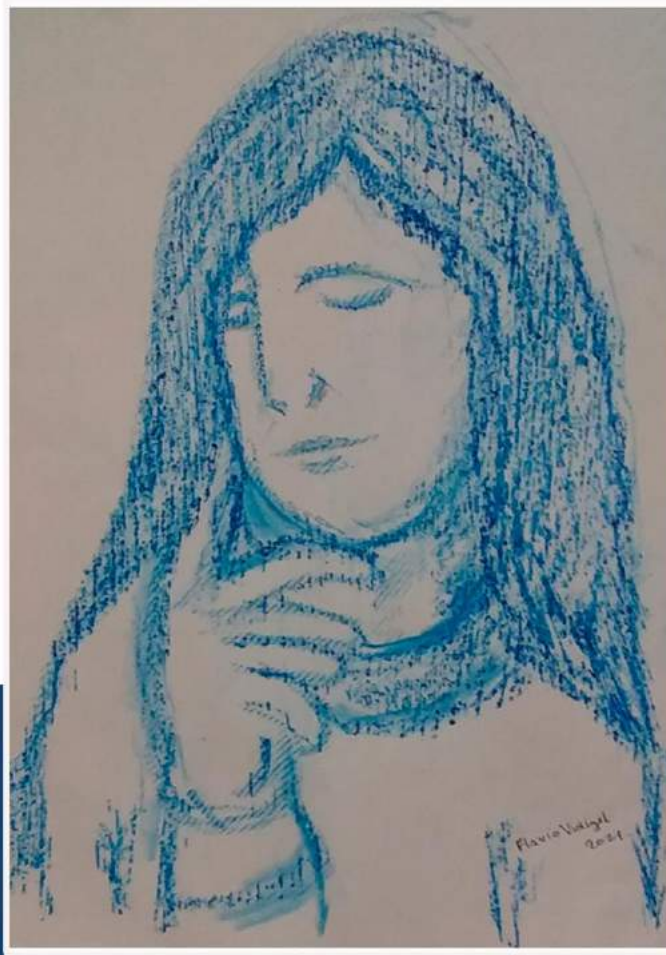


LEIA OS EDITAIS E ENVIE  
O SEU CONTO OU POEMA

ACESSE:

[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)





Crédito da arte: Flávio Vidigal

# O FEMININO EM CONSTRUÇÃO

por Flávio Vidigal

## Crônica

São as primeiras horas da manhã fria de uma grande cidade do Norte do Brasil. Volto em meu hábito das manhãs, ligar a televisão no noticiário; notícias desagradáveis da violência doméstica em nossa cidade:

“Mulher de 45 anos, morta por seu marido, junto com o seu animal de estimação”

“Jovem de 23 anos é morta com 10 tiros por namorado de 34 anos. Mais uma jovem é morta na Cidade em menos de 24 horas.”

Fora as outras notícias sobre a violência urbana e trânsito:

“Dona de casa é morta por fúria demente de seu marido com 30 facadas, familiares pedem justiça.”

“Homem de 30 anos perde a cabeça no trânsito, mata motorista com arma de fogo, motivo: discussão banal.”

Depois daqueles momentos, veio em minha mente como se eu estivesse vendo cenas de um filme...

Primeiro, uma lembrança de uma conversa com uma amiga minha Jornalista sobre a triste realidade dos ambientes de pobres mulheres que sofriam as violências domésticas, outras eram minhas memórias do tempo em que trabalhava como voluntário de incentivo à leitura numa biblioteca estadual de uma escola do segundo grau da cidade. Num dado dia comum das aulas, era no tempo das proximidades da data do dia Internacional da Mulher, 8 de Março, creio.

Uma jovem mulher, aparentando uns 25 anos, acompanhada de uma senhora de uns 40 anos, creio, com ar de serenidade e simpatia no rosto, faziam parte de uma entidade civil de defesa das mulheres, dos direitos humanos na cidade. Elas foram até a sala da diretoria e em seguida, visitaram rapidamente as sala da biblioteca da escola.

Já passado um dia, vieram apresentar sua palestra sobre as Condições das Mulheres, “Causas e sua perspectiva para o futuro” no mundo atual, com ênfase na contribuição do pensamento filosófico. Claro que havia também outras visões das ciências sociais humanas.

Na sua apresentação inicial, a doutora em Sociologia e Filosofia, no início parecia tensa, mas depois de seus gestos e falas iniciais, ficou mais serena e concentrada no seu discurso aos atentos alunos, sendo a maioria alunas.

Em sua fala, ela expressou as suas explicações, em seu tom de voz firme, com pausa, e um rápido silêncio, como que estivesse a recuperar o fôlego de voz, atenção e concentração no assunto. Uma de suas falas chamou minha atenção, era relacionada a visão de mundo dos antigos povos primitivos, onde a condição feminina no mundo era bem definida por três grandes valores:

O valor do Sagrado, muitas delas eram relacionadas ao culto dos templos, o valor da maternidade, onde era muito significativo a força do papel de gerar a vida na comunidade primitiva, e o valor das atividades de conservação da espécie do grupo e no lar. Essas sociedades primitivas viviam em constante estado de tensão, conflitos e guerras com outras tribos. Nesses três valores, mesmo assim, as mulheres permaneciam em regime de total dependência e subordinação aos poderes dos homens.

Em seguida, a doutora continuou sua fala, mostrando slides; as fases da história do pensamento humano em seu caminho de construção dos conceitos sobre o “Gênero Feminino”, num raciocínio articulado com uma construção de como a visão feminina foi formada durante a história filosófica e sua compreensão de sua condição feminina na vida real dessas culturas e civilizações até aos dias da modernidade do século quinze até aos séculos atuais.

Também, durante o discurso da doutora, percebi o rosto de espanto e de horror de uma aluna quando soube da resposta da doutora a duas perguntas feitas pelos alunos sobre os absurdos que eram as condições de vida das mulheres dos povos antigos, especialmente dos antigos gregos, que apesar de que Sócrates defendeu o valor da mulher na figura da



Sacerdotisa Diotima, e mesmo assim, nem o Filósofo Aristóteles deu muito valor significativo a mulher.

Tenho a impressão que para Aristóteles, a mulher não passava de um ser humano incompleto, e mesmo assim, sempre inferior ao homem.

Uma outra aluna já reagiu com um “ah” mais pensativo, interior, com os olhos fechados, como que ouvindo atentamente sobre o papel da mulher nas relações com os deuses na época dos antigos gregos.

Em seu discurso, percebi, que a doutora expressava um raciocínio articulado com a ideia de que o conceito do gênero feminino e na modernidade, instaurada por Renê Decartes, e em seguida com as influências das filosofias do iluminismo, positivismo e das luzes e das filosofias dialéticas do sujeito da história do espírito humano, foi se consolidando nos últimos séculos, a imagem do gênero feminino como entendemos hoje, livre, emancipada, gozando de deveres, de direitos e de igual perante às leis e aos homens na vida social e política na vida.

Outro ponto do discurso da doutora, foi quando chegou no século XX, apresentando o pensamento da Filósofa Judia Hannah Arendt, famosa por suas reflexões dos regimes totalitários, e de que como um povo, um dos mais inteligentes e cultos, puderam ser vítimas das ilusões do Estado de Grande Nação, comandada por um só homem, no regime Nazista na Alemanha, e pasmem, nem as mulheres escaparam dessa loucura da ideologia totalitária.

E no final de seu discurso de sua palestra, a doutora apresentou suas teses para as perspectivas do futuro da condição feminina no mundo, onde a luta feminina de sua construção de sua nova identidade, terá que enfrentar os desafios das novas ideais nos muitos campos do saber humano sobre o papel da mulher na sociedade e na tecnologia, os novos rumos na vida sócio política, cultural e ambiental, de sustentabilidade e da vida produtiva na vida.



**Flávio Vidigal Guimarães**, nascido em Belém do Pará, em 19 de Outubro 1963. Tem formação de Educador Social na Escola de Artes do Boi Bumba Caprichoso de Parintins (AM), onde trabalhou muitos anos. Nos anos das décadas de 2000, exerceu trabalho voluntário como auxiliar nas Bibliotecas de escolas estaduais em Parintins e na Biblioteca da Universidade Federal do Amazonas de Parintins. Foi colaborador colunista no antigo Jornal "Novo Horizonte" da Diocese de Parintins. Sistema Alvorada de Comunicação. Morou na Cidade de Macapá no Amapá, onde trabalhou na divulgação da Literatura do Amapá no Facebook no ano de 2016 até 2019. Atualmente, devido a problemas de saúde e de deficiência auditiva, aposentou-se e agora se dedica a escrever no Facebook e Instagram. Mora novamente em

Parintins. Seu texto prima pelo uso das figuras de linguagens e das imagens de suas esculturas de aviões de Papel Cartão, com o uso dos aplicativos de foto e texto do Celular.

# Cinza no Céu



**HORROR  
FANTASIA  
NOSTALGIA  
FICÇÃO CIENTÍFICA**

*Roberto Schima*

# CINZA NO CÉU

NOVO LIVRO DE  
ROBERTO SCHIMA

## SINOPSE:

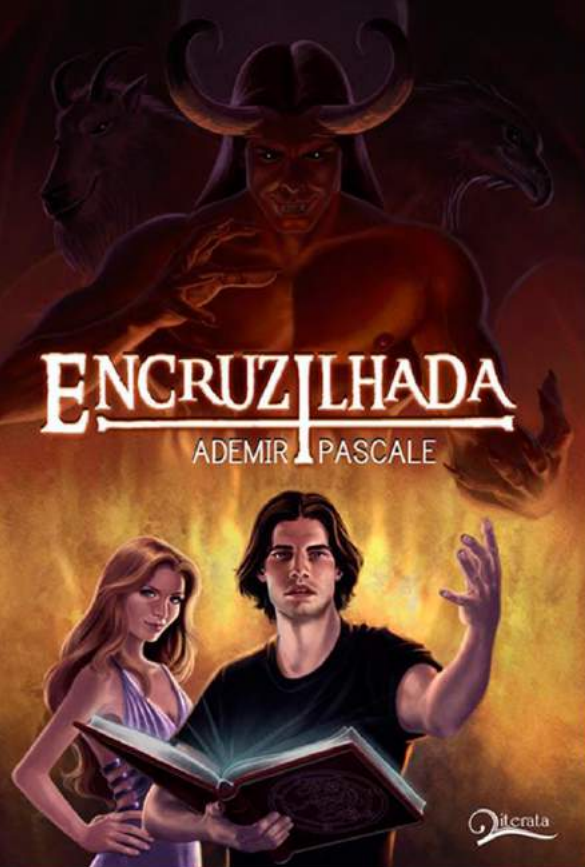
A EXEMPLO DA MINHA COLETÂNEA ANTERIOR, "SOB AS FOLHAS DO OCASO", "CINZA NO CÉU" REÚNE HISTÓRIAS QUE FORAM PUBLICADAS NA REVISTA DIGITAL "CONEXÃO LITERATURA", EDITADA POR ADEMIR PASCALE. DESTA FEITA, A PARTIR DO Nº 49 DA PUBLICAÇÃO. OS CONTOS AQUI REUNIDOS ABRANGEM FANTASIA, HORROR, FICÇÃO CIENTÍFICA, NOSTALGIA. TAMBÉM INCLUI ALGUMAS CRÔNICAS, POESIAS E MÁXIMAS/REFLEXÕES. SE ESTÃO DISPONÍVEIS NAS VÁRIAS EDIÇÕES DA REVISTA CUJO DOWNLOAD É GRATUITO, MINHA MOTIVAÇÃO PARA O LANÇAMENTO EM LIVRO É IGUALMENTE PELO DESEJO DE NÃO SOMENTE VER AS HISTÓRIAS REUNIDAS EM LIVRO, MAS TAMBÉM PODER MANUSEÁ-LO, FOLHEÁ-LO, GUARDAR NA ESTANTE. ADEMAIS, COMO JÁ ME REFERI CERTA VEZ AO EXEMPLIFICAR A QUESTÃO DO E-BOOK E DO LIVRO FÍSICO, AMBOS SÃO CO MO UMA PESSOA QUERIDA, ENTREMENTES, NO PRIMEIRO CASO A GENTE VÊ ESSA PESSOA PELA INTERNET, ENQUANTO QUE, NO SEGUNDO, PODEMOS ABRAÇÁ-LA. E TOCAR UM LIVRO QUE A GENTE ESCREVEU É COMO ABRAÇAR O PRÓPRIO SONHO. "LIMBOGRAPHIA", "O OLHAR DE HIROSAKI", "SOB AS FOLHAS DO OCASO" E, AGORA, "CINZA NO CÉU" SÃO RETALHOS DE MUNDOS DIVERSOS QUE PREENCHERAM MINHA MENTE, NOS QUAIS MERGULHEI, ME PERDI, ME ACHEI, POR VEZES COM RELUTÂNCIA EM VOLTAR. PARA MIM, ELAS EXISTEM DE VERDADE. ESTOU NELES. ESTÃO EM MIM. E SÃO AQUILO QUE DEIXAREI PARA TRÁS.



Para saber mais ou adquirir:

<https://loja.uiclapp.com/titulo/ua2785/> e <https://clubedeautores.com.br/livro/cinza-no-ceu>





**POR ADEMIR PASCALE**

**Música, Cinema e Literatura**

**D**izem que um jovem norte-americano, de nome Robert Johnson (1911-1938), tocava violão como ninguém: um som mágico, irreverente e que contagiava quem quer que fosse. Dizem também, que numa noite qualquer, antes do seu sucesso no Blues, levou o seu violão numa encruzilhada, e que um homem negro, muito alto e forte, surgiu do nada, pediu o seu instrumento emprestado e afinou as suas cordas. Johnson deixou o fato registrado na faixa de 1937, intitulada Me and the Devil Blues. As garotas ficavam encantadas com o jovem, os homens, com ciúmes. Mas o sucesso durou pouco tempo, pois numa noite enluarada, após uma apresentação num bar, em sua casa, o mesmo homem que afinou as cordas do seu violão, bateu à sua porta. Robert Johnson foi encontrado morto no dia seguinte.

Outros dizem que o dono do bar onde fez a sua última apresentação, com ciúmes da esposa que ficara encantada com o rapaz, envenenara a sua bebida.

Robert Johnson não teve autópsia, constando em seu óbito apenas Sem Médico Legista.

E até hoje, encontra-se cravada em sua lápide, a figura do seu violão mágico.

Me and the Devil  
was walkin' side by side  
Me and the Devil, ooh  
**Robert Johnson, Me And The Devil Blues**





Esta é a faixa bônus do meu romance Encruzilhada, publicado em 2011 pela Editora Literata. A obra foi inspirada em Robert Johnson. O meu livro também é citado na página da biografia de Robert Johnson na Wikipédia: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Robert\\_Johnson](https://pt.wikipedia.org/wiki/Robert_Johnson)



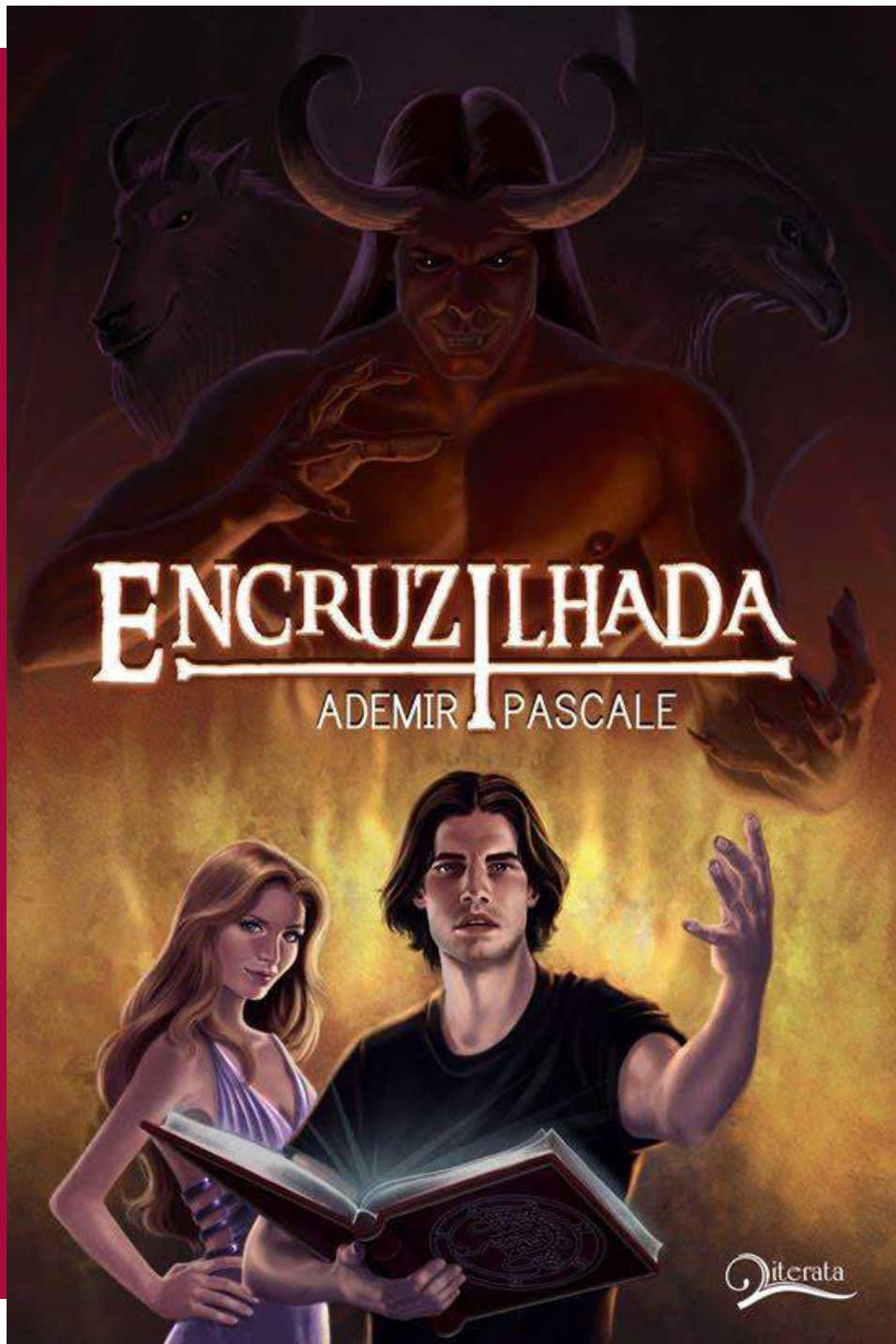
### TRECHO NA WIKIPÉDIA:

Este mito foi difundido principalmente por Son House, e ganhou força devido às letras de algumas de suas músicas, como "Crossroads Blues", "Me And The Devil Blues" e "Hellhound On My Trail". O mito também é descrito no filme de 1986 Crossroads, no episódio 8, da segunda temporada da série Supernatural e no episódio 14 da terceira temporada de Legends of Tomorrow, **além da faixa bônus da página 101 do livro Encruzilhada (Literata, 2011), do autor brasileiro Ademir Pascale**. O mito ainda explica detalhes sobre ele ter saído desesperadamente do bar Tree Forks, sendo perseguido por cães pretos e foi encontrado com marcas de mordidas profundas, cortes em forma de cruz no rosto e seu violão intacto ao lado do corpo ensanguentado. Robert morreu de olhos abertos e uma expressão tranquila no rosto.

Sinopse do livro Encruzilhada - Ademir Pascale (Literata, 2011): Um padre ganancioso, frio e calculista, através de um ritual macabro, liberta um dos cinco príncipes do inferno. Um jovem de dezenove anos passa por problemas amorosos, financeiros e familiares. Um pugilista, cansado de ser humilhado desde a infância, tenta alcançar a fama a qualquer



preço... (link da página publicada em 2011 com todos os detalhes sobre o livro, como produção da capa, etc.: <http://odesejodelilith.blogspot.com/2011/05/encruzilhada-meu-novo-romance-de-horror.html>)



**NOTA:**

O livro não está mais à venda, mas pode ser encontrado em sebos: <https://www.estantevirtual.com.br/livros/ademir-pascale/encruzilhada/444079602>

Os leitores que curtiram a história também poderão assistir o documentário “O Diabo na Encruzilhada - A História de Robert Johnson” (Netflix, 2019).

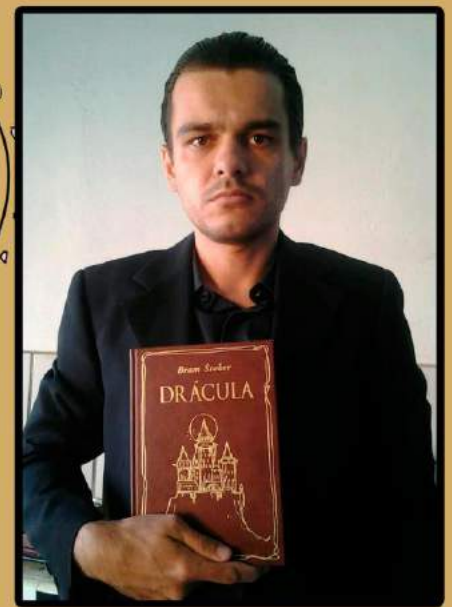




**LEITORA: ANGELICA COLONESE MAVER - SÃO PAULO /SP**  
**LIVRO: GALERIA CLARKE DE SUSPENSE E MISTÉRIO**  
**VÁRIOS AUTORES. A LEITORA PARTICIPA COM UM CONTO.**



**LEITORA: CRISTIANE DE MESQUITA ALVES - BELÉM/PA**  
**LIVRO: A DESCOBERTA DO MUNDO**  
**AUTORA: CLARICE LISPECTOR**



**LEITOR: GUILHERME XAVIER - MOGI GUAÇU/SP**  
**LIVRO: DRÁCULA**  
**AUTOR: BRAM STOKER**



— revista —  
**conexão**  
**LITERATURA**

# Seção "Leitores Indicam"

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



**LEITORA: FLÁVIA REDMAN DE ASSIS**  
**MANAUS/AMAZONAS**  
**AUTORA: CLARICE LISPECTOR**  
**LIVRO: A HORA DA ESTRELA**



**LEITOR: ROBERTO SCHIMA - SALTO/SP**  
**LIVRO: CINZA NO CÉU**  
**AUTOR: ROBERTO SCHIMA**



**LEITORA: KATIA S PARENTE - SÃO PAULO/SP**  
**LIVRO: HERANÇA SOMBRIA, KATIA S PARENTE**  
**AUTORA: KATIA SIMÕES PARENTE**

**TIRE UMA FOTO COM O LIVRO QUE VOCÊ ESTÁ LENDO OU QUE DESEJA INDICAR A LEITURA.**  
**AUTORES TAMBÉM PODERÃO TIRAR FOTOS COM SEUS PRÓPRIOS LIVROS.**

**REGRAS PARA PARTICIPAR:**

**- ENVIE UMA FOTO SUA COM O LIVRO (BEM NÍTIDA).**

**- NO E-MAIL QUE MANDAR A FOTO ANEXADA, MANDE NO CORPO DO E-MAIL O TÍTULO DO LIVRO E AUTOR, MANDE SEU NOME E ESTADO ONDE RESIDE.**  
**DIGA TAMBÉM QUE AUTORIZA A PUBLICAÇÃO DA SUA FOTO.**

**- MANDE TUDO PARA O E-MAIL: [ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM](mailto:ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM) - AOS CUIDADOS DE ADEMIR PASCALE**







# FANZINES, PENSAMENTO CRÍTICO E RESISTÊNCIA: UMA INTRODUÇÃO\* POR JOSÉ FLÁVIO DA PAZ\*\*

**Ensaio**

A palavra fanzine deriva da junção de outras duas FAN e (maga)ZINE. Podendo caracterizá-lo, em termos, como um livro produzido de maneira manual e artesanal, sem o emprego de grandes tecnologias, uma que o autor também assume a função de diagramador, editor, designer gráfico e outras, por este motivo envolve baixo investimento material ou mesmo grandes produções editoriais, cujos objetivos é promover uma temática crítica-reflexiva aos seus leitores e informar seus leitores acerca de assuntos bem específicos..

Sua origem decorre da década de trinta do século passado, ocasião que leitores, pesquisadores e leitores de ficção científica começaram a pensar no gênero, denominando-o, inicialmente de boletim, expressões usuais para gêneros bem específicos na atualidade. O termo “fanzine” seria criando na década de quarenta:



A origem da palavra fanzine veio dos Estados Unidos, criada em 1941, por Russ Chauvenet. Sua denominação surge da abreviação de outras duas palavras que são: Fan, advindo de *Fanatic*, que significa fanático ou fã, e Zine, redução de *Magazine*, que quer dizer revista, sendo a junção das duas palavras traduzida como “revista de um fã”. Vinculado diretamente ao público interessado em histórias de ficção



científica, os primeiros fanzines são produzidos de forma amadora pelos leitores das revistas profissionais sobre esta temática. (PINAGÉ & ALBUQUERQUE, 2014, p. 318)

O gênero fanzine teve seu auge na década de sessenta/setenta desse século com o Movimento Punk, nos Estados Unidos e Reino Unido, especialmente em Londres, coincidindo com um momento político tenso, favorecendo e inspirando à crítica artístico-literária, precisamente a juventude inconformada com as práticas antidemocráticas da época.

Outro aspecto que se deve acrescentar era o de a imprensa não promover ou dar a visibilidade que determinadas bandas dessas décadas exigiam, restando a essas os fanzineres como meio de difusão e informes a grupos, cantores e cantoras bem específicos.

Nesse contexto, os fanzineres tiveram e, ainda tem um papel importante na socialização das informações, visto que circulavam entre os vários grupos juvenis formados por trabalhadores e pessoas menos favorecidos. Portanto, de poucos recursos financeiros para pensar na possibilidade de uma publicação mais bem elaborada e de alto custo, mas que mundo afora pensava aproximadamente as perspectivas anarquistas da ocasião, criando uma imprensa alternativa e reforçando as premissas da literatura marginal.

O fanzine, segundo o pesquisador do gênero, fanzineiro e professor universitário, Angelo Davanço, surge no Brasil, em Piracicaba, interior de São Paulo, em 12 de outubro de 1965, pelas mãos do advogado e contador, não exercendo tais funções, mas tornando-se desenhista técnico do jornal Estado de São Paulo e colaborador de jornais, desenhista, cartunista, ilustrador, artista plástico e visual, além de radialista brasileiro, Edson Rontani que recebeu o título de Mestre do Quadrinho Nacional, pela AQC-Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo.

O advento das máquinas de copiar, dos computadores e da internet favoreceu a produção e a promoção do gênero, inclusive lhe atribuindo um valor mercadológico, tendo em vista as necessidades de contratação de mão de obra qualificada para a devida finalidade, designers e suportes.

Atualmente, os fanzine têm sido, como nas suas origens, um excelente instrumento de difusão de ideias e práticas não opressoras contra mulheres, LGBTQI+, afrodescendentes, crianças, idosos *et cetera*, objetivando o esclarecimento e a informação em tempos tão horrendos e de contramão ao avanço humano, os quais se vive e se instiga a propagação do sentimento de ódio e de segregação pela cor da pele, religião, partido político e mesmo times de futebol que torcem. Não respeitando as diferenças e diversidade pelas quais, o Brasil é formado.

Na educação, como recurso de ensino-aprendizagem e produção intelectual é um excelente instrumento, pois se alia ao processo criador, técnicas de recorte e colagem, reaproveitamento de jornais, livros, revistas, embalagens diversas e estamparias em papel e/ou tecidos variados que poderiam se tornar lixo, sendo a reciclagem uma atitude consciente e responsável de todo o cidadão. Logo, seja na produção, na leitura e/ou na



troca de fanzines na sala de aula, o contato visual e tátil, causará sensações e percepções fantásticas.

No cotidiano, por meio das artes, causa uma visualidade bastante expressiva, visto que o fanzine não é produzido apenas no papel em branco, alguns rabiscos e desenhos soltos, mas se utiliza de outras iniciativas que dão mais vida e brilhantismo ao trabalho que, como dito, é temático por desenvolver uma crítica a algo, a alguma personalidade em particular ou instituição e envolve questões das mais diversas áreas desde a literatura, passando pela política, economia, cultura, agricultura e outras, ou seja, inúmeras visões acerca das humanidades e das ciências sociais por meio das imagens e cores e, por vezes, faz uso das palavras, talvez por serem próximas às concepções das histórias em quadrinhos, das tiras e das charges, gêneros que se entrelaçam na produção multiforme, multimodal e artística do fanzine.

Seus formatos são os mais diversos, não sendo exigido do faxineiro um formato, tamanho ou modelo padrão pré-estabelecido, cabendo a cada autor usar da sua criatividade em prol da sua melhor maneira de se expressar diante de uma situação ou tema selecionado para produção do seu fanzine. Há, inclusive, possibilidades de se pensar um fanzine coletivo, ou seja, a junção de ideias de vários autores sobre um determinado tema, cujo resultado será um único fanzine. Pode ter formato A4, conforme folha de sulfite padrão, mas pode ter formato de bolso, colorido ou preto e branco, ou ainda, editado por grandes editoras ou feito de modo manual.

O importante é que comunique, seja lido e circule nos meios possíveis da sociedade cumprindo o seu fim existencial, ainda que para existir resista às adversidades comuns oriundas das tecnologias da informação e comunicação, mas as dificuldades de acesso à leitura e ao incentivo da sua produção. Afinal, todos necessitam se tornar gente frente ao mundo e anunciar sua chegada, permanência e partida deste Universo. O fanzine é um, portanto, um excelente recurso para os pequenos que desejam alçar voos nos cenários da comunicação, leitura e literatura.

Fanzine-sell!

## REFERÊNCIAS

- DAVANÇO, Angelo. Faça Zine - O Mundo Criativo dos Fanzines. In: **Casa da Ciência**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dg4jSl3tSSg>. Acesso em 17 dez. 2020;
- PINAGÉ, Caroline de Assis Campos; ALBUQUERQUE, Gabriel Arcanjo dos Santos. Fanzines no Brasil e em Manaus: um breve histórico. In: **Revista Estação Literária** - Londrina, Volume 12, p. 316-331, jan. 2014. p. 316-331. ISSN 1983-1048. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL12-Art20.pdf>. Acesso em 11 dez 2020;

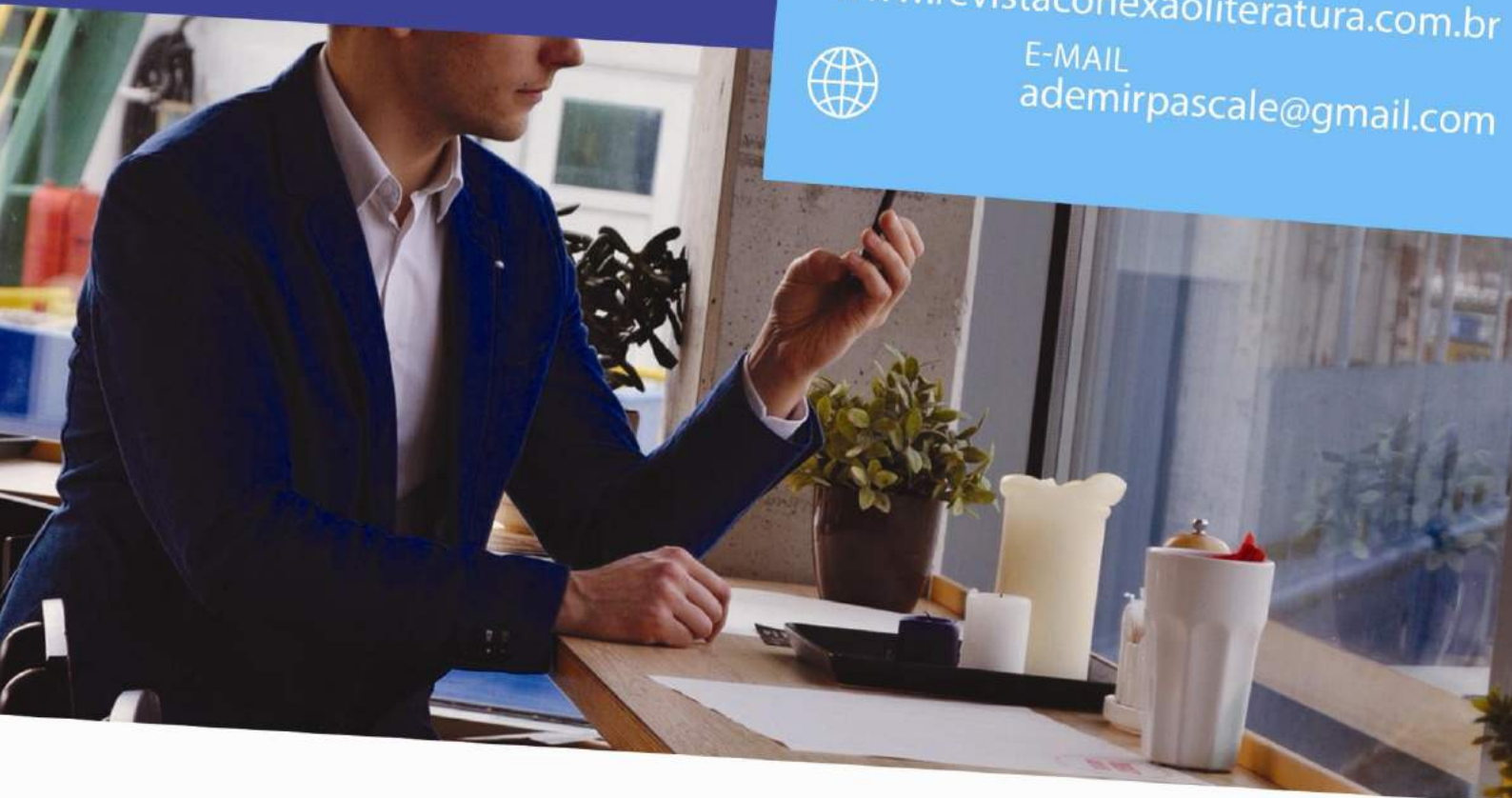
\* Trabalho apresentado à disciplina **Literatura, Imprensa e Vida Social** do Programa de Pós-Graduação (nível Doutorado) em Estudos Literários do Campus Universitário de Tangará da Serra da Universidade Do Estado De Mato Grosso-PPGEL/UNEMAT, sob a mediação docente da Profa. Dra. Walnice Aparecida Matos Vilalva – 2020.2.



\*\* Doutorando em Estudos Literários-UNEMAT; Mestre em Estudos Literários-UNIR; Mestre em Letras-UNIMAR; Especialista em Docência com Ênfase em Educação Básica-IFMG; Educação e Sociedade-FAEL; Língua Portuguesa - Redação e Oratória-FAEL; História e Cultura Afro-Brasileira-Faveni; Língua, Linguística e Literatura-FBMG; Produção Textual-Faveni; Gestão Escolar Integradora (Adm., Orientação, Inspeção e Supervisão)-FBMG, Teoria da Literatura e Produção de Texto-FBMG; Filosofia e Sociologia-Faveni; Metodologia do Ensino, Neuropsicopedagogia, Educação Especial e Inclusiva-Futura; Pedagogia Empresarial-Faiara; Alfabetização e

Letramento-UCAM; Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas-UnB; Psicopedagogia Institucional-Unicid; Educação Inclusiva-Unicid; Educação Ambiental e Geografia do Semi-árido-IFRN; Linguística e Formação de Leitores-Faiara; Língua Portuguesa e Literatura Brasileira-Faiara; Comunicação, Cultura Organizacional e Tecnologia-Faiara; Cultura e Literatura-UCAM; Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, Literatura e Artes-Futura, cursando Especialização em Práticas Pedagógicas-IFNMG; Habilitado para o Ensino de Língua Portuguesa-UNIFAP; bacharel em Letras/Libras-UFSC; bacharel em Teologia-FATEDF; licenciado em Filosofia-FATEOFI, cursando licenciatura em Pedagogia-UNASP, licenciatura em Letras/Inglês e Letras/Espanhol, ambas pelas FABRAS. Docente da Universidade Federal de Rondônia-UNIR.





## PACOTE DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

POR APENAS R\$ 100

Somos especialistas em divulgação de  
livros e autores.

Conheça o Pacote Divulgação e veja o  
custo/benefício

O pacote inclui entrevista com o  
autor(a), divulgação nas redes soci-  
ais Facebook, Twitter e Instagram e  
publicação na revista literária e  
digital Conexão Literatura.

**BÔNUS:** Você ainda ganha a  
publicação do  
release no site  
da revista

SAIBA MAIS, ACESSE:

[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)





# PARA PERCORRER AS VEREDAS

POR JOSÉ ROBERTO PEREIRA

*[...] Viver é muito perigoso... Querer o bem com demais força, de incerto jeito, pode já estar sendo se querendo o mal, por principiari. Esses homens! Todos puxavam o mundo para si, para o concertar concertado. Mas cada um só vê e entende as coisas dum seu modo. [...]* (Trecho de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa)

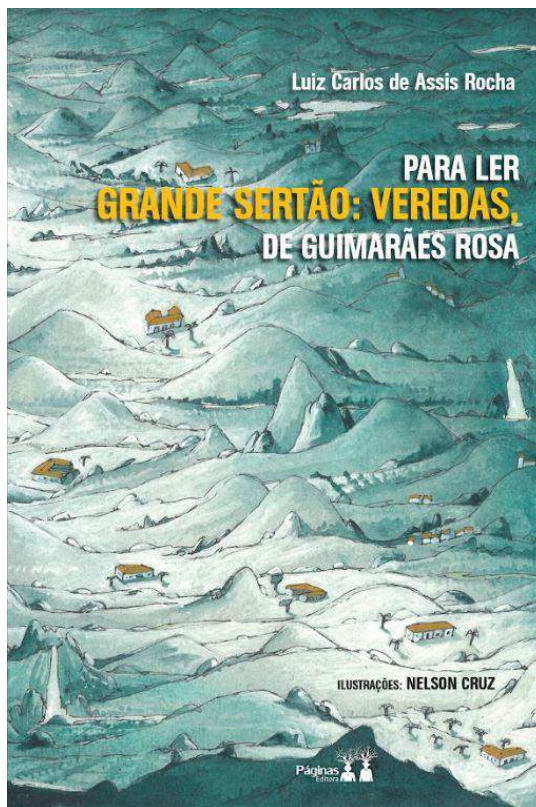
## Literatura

**R**otulada como obra complexa e de difícil compreensão, o leitor precisa, primeiramente, se desarmar para ler *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa. Nessa obra, o autor nos apresenta uma Minas Gerais pouco conhecida, e ler esse *Sertão* é o mesmo que descortinar horizontes sobre nós mesmos e compreender os registros linguísticos presentes na inovadora narrativa literária construída pelo autor. Porém, existe um abismo entre o livro *Grande Sertão: Veredas* e o



público com potencial para se enveredar obra adentro, lendo-a. Ladeada a essa lacuna, acrescenta-se a falta de interesse de boa parte dos brasileiros por leitura de modo geral.

João Guimarães Rosa figura entre os melhores escritores brasileiros e é citado por intelectuais como um dos mestres da Literatura Universal. Mas por que a obra dele fica em *stand-by*? Seus livros permanecem em bibliotecas particulares e públicas, acumulando poeira, à espera de leitura pelo grande público. Mais grave ainda é que uma parcela significativa de brasileiros não sabe quem é João Guimarães Rosa. Muitos desconhecem que ele foi contista, romancista, romancista e diplomata. E mal sabem que ele nasceu em Cordisburgo, MG, em 27 de junho de 1908 e formou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. Guimarães Rosa estará sempre em destaque na galeria da Literatura Nacional. O escritor enveredou-se pela Literatura, primeiramente, por meio da revista *O Cruzeiro*, em 1929, com o conto *O mistério de Highmore Hall*. Após tornar-se diplomata, foi cônsul em Hamburgo, Alemanha, entre os anos de 1938 a 1942.



Em seguida, de volta ao Brasil, exerceu inúmeros cargos públicos. *Sagarana*, seu primeiro livro, publicado em 1946, figura entre os melhores livros brasileiros. Em 1952, a revista *O Cruzeiro* registrou uma excursão que Rosa fez em Minas Gerais acompanhando um grupo de boiadeiros por cerca de 240 quilômetros, aproximadamente, guiando, junto deles, a boiada. A ambientação, as fazendas e o convívio com pessoas dos locais por onde ele passou serviram de material de pesquisa para seu livro mais célebre, *Grande Sertão: Veredas*, publicado em 1956. Sobre o livro, o escritor disse, em um canal de tevê, na Alemanha, em 1962, único registro audiovisual em que explica seu romance, que sua obra *tem um fundo telúrico, real [...] passa-se uma história, com transcendência, visando até o metafísico. Seria quase que uma espécie de fausto sertanejo*. João Guimarães Rosa ocupou a cadeira nº 2 da Academia Brasileira de Letras. No discurso de recepção de Rosa na renomada instituição, o acadêmico Afonso Arinos de Melo Franco referiu-se a ele como:

*[...] Escritor ligado à terra, às limitações temporais e espaciais de uma certa terra brasileira, não sois, no entanto, um escritor regional, ou antes, o vosso regionalismo é uma forma de expressão do espírito universal que anima a vossa obra e, daí, sua repercussão mundial. Sem dúvida exprimis o social – isto é, o local – nos vossos livros e, neste ponto fostes, como nos demais, um descobridor. Manifestastes um aspecto de Minas Gerais que o Brasil não conhecia: a vida heroica; o heroísmo como lei primeira da existência, na guerra e na paz, no ódio ou no amor. [...]*

*Grande Sertão: Veredas*, após ser lançado, provocou polêmica entre críticos, produzindo opiniões divergentes, principalmente sobre a linguagem usada pelo autor na obra. Mas, nos anos que se seguiram, o livro tornou-se uma referência nos meios acadêmicos, e hoje está listado como uma das obras brasileiras mais estudadas e interpretadas em teses de mestrado e doutorado. Foi traduzido para alguns países e adaptado para a tevê, transformando-se em uma minissérie exibida pela *Rede Globo de Televisão* no ano de 1985.

No texto, se faz presente uma aclamada linguagem que — com experimentações linguísticas, como o uso dos arcaísmos, a recriação e o registro de linguagem sertaneja, a invenção de vocábulos, as construções semânticas e sintáticas — conferem encanto e originalidade à obra. Por outro lado, ironicamente, são esses mesmos elementos que criam o abismo entre o público e o livro. Ler e compreender *Grande Sertão: Veredas*, para quem não tem familiaridade com a escrita rosiana, pode ser, sim, uma difícil tarefa a ser cumprida.

Entre tantos atrativos em *Grande Sertão: Veredas*, a história de amor entre os protagonistas do romance se destaca. Na saga, Riobaldo, ex-jagunço, na primeira parte da história, relata suas inquietações, mergulha em conflitos internos, discutindo, de forma desordenada, temas universais, como o bem e mal, Deus e o diabo, a vida e a origem do homem. Riobaldo, à sua maneira — personagem psicologicamente bem construído pelo autor — é uma espécie de filósofo de seu tempo que narra sua própria história. A primeira impressão, aos olhos de alguns leitores que adentram as páginas de *Grande Sertão: Veredas*, é a de que tanto a narrativa quanto o personagem se mostram caóticos e desordenados, mergulhados em questões existenciais e filosóficas. Mas, após percorridas as primeiras dezenas de páginas, o leitor perspicaz vai, aos poucos, se ambientando com o universo original do autor. É preciso encontrar até mesmo uma respiração adequada para prosseguir a leitura, pois o texto tem uma velocidade própria. Como bem fazem os artistas cênicos que encontram uma forma de respirar apropriada para os personagens que interpretam, o leitor de *Grande Sertão: Veredas* precisa ajustar sua respiração ao ritmo da história, além de se permitir entrar no mundo rosiano.

Quando Reinaldo, outro personagem importante do romance, apresentado pelo autor com o nome de Diadorim, entra na narrativa, o livro abre novas veredas. No desenrolar das relações conflitantes entre os personagens da saga, em pleno sertão mineiro, Diadorim vai inaugurar emoções profundas em Riobaldo. O amor, o mais desejado dos sentimentos, aflorará em Riobaldo, e será acompanhado de conflitos disparatados e de repressão, uma vez que a relação amorosa entre dois jagunços seria improvável. Os anseios de Riobaldo e de Reinaldo/Diadorim sobrevivem entre guerras de grupos rivais de jagunços e oscilações de lideranças nas regiões do interior do Brasil onde a história se passa, Minas Gerais e em suas divisas com os estados da Bahia e de Goiás. As paisagens ricas e exuberantes, os usos e costumes de um Brasil desconhecido pela maioria dos brasileiros vão sendo revelados pelo autor por meio dos personagens, jagunços que, sobre seus cavalos, percorrem também os caminhos sinuosos que se aprofundam nas mazelas humanas. Quem se propõe a mergulhar nessa obra rosiana,



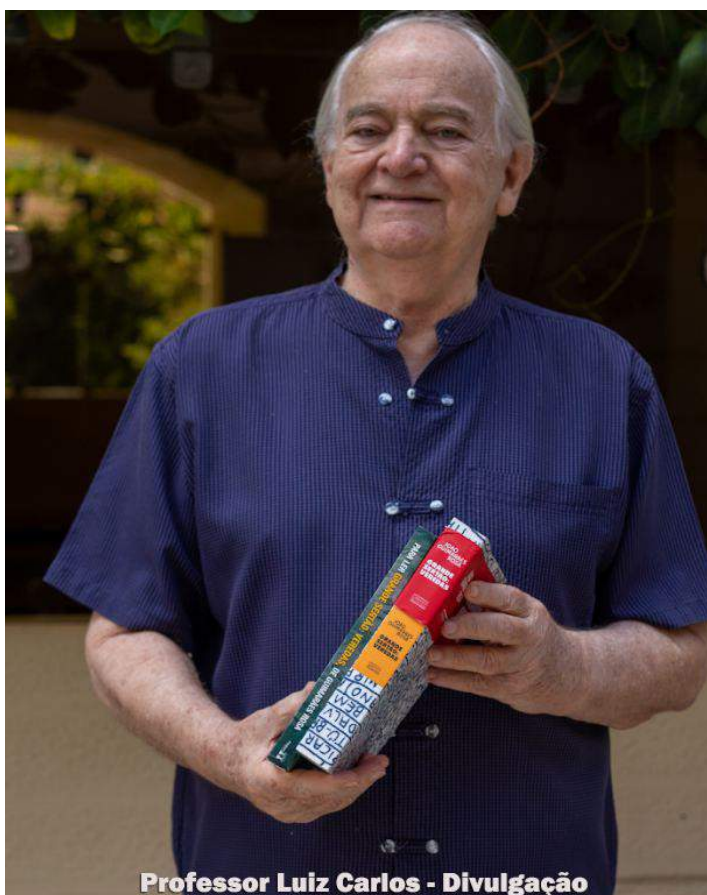
certamente vai se encantar por Riobaldo e seus conflitos, em passagens como estas, por exemplo:

*[...] Tudo turbulindo. Esperei o que vinha dele. De um aceso, de mim eu sabia: o que compunha minha opinião era que eu, às loucas, gostasse de Diadorim, [...] no fim de tanta exaltação, meu amor inchou, de empapar todas as folhagens, e eu ambicionando de pegar em Diadorim, carregar Diadorim nos meus braços, beijar, as muitas demais vezes, sempre. [...] Só se pode viver perto de outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura. [...]* (Trechos de *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa)

Como terá desfecho esse amor, se ele irá prosperar e se aprofundar entre os jagunços Diadorim e Riobaldo, somente a leitura do romance poderá revelar. Um bom ponto de partida para ler e compreender a obra é começar pela leitura do livro *Para ler Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, de Luiz Carlos de Assis Rocha, lançado recentemente pela Páginas Editora.

Natural de Pitangui, Minas Gerais, Rocha foi professor no Sistema Estadual de Ensino e no curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Possui doutorado pela Faculdade de Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, onde defendeu sua tese baseada na linguagem de Guimarães Rosa. *Para ler Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, é o resultado de mais dez anos

de pesquisa sobre o texto do renomado autor. Paralelamente aos estudos para compor o livro, Luiz Carlos de Assis Rocha desenvolveu outra pesquisa, de forma informal, indagando pessoas que haviam lido ou não *Grande Sertão: Veredas*. O resultado o surpreendeu. Entre escritores, jornalistas, intelectuais, acadêmicos e pessoas que leem regularmente, a obra rosiana permanece desconhecida ou pouco visitada para leitura. Diante dessa constatação, tornou-se oportuno elaborar uma espécie de manual para facilitar o contato com um dos grandes livros da literatura nacional, bem como sua compreensão. Com maestria, aliada à experiência de professor que acumulou ao longo da vida acadêmica, por meio de seu livro, Rocha apresenta curiosidades que vão despertar o interesse pela obra-prima rosiana e facilitar seu entendimento. Muito mais que uma preparação para ler Guimarães Rosa ou um dicionário das palavras e expressões presentes em *Grande Sertão: Veredas*, o livro de Luiz Carlos de Assis Rocha é, fundamentalmente,



**Professor Luiz Carlos - Divulgação**

uma explicação sobre uma parte do jeito mineiro de ser e de falar, espalhado por tantos sertões das Gerais. Diagramado por Nelson Flores e ilustrado por Nelson Cruz, *Para ler Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa apresenta, de maneira didática, leve e ricamente detalhada, um passo a passo para mergulhar na obra rosiana, como nos exemplos abaixo:

**[...] frase desestrut. – frase desestruturada**

*A verdadeira revolução rosiana se faz no campo da sintaxe. O que torna o texto de Guimarães Rosa inconfundível é a construção da frase, aliada a uma significação especial que é dada às palavras e às orações. Algumas frases são construídas de uma maneira tão diferente do português comum que alguns leitores chegam a dizer que se trata de uma outra língua, de um sistema linguístico diferente do da língua portuguesa. Mas como se trata de um número de frases relativamente reduzido, considerando a extensão de GSV, não se pode dizer que GR tenha criado uma outra língua, ipso facto, com uma sintaxe diferente. [...] Que sirvam de exemplo as passagens abaixo, [...] Que vontade era de pôr meus dedos, de leve, o leve, nos meigos olhos dele, ocultando para não ter de tolerar de ver assim o chamado, até que ponto esses olhos, sempre havendo, aquela beleza verde, de me adoecido, tão impossível. (p. 46/40); [...] Só nos olhos das pessoas é que eu procurava o macio interno delas; só nos onde os olhos. (p. 426- 427/ 307); [...] E uma vela acesa, uma que fosse, ali ao pé, a fim de que o fogo alumiar a primeira indicação para a alma dele... (p. 582/416) [...]*

[...] **Deus é definitivamente** – ‘Deus é eternidade, segurança’

**retentiva** – ‘faculdade de reter na memória’; dicion.

**sufusa** – ‘espalha, difunde’; neolog.; verbo sufusar, estrang., latin. suffundo, suffundere.

**dos acasos** – ‘das dúvidas, das indecisões’

**Para trás, não há paz.** – ‘as pessoas sofrem ao se lembrarem do passado’; rima; ritmo; erud. [...]

(*Trechos de Para ler Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, de Luiz Carlos de Assis Rocha)

Vale destacar que, nas Minas Gerais, o celebrado livro de João Guimarães Rosa também não figura entre os mais lidos pelo público mineiro. Talvez o trabalho de Rocha, posto como uma referência para iniciar a leitura *Grande Sertão: Veredas*, mude essa estatística. Segundo Rocha, o leitor perceberá, já nas primeiras páginas, o quanto o conteúdo irá prepará-lo para “sanar as dificuldades apresentadas pelo livro relativas aos efeitos de linguagem, aos significados do texto e à compreensão da obra de um modo geral”.

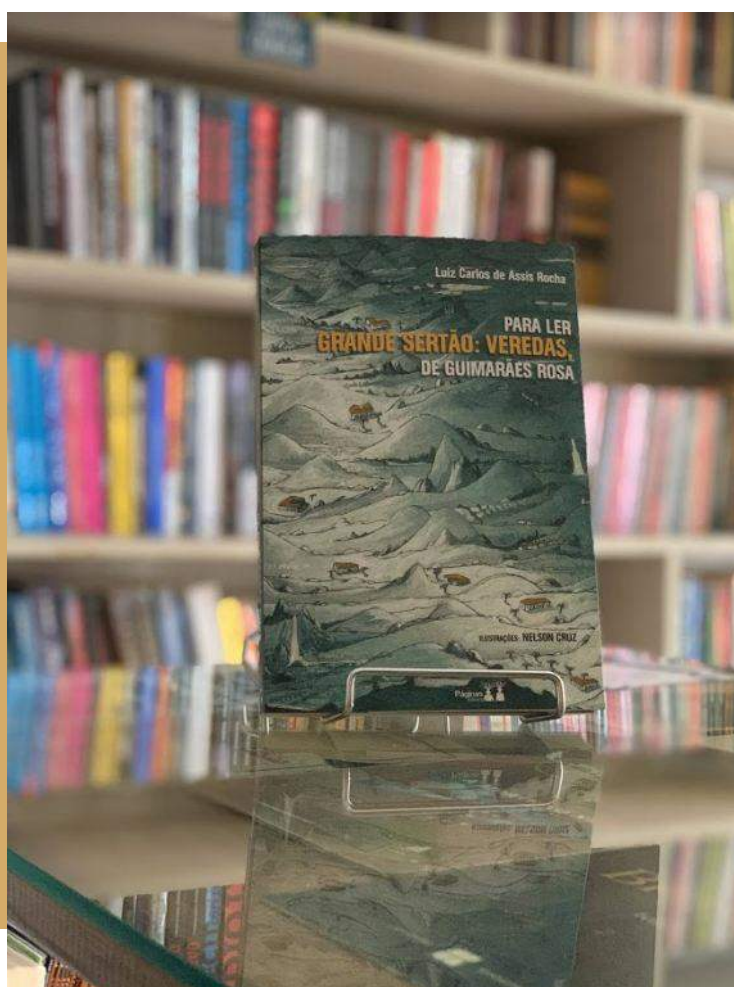
Levantai-vos, digníssimos! Leiam os dois livros citados neste artigo. Como disse bem o autor de *Grande Sertão: Veredas*, que faleceu relativamente jovem, em 1967, aos 59 anos de idade, *o que a vida quer da gente é coragem*.



José Roberto Pereira  
Escritor / Artes Cênicas  
@joserobertoo

Referências:

- Rocha, Luiz Carlos de Assis, *Para Ler Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa*, 1º edição, Belo Horizonte, Páginas Editora, 2021.
- Rosa, João Guimarães, *Grande Sertão: Veredas*, 7ª edição, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1970.
- Suplemento Literário de Minas Gerais – *Guimarães Rosa 50º Grande Sertão: Veredas*, Belo Horizonte, maio de 2006, Edição Especial, Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais.
- Sites: <http://www.academia.org.br> e <https://www.portugues.com.br/literatura/frases-aforismos-grande-sertao-veredas.html>



**Para adquirir o livro:**

<https://www.paginaseditora.com.br/product-page/para-ler-grande-sert%C3%A3o-veredas>

# Megg Rayara + Sofia Favero + Thiffany Odara



## coleção **SABERES TRANS**

### Mulheres-trans lançam coleção de livros acadêmicos

#### **Literatura**

*Três autoras trans apresentam multiplicidade de discussões em coleção lançada pela Editora Devires e mostram que os saberes não são exclusividade de determinados grupos*

Representatividade e poder de voz. Duas questões historicamente negadas às minorias de todo o mundo, principalmente no Brasil. Na contramão desse costume, um forte movimento acadêmico desenvolvido por mulheres, pessoas pretas e pessoas LGBTQIA+, tem quebrado barreiras da sociedade e mostrado que ninguém melhor que elas próprias para pensar e falar academicamente sobre elas. Prova disso está na coleção Saberes Trans, da Editora Devires, que reúne obras de três potências literárias: Megg Rayara, Sofia Favero, Thiffany Odara — mulheres trans, pretas e acadêmicas.

#### **Revisitando a educação**

*Pedagogia da Desobediência: travestilizando a educação* — Thiffany Odara. Utilizando-se de uma abordagem feminista negra, a autora intersecciona pontos comuns que atravessam parte das mulheres trans e travestis: gênero, raça, classe e sexualidade. Lendo essa verdade em sua vida cotidiana, Thiffany transforma suas experiências, além de observações das vivências de outras, em texto e provoca aquela que lê *Pedagogia da Desobediência: travestilizando a educação*, também a questionar o perfil racista patriarcal cisgênero heteronormativo daqueles que até então determinavam sozinhos os rumos da sociedade.



É abordada ainda na obra a importância do ambiente escolar acolhedor e da educação para o respeito e como ferramenta de preservação da vida humana.

*Crianças trans: infâncias Possíveis* – Sofia Favero. Aprofundando-se cuidadosamente no conceito de infância para nos revelar a diversidade de narrativas entre as crianças trans, Sofia Favero oferece uma visão não somente brasileira, mas internacional, sobre o tema. Em seu olhar clínico e certo sobre a transexualidade na infância a autora causa uma tensão necessária à reflexão, com base numa fonte vasta e variada em formatos forçando quem acessa à obra a abandonar o lugar comum, formular suas ideias e se posicionar. O livro de estreia de Sofia Favero evidencia as atuais dimensões políticas sobre o tema “crianças trans” e revela a precária visão que tenta ignorar as necessidades dessa parte da população. Um estudo demasiadamente importante para uma nação que se define como “país do futuro”.

### Dose dupla

As outras duas obras que fecham a primeira fase da coleção Saberes Trans são de autoria Megg Rayara. A primeira delas, *O Diabo em Forma de Gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*, retoma a necessidade de debruçarmos sobre o tema “criança e adolescente LGBTQIA+” e sua relação com o sistema educacional e com o ambiente escolar. A autora elenca uma série de provocações, uma delas sobre o impacto da presença de “gays afeminados, viados e bichas pretas” na escola. A obra pondera também sobre a responsabilidade das pessoas LGBTQIA+ que atuam como profissionais da educação, em transmitir conhecimento amplo que posicione essas pessoas jovens na sociedade, as retire do lugar comum, as encoraje, assim como no resgate de uma ancestralidade negada a todo o tempo em todas as instâncias da sociedade.

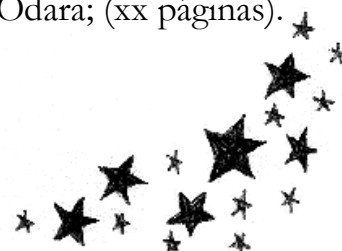
A segunda obra de Rayara, *Nem ao centro, nem à margem! Corpos que escapam às normas de raça e de gênero*, traz uma observação sobre uma série de personagens que incomodam a sociedade, sempre problematizando sua existência e sua permanência em determinados locais. Entre as personagens estão “a bicha preta, o viado perigoso, o gayzinho afeminado — inclusive o impacto que essa figura causa no ambiente escolar — as personagens religiosas retratadas na arte *queer*, as travestis e mulheres trans”, passando ainda por África, movimentos sociais, transexualidade na infância e a mulher negra nos quadrinhos. Pode parecer bastante coisas, mas, em sua genialidade, Megg Rayara dá conta do recado.

A força dessas três autoras, apresentada nessas quatro obras, imprescindíveis para quem deseja se aprofundar nas transdisciplinaridades propostas, somente comprova o que já se sabe, mas muita gente tenta negar: o saber transfeminino e preto merece lugar de respeito. Hoje esse lugar é o mundo e a Devires, por meio da coleção Saberes Trans está bem atenta a tudo isso.

### Obras:

*Pedagogia da Desobediência: travestilizando a educação* – Thiffany Odara; (xx páginas).

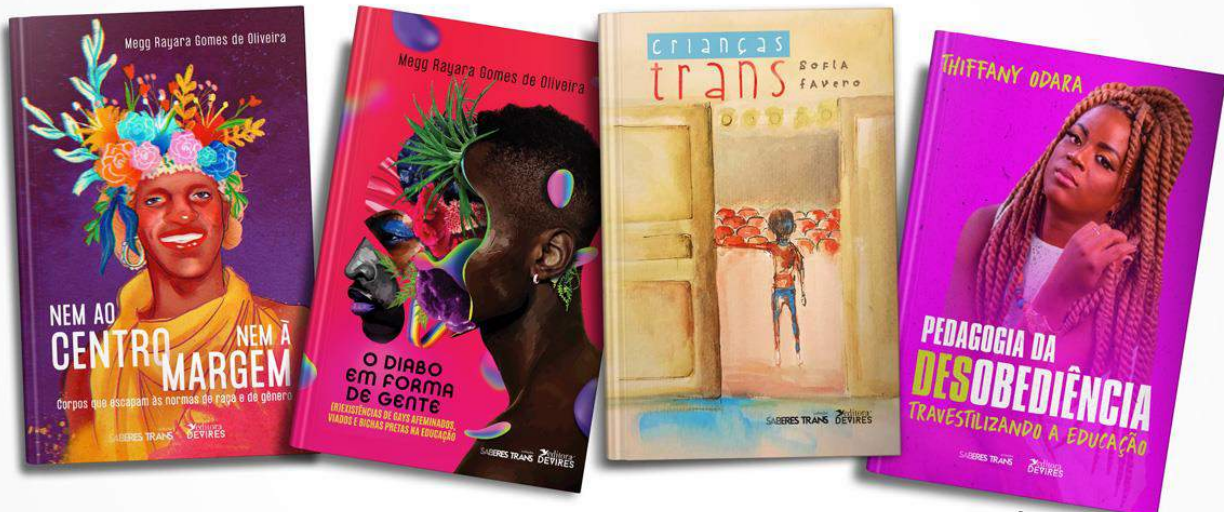
*Crianças trans: infâncias Possíveis* – Sofia Favero; (xx páginas).



*O Diabo em Forma de Gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação – Megg Rayara; (xx páginas).*

*Nem ao centro, nem à margem! Corpos que escapam às normas de raça e de gênero; (xx páginas).*

## Megg Rayara + Sofia Favero + Thiffany Odara



coleção  
**SABERES TRANS**



Disponível em: [www.queerlivros.com.br](http://www.queerlivros.com.br)



# ENTREVISTA COM O ESCRITOR

## J. ROSSINI

POR ADEMIR PASCALE



**J. Rossini** é paulistano. Pós graduado a nível de mestrado em administração de empresas, trabalhou por mais de 40 anos em TV e Música exercendo funções executivas, convivendo com celebridades e residindo em várias cidades dentro e fora do Brasil. Viajou pelos 5 continentes, passou por vários casamentos, tem 4 filhos e um neto. Motociclista aposentado, cozinheiro amador, apaixonado por cachorros, amante de música, literatura, cinema e esportes, ele se auto define como “leal, carinhoso, aventureiro, dinâmico, espirituoso, perspicaz, irônico, rebelde, inconveniente, contundente, politicamente incorreto, genioso, ciumento e grosseiro”.

### Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

J. Rossini: Desde que me entendo por gente sou apaixonado por leitura. Ao longo da minha carreira profissional na TV e na Música que envolvia muitas viagens, quando me encontrava em situações de difícil acesso a livros, costumava ler revistas antigas ou o que estivesse ao alcance. Desde cardápios de frigobar em hotéis até instruções de uso de escadas de incêndio. Não consigo passar mais de duas horas sem ler. Em função dessa obsessão por leitura sempre tive facilidade em escrever. A ideia de entrar no meio literário profissional surgiu em 2018, porém só em 2020 decidi lançar o primeiro livro. Ainda estou em processo de aprendizado, conhecendo a dinâmica do mercado literário, suas peculiaridades e pontos chaves.

**Conexão Literatura: Você é autor do livro “Se eu te conto... Vira novela”. Poderia comentar?**

J. Rossini: É um livro de Contos. São 7 contos de ficção inteiramente embasados em experiências humanas reais, sem pretensões intelectuais ou filosóficas. Simplesmente experiências humanas que eu vivi, testemunhei ou tomei conhecimento, transformadas em contos de ficção. Os contos abordam sentimentos e atitudes como bondade, maldade, arrogância, humildade, luxúria, ambição, generosidade, preconceito, sensualidade, lealdade, traição, ou seja, tudo que caracteriza o gênero humano.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir sua trilogia?**

J. Rossini: Fico surpreso por vocês já terem a informação de que tenho mais 2 livros prontos. Interesse-me por vários assuntos desde a adolescência. Comportamento humano e costumes nas diversas épocas desde a antiguidade sempre me fascinou, e, minhas pesquisas se realizavam em bibliotecas de universidades, livros, teses, e, nos últimos 20 anos na internet. Tais pesquisas não se destinavam exatamente a escrever livros e sim a conhecer mais sobre os assuntos que me interessavam. Então, a somatória das experiências vividas com as muitas pesquisas feitas ao longo da vida serviu de base para escrever os 3 primeiros livros que levaram 10 meses para serem concluídos. No momento estou trabalhando no meu 4º livro.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

J. Rossini: Nesse primeiro livro “Se eu te CONTO vira NOVELA um dos contos que eu considero especial, chama-se Tempos Modernos. É a história de um triângulo amoroso que se forma entre um casal clássico, aparentemente bem resolvido, e uma lésbica pela qual a esposa se apaixona. A narrativa, os eventos e os diálogos procuram demonstrar que não há limites ou barreiras para os sentimentos humanos e, ninguém deve ser julgado por isso.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

J. Rossini: O livro está disponível para venda na Editora ([www.dragoeditorial.com.br](http://www.dragoeditorial.com.br)), na Amazon, Mercado Livre, Americanas.com, Submarino.com, Ponto Frio, Casas Bahia, e, dentro de mais alguns dias na Magalu e Livraria da Travessa.

Para mais informações sobre mim e sobre o livro:

[www.jrossini.com.br](http://www.jrossini.com.br)

Facebook: [jrossinioficial](https://www.facebook.com/jrossinioficial)

Instagram: [@\\_jrossini](https://www.instagram.com/_jrossini)

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

J. Rossini: Como já expliquei tenho mais dois livros prontos. O segundo deverá ser lançado no final desse ano de 2021 e chama-se “...e a NOVELA continua”. Também é um livro de Contos, sequência do primeiro que acabei de lançar. O terceiro é um romance que conta a saga de uma família de empresários do Sul do Brasil, ainda sem título definitivo nem previsão de lançamento. Nesse momento estou trabalhando no meu 4º livro que versa sobre minha visão de futuro da humanidade.

**Perguntas rápidas:**



Um livro: Conversa na Catedral

Um (a) autor (a): Mário Vargas Llosa

Um ator ou atriz: Meryl Streep

Um filme: Blade Runner o Caçador de Androides

Um dia especial: 9 de outubro (data de nascimento de meu filho caçula e de meu primeiro neto)

### **Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

J. Rossini: Tenho recebido retorno bastante positivo sobre esse meu primeiro livro. A maioria das pessoas que o leram têm sido unânimes em me escrever dizendo que quando iniciaram a leitura não conseguiam interromper. A maioria concluiu a leitura em horas e, todas já estão me cobrando o segundo livro. Essas assertivas positivas têm sido minha maior motivação para dar continuidade no trabalho que me propus realizar no terço final de minha vida. Obrigado pela entrevista.



# ENTREVISTA COM A ESCRITORA

## JAMILA MAFRA

POR ADEMIR PASCALE



**Jamila Mafra**, Paulista, nascida na cidade de Guarujá, é advogada graduada em Direito pela Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI, Especialista em Docência no Ensino Superior pela UNIASSELVI, Professora de Geografia, graduada em Formação Pedagógica em Geografia pelo Centro Universitário Internacional Uninter, Pós-Graduanda em Ensino de Astronomia pela Universidade Cruzeiro do Sul e escritora.

A autora escreve romances juvenis, contos infantis, ficção científica e poesias.

Publicou seus títulos nos últimos dez anos tanto de modo independente na Plataforma Amazon quanto tradicional por algumas editoras.

### Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Jamila Mafra: Desde a minha infância a literatura se fez presente em minha vida, a começar pelo incentivo de minhas tias professores que me presentearam quando completei meus dez de idade com as obras clássicas “O Pequeno Príncipe” do autor Saint-Exupéry e “Pollyanna” da autora Eleanor H. Porter. Essas obras me encantaram de tal modo a fomentar meu amor pela literatura. Já nos anos finais do Ensino Fundamental eu tive um contato mais profundo com a poesia e os poetas brasileiros, sobretudo com a poesia de Augusto dos Anjos, Cruz e Sousa, Cecília Meireles, dentre outros poetas, incluindo os de Língua Inglesa. Então, na minha adolescência comecei a escrever minhas primeiras poesias e contos infantis. Já na idade adulta iniciei a escrita dos meus romances românticos e nunca mais parei de escrever. Minha primeira obra poética foi publicada em Portugal, pela Corpus Editora no ano de 2010, os poemas versavam sobre os diversos sentimentos humanos e experiências pessoais como a desilusão, tristeza, alegria, surpresas, gratidão, solidão, etc. Naquele mesmo ano meu primeiro livro infantil de poesias “Viagem no Espaço e a Máquina do Tempo” foi publicado pela Quártica Editora.

**Conexão Literatura: Você é autora do livro (impresso e e-book) “Aquela Noite Em Auschwitz”, que já conta com mais de 4.300 leitores na Plataforma Amazon Poderia comentar?**



Jamila Mafra: Foi e tem sido muito gratificante ser autora desta obra, sobretudo por poder proporcionar aos leitores uma imersão significativa no cenário da Segunda Guerra Mundial. “Aquela Noite Em Auschwitz” considero como sendo a principal obra da minha carreira até aqui. Foi publicada primeiramente em versão impressa pela Editora Multifoco no ano de 2017 e agora a segunda edição está disponível em formato eletrônico na plataforma Amazon. Desde a sua primeira publicação a obra teve e continua tendo uma boa repercussão, tendo alcançado já milhares de leitores amantes do romance de época. Ao publicar esta obra passei a compreender a necessidade dos leitores de se conectarem os eventos passados, especialmente os mais importantes e significativos na história da humanidade como é o caso da Segunda Guerra Mundial.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

Jamila Mafra: O processo de pesquisa para a escrita da obra foi cuidadoso, sendo iniciado ainda no ano de 2015. Eu sempre fui apaixonada não somente por romances de época que retratam a Segunda Guerra Mundial, como também pelos estudos históricos. Durante dois anos eu busquei em livros de história, documentários e filmes informações necessárias a respeito desse acontecimento que marcou para sempre a memória humana. Tão fascinante quanto escrever essa obra foi conhecer mais profundamente os aspectos e fatos que levaram ao surgimento do partido nazista e a ascensão de Hitler ao poder.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

*Jamila Mafra: Destaco o discurso de Hitler ao dar início à Segunda Guerra Mundial após invadir a Polônia: “Com repúdio, escutou o discurso do ditador em voz altiva: “Os poloneses nasceram especialmente para o trabalho pesado. Não é preciso pensar em melhorias para eles. Cumpre manter, na Polônia, um padrão de vida baixo, não se permitindo que progridam. Os poloneses são preguiçosos e é necessário usar a força para obriga-los a trabalhar. Devemos utilizar-nos do governo geral (da Polônia) simplesmente como fonte de mão-de-obra não especializada. Poder-se-ia conseguir ali, todos os anos, os trabalhadores de que o Reich possa necessitar. Quanto aos líderes religiosos poloneses, eles pregarão o que mandarmos. Se qualquer líder religioso agir diferentemente, daremos cabo dele. Sua tarefa é manter os poloneses tranquilos, rudes e fracos de espírito. Indispensável ter em mente que a pequena nobreza polonesa não deve mais existir; por mais cruel que isso possa ser, ela deve ser exterminada onde quer que se encontre. Deve haver apenas um senhor para os poloneses: o alemão. Dois senhores, lado a lado, não podem e não devem existir. Todos os representantes da classe culta polonesa, portanto, têm de ser exterminados. Isso parece crueldade, mas é a lei da vida”.*

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

Jamila Mafra: Os leitores podem acessar o site Amazon.com.br para adquirir a obra que também está disponível diretamente no aplicativo Kindle. No site também é possível

acessar minha página de autora e conhecer um pouco mais sobre minha obras e conferir meus vários trabalhos literários.

### **Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

Jamila Mafra: Sim. Estou iniciando uma nova pesquisa para a escrita de outra obra de época que retratará a vida de uma vítima do regime nazista, dentro e fora dos campos de concentração no período da Segunda Guerra Mundial.

### **Perguntas rápidas:**

Um livro: Pollyanna

Um (a) autor (a): Eleanor Porter

Um ator ou atriz: Adrien Brody

Um filme: O Pianista

Um dia especial: O dia em que viajei para São Paulo com a minha querida avó Maria que eu tanto amo.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Jamila Mafra: Sim. Convido todos os leitores a prestigiarem o livro “Aquele Noite Em Auschwitz” e deixarem seus comentários sobre a obra na plataforma Amazon.com.br. Agradeço à Revista Conexão Literatura por essa oportunidade. Um grande abraço.





# ENTREVISTA COM A ESCRITORA MARGARETE CHINAGLIA

POR ADEMIR PASCALE



**Margarete Chinaglia**, paulista nascida na cidade de São Carlos, com forte atuação profissional em Curitiba-PR como gestora hospitalar. Graduada em Farmácia Bioquímica pela Universidade Estadual de São Paulo-UNESP.

Em 2018 agrega em sua bagagem outra profissão, escritora, publica o livro: Transtorno do Déficit de Atenção- TDA, sob o ponto de vista de uma mãe, o qual narra a história emocionante e real de sua filha portadora de TDA.

Em 2021 lança uma nova obra: Desatando os Nós do Transtorno do Déficit de Atenção-TDA, o qual complementa o propósito de dar suporte e ajuda aos portadores para vencer o TDA/TDAH ou transformá-lo em seu aliado.

## Entrevista

**Conexão Literatura: Você é autora do livro “Desatando os Nós do Transtorno do Déficit de Atenção-TDA”. Poderia comentar?**

Margarete Chinaglia: O TDA-Transtorno do Déficit de Atenção foi uma visita inesperada que chegou em casa, sem ser convidado e, veio para ficar. Minha filha foi diagnosticada aos nove anos e convive com este personagem até hoje. O TDA me levou a conhecer, entender, estudar, ler e pesquisar o assunto, tudo na ânsia de ajudá-la a ter uma qualidade de vida.

Meu primeiro livro conta a história dela e do seu companheiro TDA. Sempre é muito bom poder ajudar as pessoas através do exemplo ou da experiência, mas era possível fazer mais, daí surgiu o Desatando os Nós do Transtorno do Déficit de Atenção-TDA.

A ideia principal do livro foi promover suporte aos portadores, familiares e profissionais que lidam com o TDA.

O livro é uma mistura de informação, conhecimento e exemplificação através de relatos sobre o TDA. Ele descreve a construção de um caminho digno para enfrentar a luta deste que se diz inimigo, mas que pode ser seu maior aliado. São informações verdadeiras mostradas pelo lado positivo.

### **Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

Margarete Chinaglia: A maior pesquisa partiu da experiência de viver lado a lado com o TDA. Foi sofrido, ora intimidador as vezes interminável outras impossível de vencer. Fui construindo e testando formas de agir sempre com apoio profissional. Estudei muito e me apoiei num autor que me inspirou confiança e exemplo de dedicação: Dr. Daniel G. Amen M. D., neurocientista clínico e psiquiatra na Califórnia.

Este livro foi construído com muito cuidado aos detalhes, porque é neste ponto que o TDA pode ser driblado.

Foram oito meses de dedicação para conseguir mostrar as possibilidades de desfazer os nós, promovendo laços e garantindo a plenitude da vida.

### **Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

Margarete Chinaglia:

“Você que está lendo este livro, se desarme de tudo o que sabe sobre o TDA/TDAH ou de todas as dificuldades que enfrentou e procure focar em todas as características e qualidades positivas do transtorno, lhe garanto que são muitas.

Escreva seus pontos fortes, pense no que você já evoluiu e se tornou capaz, principalmente de “dar a volta por cima”.

Isto fará você mergulhar no lado bom, na esperança e na felicidade de ser quem você é.

Os pontos fortes do TDA superam as suas dificuldades.”

Após este trecho se inicia um exercício para o leitor fazer. O resultado será emocionante para o TDA/TDAH.

### **Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho?**

Margarete Chinaglia:

#### **Links para compra do livro:**

<https://loja.editoraalbatroz.com.br/desatando-os-nos-do-transtorno-do-deficit-de-atencao-tda>

<https://www.americanas.com.br/busca/2773618718>

<https://www.submarino.com.br/busca?conteudo=2773618718>

<https://www.shoptime.com.br/busca?conteudo=2773618718>

[https://www.amazon.com.br/dp/6557510177?ref=myi\\_title\\_dp](https://www.amazon.com.br/dp/6557510177?ref=myi_title_dp)

#### **Instagram:**

@vamosfalarsobretda



**Facebook:**

<https://www.facebook.com/Vamosfalarsobretda>

**LinkedIn:**

[linkedin.com/in/margarete-chinaglia](https://www.linkedin.com/in/margarete-chinaglia)

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

Margarete Chinaglia: Como estou iniciando a divulgação deste livro, o foco é levar ao maior número de pessoas com a intenção de transformar o mundo TDA/TDAH em laços flexíveis para uma vida melhor.

Faz parte do projeto: realizar lives com profissionais, produzir vídeos, há algumas entrevistas agendadas e continuar alimentando minhas redes sociais com informações e repasses de conhecimento a quem busca um alento no universo TDA.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: Transforme seu Cérebro Transforme sua Vida

Um (a) autor (a): Daniel G. Amen

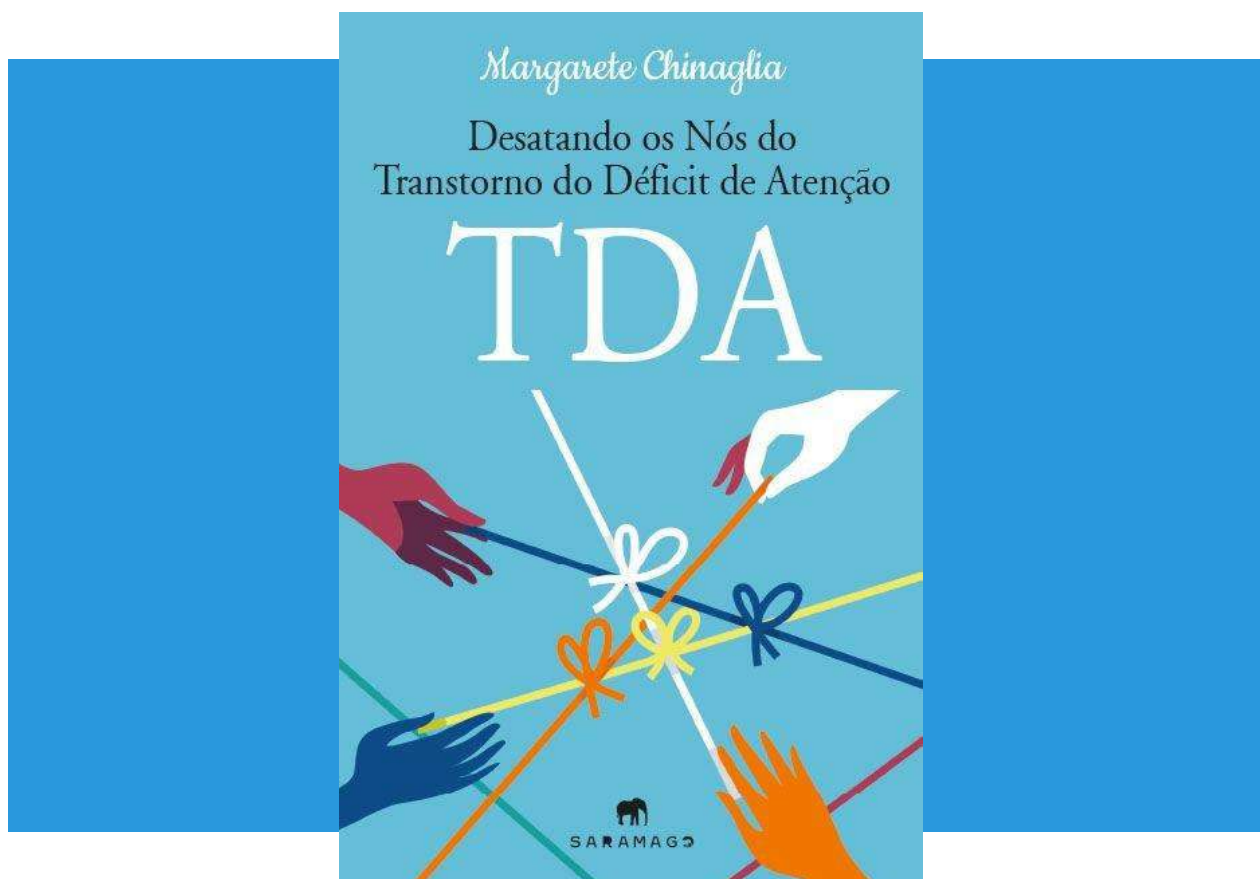
Um famoso: Walt Disney

Um filme: Intocáveis

Um dia especial: lançamento do meu primeiro livro

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

Margarete Chinaglia: Apenas agradecer a Revista Conexão Literária pela oportunidade de divulgação do meu livro.



# ENTREVISTA COM A ESCRITORA

## MAYARA LIMA

POR ADEMIR PASCALE



**Kamila Mayara**, mais conhecida pelo seu nome artístico e literário de Mayara Lima, tem 33 anos, é natural de João Pessoa, capital da Paraíba, mas atualmente, mora na região metropolitana de Cabedelo. É graduada em Psicologia. É pós-graduada em Cinema e Audiovisual e atualmente cursa licenciatura em Artes Visuais. Começou a interessar-se por literatura e artes ainda na infância. Em 2016, publicou um minilivro com o título “Contos, Poesias e Reflexões”. Em 2019, publicou seu primeiro e-book chamado de “O homem da casa verde”. Em 2021, já publicou seu segundo e-book, intitulado “Quem sou eu meu epitáfio”.

### Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Mayara Lima: Comecei ainda na infância a me interessar por literatura. Eu via os filmes, os desenhos animados na TV, lia livrinhos infantis e me inspirava na história deles para escrever as minhas próprias historinhas. Até as próprias situações reais do cotidiano, me inspiravam histórias fictícias. Eu fazia livrinhos artesanais de cartolina e papel, escrevia as minhas historinhas neles e pedia para outras pessoas lerem. Na 4ª série, eu tive um dos meus contos publicado em um livro do meu colégio, na época. Aquele foi o primeiro estímulo para eu me tornar escritora.

**Conexão Literatura: Você é autora do livro “Quem sou eu: meu epitáfio”. Poderia comentar?**

Mayara Lima: Olha, o “Quem sou eu: meu epitáfio”, surgiu de uma antiga ideia, que eu tinha de jogar uma garrafa no mar, com uma mensagem minha, e também da mórbida ideia que eu tinha de deixar um poema meu, para ser lido no dia do meu sepultamento. Desde a minha adolescência, eu tinha esses devaneios que citei acima, porém em 2015, já

com uma certa maturidade, resolvi por esses meus desejos em prática. Foi nessa época que comecei a escrever o “ Quem sou eu: meu epitáfio”, primeiro escrevi o poema sobre mim e mandei traduzi-lo para 11 idiomas e só não consegui mais traduções porque o meu dinheiro não deu. Nessa época, eu tive novamente a ideia de colocar a mensagem e suas traduções em uma garrafa e lançá-la ao mar, porém, eu descobri que isso é um crime ambiental e eu ainda poderia matar uma tartaruga, pois na região litorânea em que moro, aparecem muitas tartarugas marinhas, pois, elas fazem seus ninhos aqui na praia da minha cidade. Então, ao invés de jogar uma garrafa com todas essas mensagens no mar, resolvi fazer um livro. Eu explico toda essa história nele.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

Mayara Lima: Olha, eu não precisei de muita pesquisa para esse meu segundo e-book. A parte mais complicada de tudo, foi encontrar os tradutores para os idiomas que eu queria. Alguns tradutores, eu já conhecia pessoalmente, outros conheci através de indicação de amigos, de escolas de idiomas e dois eu conheci pela internet. O livro com o poema e as traduções demorou dois anos para ser concluído (2015- 2016). Porém, a capa e a diagramação dele demoraram um ano para serem finalizadas. Enquanto a publicação demorou apenas alguns meses. Da conclusão até a publicação, demorou cinco anos.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

Mayara Lima: Sim. As frases em que digo: “Sou uma coruja usuária de máscaras”, “ Sou uma carta curinga, uma águia que experimenta todos os eus ”, “ Sou uma metamorfose ambulante, uma lagarta que vira borboleta o tempo inteiro. São muito intensas e profundas.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

Mayara Lima: Através do meu Instagram: [www.instagram.com/kamila.mayara.10](http://www.instagram.com/kamila.mayara.10)

Pela minha página no Facebook: Mayara Lima Escritora

ou no link: [www.facebook.com/Mayara-Lima-Escritora-107056434046023](http://www.facebook.com/Mayara-Lima-Escritora-107056434046023)



Pelo meu e-mail : [mayarameiralima@outlook.com](mailto:mayarameiralima@outlook.com)

Meus e-books podem ser encontrados no site da editora e-galáxia. [www.e-galaxia.com](http://www.e-galaxia.com),

O “Quem sou eu: meu epitáfio” está na parte de “Poesias”.

Ou pelo link: <https://www.e-galaxia.com.br/produto/quem-sou-eu-meu-epitafio/>

Já o “O homem da casa verde” é encontrado na parte de “Policial, suspense e mistério”.

Ou pelo link : <https://www.e-galaxia.com.br/produto/o-homem-da-casa-verde/>

### **Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

Mayara Lima: Sim. Tenho quatro projetos em pauta.

### **Perguntas rápidas:**

Um livro: A metamorfose

Um (a) autor (a): Franz Kafka

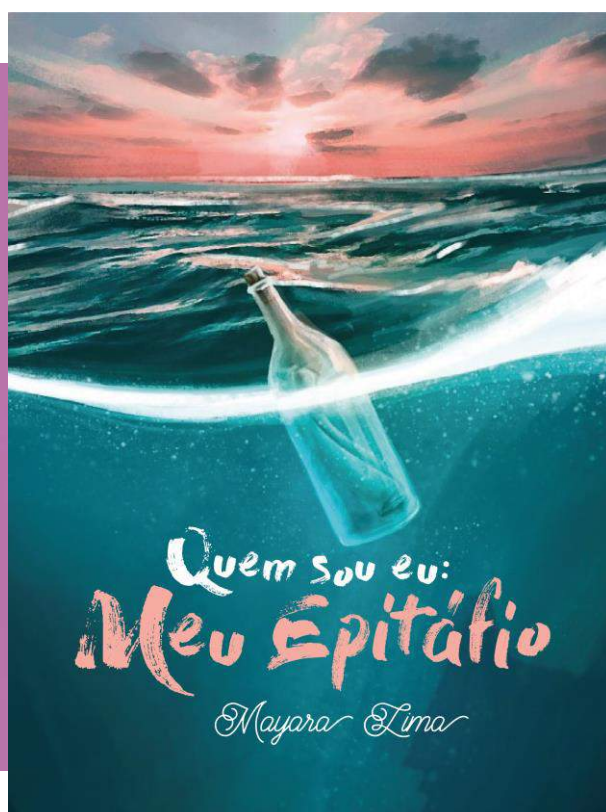
Um ator ou atriz: Marcélia Cartaxo

Um filme: A hora da estrela

Um dia especial: 13 de dezembro (meu aniversário).

### **Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

Mayara Lima: Eu gostaria muito de agradecer a oportunidade que vocês da “Revista Conexão Literatura”, deram a mim, pois, através de vocês, eu pude divulgar para o público as minhas obras literárias. Fico bastante agradecida a vocês. Gratidão.

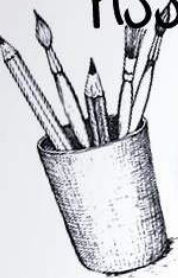


FAÇA JÁ

TODO MÊS O ASSINANTE RECEBERÁ UMA CAIXA CONTENDO  
UM LIVRO DE CONTOS E DIVERSOS BRINDES

A SUA

ASSINATURA



# CLUBE DO LIVRO

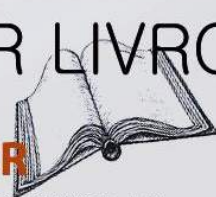
U N I Ã O

PARA QUEM É APAIXONADO POR LIVROS

ACESSE O SITE

[WWW.CLUBEDOLIVROUNIAO.COM.BR](http://WWW.CLUBEDOLIVROUNIAO.COM.BR)

ACESSE A CAMPANHA DO CLUBE DO LIVRO UNIÃO NO CATARSE E CONHEÇA AS  
ÓTIMAS RECOMPENSAS



[WWW.CATARSE.ME/SALVEM\\_O\\_SITE\\_DE\\_LIVROS\\_UNIAO\\_FAZ\\_A\\_FORCA](http://WWW.CATARSE.ME/SALVEM_O_SITE_DE_LIVROS_UNIAO_FAZ_A_FORCA)





# AMOR LIBERTO

POR ADEMIR PASCALE

**Conto**

---

No alto da colina, um homem. O limpo e azulado céu deixava o grande astro rei completamente à mostra. O calor dos raios solares acariciava seu corpo com ternura, dando-lhe uma sombra majestosa que duplicava seu real tamanho. O vento abraçava gentilmente seu corpo esguio. Com o semblante sério, a beleza o abandonara desde a infância. Os longos cabelos emaranhados, castanho muito escuro, não se moviam com facilidade, nem pelos gestos mais bruscos de seu mestre, diferente das ágeis pernas finas e resistentes, sustentadas por pés calejados. A barba longa estampava o rosto desnutrido, presenteando-o com uma aparência madura, ocultando sua real idade.

Seu olhar penetrante pousa sobre o descampado: ovelhas, velhos, cajados, crianças, cães, soldados, lanças, tendas, mulheres, filhos escanchados no quarto, jovens belas, madeira, fogo, carneiro assado, bocas desdentadas, fome, sede, calor, suor, colinas, pássaros, céu, Deus.

— Pai, glorificai meus irmãos e perdoai seus atos, que um dia levarão este mundo ao caos. Dai-me força e sabedoria para levar vossa palavra aos duros corações. Fazei-me persistente, ó Senhor dos senhores... — um soluço interrompe o pedido do jovem por alguns segundos, enquanto seus olhos lacrimejam com veemência, deixando um rastro de lágrimas que clareia e ilumina sua triste face. Ele sente a presença de mais alguém no alto



da colina, e as lágrimas lhe embaçam a visão. — Quem és, que chega tão silenciosamente como uma serpente?

— Sou Maria Madalena, senhor. Já te esqueceste de mim? — diz a jovem de olhar cerrado e sorriso malicioso.

— Maria Madalena, sim, és tu! — o jovem de nome Jesus se esforça para absorver as lágrimas com o tecido de grosso linho da gola de suas vestes. Em seguida, seu olhar brilha, e a presença da jovem o faz recordar-se da noite anterior — acompanhados das luzes das estrelas, naquela mesma colina, permaneceram lado a lado. Os pensamentos eram muitos: reflexões, lembranças, desejos e dor. Um homem determinado a salvar o mundo poderia ser seduzido por uma mulher? Pensamento que foi esquecido momentaneamente ao sentir o calor da aproximação e a simples carícia da mulher que exalava o perfume do âmbar e outros óleos essenciais aromáticos. Naquela noite, as estrelas presenciaram o amor entre dois jovens; ela deixando o amor fluir, ele lutando para se levantar e dar as costas à companheira. Os demônios se regozijavam e apostavam que o homem se deixaria possuir. Mas até que ponto seria pecado o amor entre dois jovens apaixonados? Poderia aquele terno amor influenciar sua gloriosa batalha?

Jesus abre os olhos, ela ainda está majestosamente à sua frente. Na noite anterior, ele cedera aos desejos carnis. Os demônios ganharam a aposta ao mesmo tempo em que a perderam, pois do fruto daquele amor, uma vida surgiria no ventre de Maria.

— Maria Madalena, durante alguns dias, precisarei ficar a sós com meu pai. Peço-te por gentileza que avises meus irmãos que estarei ausente durante a quarentena que necessito, e, para garantir que não seja interrompido, estarei num local pouco conhecido do deserto.

Após ouvir Jesus, a jovem repentinamente mudou o semblante, perdendo completamente o seu brilho, mas acatou seu pedido, como sempre. À frente dos apóstolos, era a preferida do jovem Messias.

De temperamento forte, mostrava com clareza, como num livro aberto, quem realmente era. Ora alegre, ora triste, era assim constantemente; mas em qualquer estado de espírito em que se encontrasse era a que mais pronunciava palavras, incontáveis e incontroláveis palavras, muitas sábias, outras perdidas, pois difícil era compreendê-la numa conversa que se estendia por mais da metade de um dia. Esconder a alegria do mestre em ter entre os seus fiéis seguidores tamanha riqueza de simplicidade era impossível; o que gerava olhos desconfiados e até mesmo invejosos sobre ela.

O ex-coletor de impostos Mateus, em sua terceira noite sem dormir — com os poucos e longos cabelos que lhe restavam desganhados acima da nuca, nariz proeminente, olhos estrábicos, pernas arqueadas, estatura mediana e voz rouquenha —, inflara o peito, abria os braços como se quisesse abraçar o mundo, olhara para o negro céu e suas incontáveis estrelas e vociferara com desdém, de cima de uma pedra próxima a uma grande fogueira para que todos ao redor o notassem:

— Pode uma mulher “da vida” seguir o mestre sempre à frente de nós, homens? Qual importância têm suas pobres e fracas palavras perante as nossas?

Um homem se levantara em meio à multidão, que ouvia sentada o nervoso pregador. Um balbuciar se fizera presente, enquanto o vento soprava, furioso, a fogueira, erguendo suas chamas, refletindo sua luz amarelada em duas imponentes figuras — de um

lado Mateus, do outro, o jovem mestre Jesus que, sem ainda pronunciar palavra alguma e deixando boquiabertos os presentes, atravessara lentamente e de pés nus o fogo e, chegando ao outro lado da fogueira, próximo ao outro homem, declarou:

*Sábias são as palavras pronunciadas pela voz do coração. Lembrai, o céu é apenas para os humildes de espírito, e não para aqueles que tentam ser melhores pela beleza pronunciada nas falsas pregações.*

O homem apagara-se perante o Messias, enquanto os outros se calavam ao ouvir as poucas e sábias palavras, pois naquela noite *Ele* preferira o silêncio.

\* \* \*

Na vila, Maria Madalena informa aos seguidores do mestre a sua ausência por quarenta dias e quarenta noites. Alguns não entendem por que o grande Messias se ausentaria; outros apenas ouvem e assentem, pois se esse é o seu desejo, com certeza deve ser acatado.

Do alto da colina, Jesus observa a multidão que se forma em torno de Maria Madalena. Então caminha para o lado oposto à pequena vila, rumo ao deserto. Mas logo no início da jornada encontra um rosto conhecido, muito semelhante ao seu. Era o filho de Simão, Judas Iscariotes. O mestre direciona o rosto gentilmente em sua direção, e recebe como resposta um beijo do *Abençoado*, apelido que ganhara do próprio Messias ao integrar o grupo dos seus seguidores:

— Aonde vais tão solitário, ó irmão querido? — diz Judas, olhando profundamente nos olhos do mestre.

— Não estou só. Meu Pai me acompanha; não vês? — num rápido e eficiente gesto, Jesus aponta para o deserto, para a colina atrás deles e para o glorioso céu.

Ao longe, duas figuras se entreolham, difícil era saber quem era quem, devido à tamanha semelhança entre ambos. Judas pôs a mão esquerda sobre o ombro de Jesus, que retribuiu com a mão direita no ombro do fiel seguidor. Lembranças foram arrancadas das entranhas da Terra. O mestre entra em transe. Embora acostumado com tal cena, Judas se arrepia. Imagens são arremessadas violentamente na mente de ambos:

Judas: *brincadeiras, Torá, fome, amor, sede, desilusão, perseguição, shiv'á, conhecimento, Sheloshim, tempestade de areia, perseverança, Jesus, deserto...*

Jesus: *Maria, Pedro, centenas de rostos, catástrofe, guerra, mãos entrelaçadas, clamor, oração, lágrimas, sorrisos, morte, vida, Maria Madalena, amor, salvação, guerra, rostos, desespero, morte, vida, mãos entrelaçadas, nascimento, Maria Madalena, perdão, clamor, oração, mãos entrelaçadas, dúvida, deserto...*

Ambos abrem os olhos e, aos poucos, vão se acostumando com o clima desértico da região. Jesus ergue um dos cantos do fino lábio. Judas segura com firmeza o ombro do mestre. Ambos partem, mas para lados opostos. Do alto, duas pequenas figuras se distanciam. O jovem Messias caminha lentamente rumo ao nada, enquanto o apóstolo Judas pensa em voltar correndo para acompanhar o mestre, mas obrigações o aguardavam na vila; deveria ir e seguir o seu caminho, assim como Jesus.

Metade do dia se passara. Jesus continuava rumo ao nada. Urubus ao longe o espreitavam. Vez ou outra um lagarto acompanhava seus vigorosos e calmos passos sobre

o calor escaldante. Nem água, nem comida. Nada levava como provisão. Vozes surgiam: chamados, gritos e gargalhadas. À medida que caminhava, o som das vozes, gradativamente, se intensificava. Para ouvidos humanos, terrível e ensurdecido, mas para *Ele*, indiferente. Seu único temor era a dúvida de não saber qual caminho seguir futuramente: o amor entre uma mulher ou o amor pelo mundo? Uma vida normal ou uma vida que ecoaria por todo o resto da existência humana? Uma semente se desenvolvia no ventre de Maria Madalena, milhões de outras pelo planeta. *Ele* parou, olhou para o céu e clamou uma resposta do *Pai*. Nada foi respondido. Mais uma vez fez o pedido, mas nenhum sinal como resposta. Errado. Deus estava em silêncio e essa era a resposta. *Ele* deveria continuar caminhando, e assim o fez até o cair da noite.

Em posição de xamã, próximo a uma grande pedra, *Ele* permaneceu. Os olhos se fecharam. Os músculos repousaram. Parecia não respirar, não fosse pelo leve e vagaroso movimento de vaivém do seu abdômen. De início, os pés formigaram, depois não mais os sentiu, assim como as mãos, a nuca e os outros membros do corpo; mas não adormeceu, estava mais acordado que nunca. Os risos e as gargalhadas demoníacas não cessavam, porém algo em meio a este terrível som do inferno lhe chamou a atenção, o murmúrio de lamentação das almas condenadas ao fogo eterno.

— *Pai*, por que essas pessoas foram condenadas ao fogo eterno? Pode alguém errar e pagar pelo seu erro na eternidade?

Mais uma vez Deus preferiu o silêncio, mas uma estranha entidade surgiu de trás da imensa pedra e, com sua poderosa voz de mil almas, respondeu-lhe a pergunta:

— Para que serve esse teu Deus que não responde às tuas dúvidas?

Jesus abriu os olhos, mas permaneceu imóvel, exceto pelos movimentos dos lábios:

— Às vezes, meu *Pai* conversa em silêncio, esta é a Sua maneira para conversar com Seus filhos — Jesus pronunciou tais palavras em tom duvidoso e, por mais que tenha tentado esconder sua dúvida, a estranha e ardilosa entidade desconfiou.

— Ele conversa com Seus filhos? *Se tu és o Filho de Deus, diz a esta pedra que se transforme em pão.*

— *Está escrito que nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra de Deus* — disse Jesus, em tom autoritário.

E assim, o jovem mestre foi tentado das maneiras mais ardilosas e criativas possíveis. A entidade se disfarçara de belas mulheres e até tentou se passar por Maria Madalena, mas o mestre sabia distinguir um humano de um demônio, por melhor que fosse o seu disfarce. Falsos terremotos, fogo e enchentes; nada abalava o homem que permanecia sereno em sua assumida posição. Ele aguardava uma única resposta do *Pai*, aquela que poderia modificar todo o rumo da história da humanidade: ter filhos e permanecer pelo resto da vida ao lado da mulher que amava, ou entregar-se em benefício da salvação da humanidade? Resposta pela qual já aguardava há vinte dias.

A entidade, agora disfarçada de criança, aproximou-se do jovem Messias e lhe ofereceu um pequeno jarro de água e um suculento pedaço de pão. Jesus recusou, algo que outro homem em suas condições jamais recusaria; mas *Ele* era forte, determinado e persistente. Furiosa com a recusa do Messias, a entidade mostrou sua verdadeira fisionomia: alto, forte e possuidor de cabeça e patas de bode. Seu pelo liso e negro refletia a luz do Sol, tentando cegar o jovem a sua frente. Jesus continua inatacável. Então, com



a fúria de um leão, a entidade urrou de tal maneira que o duro e seco chão estremeceu, fazendo Jesus levantar-se da posição de xamã. Eles se entreolharam por longos minutos, até que o demônio o transportou — *levando-o a um alto monte, onde mostrou-lhe num momento de tempo todos os reinos do mundo. E disse-lhe: Dar-te-ei a ti todo este poder e a sua glória; porque a mim me foi entregue, e dou-o a quem quero. Portanto, se tu me adorares, tudo será teu. E Jesus, respondendo, disse-lhe: Vai-te para trás de mim, Satanás; porque está escrito: Adorarás o SENHOR teu Deus, e só a Ele servirás. E, acabando o diabo toda a tentação, ausentou-se dele por algum tempo.* Completando os 40 dias de exílio, Jesus recebeu a tão aguardada resposta, algo que ainda não poderá revelar, nem mesmo a Maria Madalena.

*Então voltou Jesus para a Galileia, e a sua fama correu por todas as terras em derredor. Agora ele sabia qual caminho deveria seguir...*

\* \* \*

Onze anos depois:

Jesus pregou em dezenas de vilas, curou enfermos, salvou centenas de almas e fez muitos amigos, mas o lado oposto se fazia presente e os demônios o espreitavam constantemente, procurando sempre corrompê-lo; algo que jamais aconteceu.

Com o mesmo semblante sério da juventude, a aparência agora revelava sua realidade. Os olhos não apresentavam emoção alguma, mas transbordavam sabedoria. Sempre acompanhado de seus fiéis apóstolos e outros seguidores, agora se fazia presente — além da mulher que lhe acompanhou por mais de uma década — uma criança de onze anos. Os apóstolos estavam bem instruídos, e os seguidores cuidariam da multiplicação dos seus ensinamentos para todas as cidades do mundo. Mas a mulher e o garoto que o acompanhavam faziam questão de sua presença carnal. Apesar do caminho já traçado havia onze anos, a dor ainda se fazia presente e aumentava sempre que olhava nos olhos da fiel mulher que lhe trouxe tanta alegria. Mas o *dia* estava próximo, precisava apressar-se; então, em uma reunião com os apóstolos, selecionou Pedro, João e seu irmão Tiago para orar no monte onde tantas vezes estiveram presentes.

Lá, numa forte corrente e de mãos entrelaçadas, Jesus orou e alertou para a aproximação de sua morte e futura ressurreição. Olhos lacrimejaram e soluços calaram o mestre, que abraçou os amigos, calorosamente. No céu, um estranho objeto oval e resplandecente cobriu o Sol, e dele foi emitida, como um trovão, uma voz que disse:

— *Este é o meu Filho amado, de quem me comprazo, a ele ouvi.* Ao ouvirem tais palavras, os demônios que espreitavam Jesus desapareceram numa fumaça de enxofre. Agora ele poderia descer o monte e esperar pelo momento em que Judas Iscariotes, *O Abençoado*, cumprisse o seu papel; fato que se concretizou três dias depois.

Última Ceia, bebei todos; este é o meu sangue, noite, jardim de Getsêmani, oração, Pedro, Tiago, João, sacerdotes, Judas, jardim, beijo, face, prisão, seguidores, resistência, fuga, corte Judaica, ameaça, destruição, templo, Filho de Deus, rei dos judeus, Pôncio Pilatos, Herodes, Antipas, Barrabás, multidão, condenação, crucificação — trajado de grosso manto rubro, puseram-lhe na cabeça uma coroa de espinhos.

O líquido da vida escorria em sua face, enquanto soldados romanos espancavam-no e cuspiam palavras como os senhores do inferno. Puseram-no de pé. As pernas

vigorosas da juventude desta vez fraquejaram. A dor que suportara por quarenta dias e quarenta noites no deserto, hoje se dissipara. Os olhos apresentavam tristeza, enquanto a face desfigurada esforçava-se em revelar quem *Ele* realmente era. Gólgota, local das crucificações, era o seu destino. Levar a pesada cruz por tortuosas ruas era a sua missão. Ele caminhava lentamente, arrastando seu pesado instrumento de suplício, enquanto os pés, o ombro e o resto do seu corpo liberavam o líquido que lhe mudara o tom da pele morena, queimada pelo escaldante sol do deserto. Todos nas ruas O acompanhavam: inimigos, seguidores, apóstolos, sua mãe e sua companheira Maria Madalena, agora acompanhada do jovem Emanuel, fruto do seu amor. Os dentes cerrados deixavam as veias da sua face completamente à mostra. O ombro em que apoiava a pesada madeira mortuária adormecera por completo. As mãos tremiam e o coração acelerava o fluxo do sangue em suas veias, fazendo-o sentir um calor que jamais sentira antes, nem quando recebera as primeiras carícias de Maria Madalena, nem quando caminhara incessantemente por um dia no deserto. O caminho era longo e doloroso; mais doloroso ainda era ver os olhos dos mais próximos acompanhando-o, passo a passo. *Por que o Pai, mestre dos mestres, senhor dos senhores, não deixara o caminho menos doloroso?* — pensamentos que surgiam com dificuldade, quando Gólgota se aproximava. Ali foi pregado eficientemente pelos pulsos, que sustentaram o peso do fraco corpo.

Jesus esforça-se em erguer os olhos para o céu ou para a multidão, mas nenhum sinal. Uma lágrima escorre despercebida da multidão por Sua face. Pela primeira vez, sente o abandono do *Pai*. A respiração fica cada vez mais difícil. Ele olha mais uma vez para a mulher e para o filho, em prantos, em meio a uma mescla de risos, choros, orações e lamentações. A visão das cores negra, cinza e branca das vestes da fúnebre plateia se torna turva. Os olhos semicerrados perdem o brilho. O forçado vaivém do abdômen cessa. Olhos petrificam-se ao ver que uma fumaça rosada sai da boca inerte do falecido Messias. O vento agilmente cuida da distribuição dessa fumaça com aroma adocicado e diferente. Olhos se entreolham. As batidas dos corações se intensificam. Os perversos soldados se arrependem dos anos de matanças e sofrimentos. Na vida deles, jamais fora sentido um amor tão intenso pelo próximo. Estranhos sons, semelhantes aos das tradicionais trombetas, ecoam em todos os cantos do planeta. A rotação da Terra cessa e o mundo para por segundos.

O amor está liberto, agora basta esperar pela multiplicação dos ensinamentos do mestre, a ser feita pelos seus apóstolos e fiéis seguidores pelos próximos séculos.

\* \* \*

Trinta e quatro anos antes:

Uma jovem de dezesseis anos entra em uma gruta para descansar e se refrescar do intenso calor. O lugar está deserto, exceto pelos morcegos aglomerados num canto escuro do teto. A moça canta uma música da sua recente infância, criando um eco prazeroso, o que faz estampar a alegria em seu rosto. A diversão dura poucos minutos, até que uma intensa luz em tom esbranquiçado surge na entrada da gruta. A jovem Maria, descendente do rei David, filha de Joaquim e Ana, fica paralisada, pois nunca vira nada semelhante em seus poucos anos de vida. A luz caminha lentamente em sua direção, e,

aos poucos, um rosto de aparência dócil vai surgindo, assim como mãos que carregam uma caixa de madeira. O homem de cabelos negros e curtos, pele clara e vestes estranhas se aproxima de Maria, que não apresenta outra reação a não ser espanto e admiração pela cena surreal. Ela ergue os finos e delicados dedos e toca o rosto do homem, e o calor que sua pele emite a faz acreditar que aquilo é concretamente real. *Ele não é um anjo, pois não possui asas, mas deve ser de algum lugar distante, pois não conheço ninguém que se vista desta maneira aqui pelas redondezas...* — pensa Maria.

Ele ergue os braços e lhe mostra uma caixa de madeira escura repleta de belos e terríveis ornamentos; em seguida, gentilmente a abre, e o ranger de suas dobradiças indica que não era aberta há muitos anos. Dentro, outras sete caixas também ornadas. Uma delas apresenta a figura terrível de um demônio alado e outras dezenas de pequenas figuras que se assemelham a almas condenadas ao fogo eterno, devido à monstruosidade em suas feições de dor e sofrimento. A seguinte mostra imagens de insetos, e outras, alguns manuscritos indecifráveis. Mas uma delas, a última, do lado esquerdo, traz duas figuras harmoniosas: um homem e uma mulher com as mãos entrelaçadas, o que momentaneamente desperta a jovem, fazendo com que ela retire a caixa cuidadosamente de junto das demais. O homem sorri com a escolha de Maria, fecha a grande caixa, olha para as mãos da jovem e faz sinal de aprovação num simples gesto com a cabeça.

Os delicados e longos dedos da moça abrem a pequena caixa e, para sua surpresa, nada sólido contém, a não ser uma fumaça em tom rosado, que paira sobre seu ventre e que, aos poucos, penetra em seu frágil corpo. Ela tem uma estranha sensação. Seu coração parece explodir de alegria, pois nunca sentira tanto amor em sua curta história de vida. O homem dá meia-volta, caminha satisfeito até a entrada da gruta e depois adentra uma espécie de carruagem oval que desce do céu. Um som ensurdecedor, seguido da poeira que levanta do chão, faz com que as centenas de morcegos entrem em alvoroço. Maria nada mais vê. O silêncio, assim como a poeira, paira lentamente. Ela coloca a pequena caixa no chão, põe as mãos sobre o ventre e o acaricia, mas jamais poderia prever o que aconteceria nove meses depois, nem que ela faria parte da história da humanidade e que seu nome seria conhecido e repetido por milênios nos quatro cantos do mundo.

**Ademir Pascale** é paulista, escritor e ativista cultural. Criador e editor-chefe da Revista Conexão Literatura. Participou em vários livros, tendo contos publicados no Brasil, França, Portugal e México. É fã dos heróis da Marvel, ama pizza, séries televisivas, moedas antigas e HQs. Organizador do livro "Possessão Alienígena", pela Editora Devir. Autor do romance "O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe", pela Editora Selo Jovem e autor convidado do livro "Aquela Casa", Editora Verlidelas, criador e organizador das antologias "O Legado de H. P. Lovecraft", "O Legado de Florbela Espanca", "Histórias para ler e morrer de medo", "Poesias ao vento", "Poesias ao Luar", "Apocalipse - Contos e poemas sobre o fim do mundo", entre outros. Twitter: @ademirpascale - E-mail: ademirpascale@gmail.com



# A ILHA NAS NUUVENS



POR ROBERTO SCHIMA

**Conto**

---

*Estou de volta.  
Chamo-me Talila.  
Eu vivia em uma ilha.  
Era um mundo de sonhos.  
Tínhamos nossas mitologias.  
Adorávamos o céu e as estrelas.  
Diante de nós, o oceano de nuvens.  
Éramos uma gente harmoniosa e feliz.*

**S**im, mencionei a nossa ilha. Ao menos, era a impressão que tínhamos do mundo ao qual habitávamos, seus limites e a nossa posição perante ele. Tal visão me foi inculcada desde a tenra infância. Era tudo o que importava.

A Ilha.

Chamava-se Serena, embora, de vez em quando, fosse batida pelas tempestades. Nessas ocasiões, o vendaval se infiltrava através dos vales e uivava nas inúmeras fissuras dos rochedos.

Oh, o ar era leve e puro! Preenchia o nosso peito e a nossa alma. A vegetação era escassa, mas havia o suficiente para suprir as nossas necessidades, especialmente nas áreas

mais profundas, nos vales interiores e suas florestas de coníferas e bétulas. O território era bastante irregular, compondo-se de vários picos, vales e abismos. A medida em que a altura aumentava, as árvores cediam lugar às rochas nuas e escuras. Nos cumes, uma cobertura de neve cintilava a sua brancura imaculada e seu derretimento dava origem às cachoeiras e regatos, aliviando nossa sede. Abaixo de nós e ao redor, nuvens de um cinza sombrio moviam-se perpetuamente, de modo que, às vezes, eu pensava estar em uma imensa folha a singrar um córrego sem fim. Havia um certo efeito de maré, quando a camada de nuvens ora subia e ora descia, sempre em movimento através de nós, sempre magnífica. Observar o Sol surgir por cima dela causava-me admiração e eu me punha silenciosa e meditativa, embora fosse nova demais para formular pensamentos profundos. Sabia somente estar diante de algo majestoso.

Lógico que, naquela época, eu não tinha a menor idéia do que seria uma embarcação ou o mar, pois, embora tivéssemos fontes e quedas d'água, não havia algo como um rio navegável. As corredeiras desciam irregularmente até perderem-se bruma abaixo no desconhecido. Mas nós, crianças, soltávamos folhas ou pedaços de pau seco na água corrente para vê-los percorrerem o curso d'água até seu destino final. Imaginávamos como seria estar a bordo. Alguns garotos colocavam formigas como malfadados tripulantes.

— Vocês são cruéis! — eu dizia.

Eles riam.

Os meninos eram assim.

Havia outras ilhas ao nosso redor, porém longínquas. Eu me perguntava se outras pessoas viveriam por lá, como nós vivíamos aqui. Não havia como saber, pois não podíamos atravessar o oceano brumoso que nos separava. Desde o nascimento, éramos desencorajados a descer até a fronteira das nuvens. O que, de resto, seria perigoso devido às rochas úmidas e aguçadas, aos precipícios e abismos. Monstros, fantasmas, demônios e outras criaturas terríveis viviam por lá, no nevoeiro eterno, prontas a enlouquecer ou devorar o que quer que fosse ao seu encontro. Cresci à sombra dessa crença e, para uma menina mirrada que temia a própria sombra, soava como o mais temível dos pesadelos. Então, limitava-me a conjecturar, sem jamais ter certeza de coisa alguma, exceto do dia a dia em nossa ilha e aquilo que ela podia nos oferecer; e, nós, a ela, pois, bem o sabíamos, a terra não nos pertencia: nós éramos parte dela. De resto, o fundo do abismo — se é que haveria um fundo — era para onde os corpos dos que faleciam eram atirados. Quem desejaria ir até lá?

Todavia, até para uma criança, um rastilho de dúvida pincelava o cérebro de vez em quando.

— Mãe, de onde nós viemos?

— Da aldeia, ora essa — respondeu-me, enquanto modelávamos alguns potes de barro. — De nossa casa.

— Não... Eu quero dizer, em Serena, estamos cercadas de nuvens. Mas tem outras ilhas. A gente sempre viveu aqui?

— Ah, Talila, entendi. Você já escutou nossas histórias. Os ancestrais vieram do céu na origem dos tempos. Foram deixados aqui para viver, crescer e prosperar.

— Do céu? Eles tinham asas?

— Não... Vieram dentro de um tipo de ovo que brilhava como o Sol.

— Um ovo que caiu do céu? O Sol bota ovo?

Era uma história confusa e, tampouco, minha mãe possuía todas as respostas.

— Faz o seu pote direito! — falava, mudando de assunto. — Não discuta sobre assuntos divinos.

Tampouco paciência era o seu forte.

Eu tinha de me conformar com diminutos retalhos de informação e um lençol de dúvidas.

O que havia de divino em um ovo?

Assim, meu mundo era recheado de mistérios intrigantes. Contudo, no geral, não mudava muito e um dia seguia-se igual ao anterior e, o amanhã — ao que tudo indicava —, não seria diferente.

Não poderia estar mais enganada.

\*\*\*

Certo dia aconteceu algo inédito e pavoroso.

Abalou por completo a idéia que eu tinha da estabilidade cotidiana, não obstante os enigmas que me rodeavam.

Não fui a única a ter os alicerces sacudidos.

Eu estava na beira de um penhasco. Era um de meus lugares prediletos. Se eu mantivesse o olhar sempre adiante, dava-me a impressão de estar voando sobre as nuvens. Nessa ocasião, brincava de jogar pedras para baixo e vê-las afundar na bruma. Era um passatempo comum das crianças, embora perigoso. Já tivera caso de um moleque cair e unir-se precipitadamente aos ancestrais no eterno. De vez em quando ouvíamos um som de baque, mas quanto mais longe atirávamos a pedra, mais tempo demorava para ouvir esse som e mais fraco ele ficava. Para os meninos mais fortes, suas pedras iam longe, afundavam e ruído algum era ouvido, o que representava motivo de orgulho para eles. Eu jogava as minhas pedras e, como eu era miúda e fraca, elas desciam numa linha quase vertical perto de mim e, pouco tempo depois de penetrarem na neblina, escutava o som dela chocando-se contra algo. Para mim, parecia o som de pedra contra pedra, às vezes até de pedra contra folhagem, porém, não tinha como eu saber, só imaginar. E era esse exercício de imaginação o que mais me atraía na brincadeira. Todavia, dessa vez, o som que eu ouvi foi diferente de tudo que já escutara e gelou meu sangue.

Não foi o barulho de pedra encontrando pedra.

Não foi o ruído de pedra contra folhagem.

Para meu espanto, eu ouvi um grito!

Ou teria sido um rugido de fera?

O medo e a incerteza fizeram meu coração disparar. Eu atingira alguma coisa... E ela estava subindo!

— Mamãe! Papai!

Desesperada, corri para avisá-los. Eles ficaram igualmente assustados, pois tinham sido educados da mesma forma que eu sobre mistérios e demônios, bem como os pais deles e assim por diante.



— Um diabo!

— Um monstro!

— É um fantasma!

Nessa altura, nem nos indagamos se um espectro mais diáfano do que as nuvens poderia sentir uma pedrada. Por toda a lógica, esta devia atravessá-lo e ele permanecer ileso, não devia? O horror anestesia a consciência. Algo precisava ser feito contra o que quer que estava prestes a invadir nosso pacífico povoado.

O povoado se alarmou.

— A culpa é sua! — acusou-me o Sacerdote Talus. — Você provocou as criaturas das sombras. Deve ser oferecida em sacrifício a elas.

— Não! — protestou meu pai, pondo-se a minha frente. — Todos nós já brincamos de atirar pedras, inclusive você, Talus.

Outros assentiram, pois, se tal precedente fosse adotado, seus filhos bem poderiam ser os próximos.

Talus recuou. Era idoso e sabia que o peso de sua autoridade declinara com o tempo.

Quanto a mim, sempre serei grata ao meu pai por sua coragem. Sai ilesa. Mais tarde, em particular, ele me deu mil reprimendas por provocar a ira das sombras.

Outros foram avisados.

Um rápido conselho de anciões se formou. Alguns vieram de longe, do outro lado da Ilha Serena. Talus era o mais velho entre todos e era quem conduzia a reunião.

— Mostre-nos onde ocorreu o fato terrível — mandou, apontando-me o dedo.

Indiquei-lhes o ponto exato do penhasco.

O meu lugar especial não mais me pertencia.

Entretanto, nada ali era nosso: nós éramos de lá.

Seguiu-se um burburinho e exclamações medrosas.

Tremendo nas canelas, todos foram até a beirada e puseram-se a ouvir. Nada escutaram além do vento em seus ouvidos. Nada viram além do nevoeiro que se descortinava ante seus olhos. Então, o conselho decretou:

— Daqui em diante, os beirais dos penhascos estão proibidos às crianças!

As outras crianças encararam-me com raiva nos olhos.

Isso foi muito ruim para mim, porém, por outra razão. Eu adorava ficar lá. Era onde os pensamentos viajavam para longe assim como a visão. Onde as nuvens diluíam-se no céu sem um horizonte aparente. Onde, ao mesmo tempo em que me sentia pequenina, a minha alma se expandia e tornava-se parte de tudo aquilo. Nunca fui mentir ou desrespeitar as determinações do conselho e, muito menos, meus pais.

Porém, eu confesso, daquela vez eu menti e a ordem eu não obedeci.

\*\*\*

Quem podia, de fato, censurar as crianças?

O espírito de aventura, a curiosidade, o desafio, a rebeldia faziam parte delas. Cada adulto, a seu tempo, experimentara isso e, não obstante os riscos, tornaram-se marcas indeléveis em suas memórias.

Enquanto todos os adultos trabalhavam na lavoura, caçando, moldando potes, cortando as rochas ou consertando as moradias, eu rastejava sorrateira para a borda do abismo. Não ia mais para o meu ponto favorito, mas a ilha possuía bordas de sobra. Punha-me a olhar diretamente para baixo, onde os rochedos afundavam e desapareciam no nevoeiro. Minha mente unia-se à bruma, seus volteios e circunvoluções. E pensava nos mistérios. Contudo, eu não atirava mais pedras. Era arriscado demais. Já pensara em amarrar um pedaço de graveto em um cordão e baixá-lo o mais fundo que pudesse. De certo modo, poderia sentir o desconhecido lá embaixo em minhas mãos através do fio. Mas nunca tivera coragem. E se sentisse um puxão?

Os meninos mais velhos debochavam dos anciãos e vez ou outra desafiavam abertamente o que fora estabelecido e seus próprios temores como uma prova de virilidade. Então, descobertos, eram castigados, tendo de passar três dias no buraco. Isso consistia em atirá-los numa gruta sem saída, abaixo da Caverna Sagrada de Talus, e fechar a entrada com uma pedra em forma de roda. Lá ficavam a gritar e chorar, sozinhos na escuridão, tremendo de frio e medo ao menor barulho. Mas, para aqueles que aguentavam calados, adquiriam imenso prestígio em seu grupo. Isso não era nada em comparação às profundezas do abismo, diziam os mais velhos. E era para lembrar e reforçar antigas lições, perpetuar um trauma e fazê-los obedecer. Na maioria das vezes, funcionava.

Assim, eu estava quietinha e solitária numa espécie de meditação infantil, pensando em vovô e vovó. Restaria algo deles lá embaixo? Teriam os monstros devorado seus corpos? Sentia saudade deles. Embora criança, tinha cá comigo que era uma forma de funeral indigna e que deveria ter outro método.

Foi quando algo atraiu minha atenção.

A princípio, não percebi o que era. Apertei os olhos para ver se enxergava melhor. Foi quando percebi: uma mão emergia da bruma! Era muito pálida, como a mão de um cadáver. Imediatamente pensei: fantasma! Seria um dos inúmeros mortos atirados para baixo que estaria retornando? Os dedos estavam estendidos como se pretendessem agarrar o céu, mas, em vez disso, prenderam-se a uma saliência. Fiquei congelada de medo. A voz morreu na garganta e, ainda que pudesse gritar, não o faria, temendo a represália dos meus pais ou pior: três dias no buraco. Não queria continuar olhando e, ao mesmo tempo, prendia minha atenção de maneira hipnótica.

Aquilo continuou a subir.

Vi o braço.

Mais uma mão.

O topo da cabeça.

Parecia gente como nós, porém, além da palidez, seus olhos eram enormes; os cabelos, da cor do Sol. Prolongavam-se pela mandíbula e logo acima da boca. Era muito estranho! Foi subindo e subindo.

E eu ali, paralisada de pavor.

Até que ele chegou a altura de meus olhos. Seu rosto ficou a um palmo do meu. Tão surpreso quanto eu estava, ele arregalou os olhos, por si enormes. Então, falou. Não compreendi coisa alguma, mas por alguma razão, gravei as palavras e, só muito tempo depois, soube o seu significado.

— Oh, o Povo do Céu existe de fato!

Foi aí que recuperei a voz e, sem consegui pensar em nada, tomada pelo pavor, berrei o mais alto e estridente que pude diante das faces medonhas.

A criatura assustou-se e perdeu o equilíbrio, rolando precipício abaixo e desaparecendo nas nuvens.

Minha gente não tardou a aparecer, atraído por minha gritaria.

— O que foi isso?

— O que está havendo?

— É Talila! O que ela faz ali?

Eu gritava, gritava e gritava. Não conseguia parar de berrar. Dado o meu estado, não tive o castigo merecido. Fiquei acamada por alguns dias. E, quando finalmente recuperei a razão, relatei o que vira. Apesar do meu estado e da minha ênfase, não acreditaram, atribuindo à imaginação fértil da criança que eu era.

— Foi um sonho, Talila — falou minha mãe.

— Sim. Castigo das estrelas por ter desobedecido ao conselho — disse meu pai.

Mas eu sabia o que tinha visto.

Era uma espécie de monstro muito pior do que os piores temores que tinham nos ensinado. O tempo cuidaria de comprová-lo, malgrado o destino de meu povo.

E, se fosse de fato um castigo, essa culpa eu carregaria o restante da vida.

O tempo de paz havia terminado.

\*\*\*

Isso se revelou nos anos seguintes quando chegaram mais e mais criaturas pálidas à nossa ilha, vindos das profundezas sob as nuvens, portando vestimentas e artefatos estranhos.

Foram recebidos num misto de assombro e incredulidade. Nunca imagináramos que existissem comunidades sob as nuvens. Foi um choque.

Alguns reagiram de forma hostil.

Outros fugiram para o interior de Serena.

Talus protestou e buscou refúgio em sua caverna.

A maioria, entretanto, hipnotizada, deixou-se intrigar, fascinar e, por fim, seduzir pelos estrangeiros.

— Lembra a Capadócia! — falou um destes, apontando para nossas moradias.

Na época, eu nada sabia de seu idioma. Contudo, guardei as palavras.

Primeiro, trouxeram sorrisos, miçangas, espelhos, facas, panelas, tesouras e machados. Depois, deram cobertores que nos aqueceram e, mais tarde, mataram-nos de doenças. Em seguida, fundaram escolas na ilha para que aprendêssemos o seu idioma. Por fim, destruíram nossas crenças e impuseram as suas como se fossem verdades absolutas, salientando que o seu Deus era um deus e amor e compaixão.

Eu não via isso no número de corpos despejados no penhasco, incluindo meus pais.

Entrementes, diante daqueles seres tão irreais e cheios de superioridade, muitos de nós, entre a dúvida e o medo, acreditaram.

Tomaram nossas terras.



Roubaram nossos minérios.

Derrubaram as nossas moradas.

Transformaram homens em mendigos.

Corromperam a virtude de nossas mulheres.

Sem lar. Sem paz. Sem deus. Sem memória. Sem felicidade ou dignidade.

Sim, aqueles estranhos de pele pálida eram monstros piores do que o mais horripilante de nossos pesadelos, posto que reais. Os sobreviventes que não fugiram viram-se forçados a abandonar a Ilha Serena, nosso mundo no céu, e dispersarem-se aos quatro cantos da terra, abaixo das nuvens, cujos mistérios, enfim, conhecemos... e nos desapontamos. Nunca mais vi meus meus amigos. Meu olhar cintilante tornou-se opaco e triste. Não gostava do mundo debaixo: muita gente pálida, muito barulho, muita sujeira, muita humilhação. A respiração era mais difícil não só pela fumaça, mas porque o ar era mais pesado do que acima das nuvens.

Eu era uma criança órfã, não tinha para onde ir e, certamente, não desejava ser adotada por aqueles que foram responsáveis pelo fim do meu mundo. Com auxílio de outros de meu povo, retornamos sorrateiramente para o único lar que conhecemos. Refugiei-me no interior da ilha. Sabia onde procurar comida e água. Quanto ao abrigo, as inúmeras grutas existentes serviram a esse propósito. Apanhava palha e fazia uma espécie de ninho. Mas a desnutrição veio, somada à tristeza. Em uma noite clara e muito fria, ardendo em febre, pedi às estrelas que me levassem. Senti meu corpo sendo erguido e, em minha inocência, acreditei ter sido atendida.

Todavia, não se tratava de uma estrela.

\*\*\*

Quando pude abrir os olhos, vi que me encontrava em outro lugar. Era escuro, porém, iluminado pelo fogo. As paredes eram lisas e curvas.

Ele se aproximou.

— Tome — disse Talus, levando a sopa aos meus lábios. — Está quente.

Eu estava na Caverna Sagrada.

Detestava o velho sacerdote, mas aceitei a comida. Não estava em condições de escolher. Ademais, o cheiro da sopa era boa e eu estava faminta.

Estávamos nas profundezas da terra de forma que eu não conseguia ver a abertura da caverna. Havia uma fogueira e agradeci por isso. Eu estava enrolada em um cobertor. Através da luminosidade tremeluzente das chamas, observei pela primeira vez na vida o santuário onde Talus recolhia-se para fazer frente aos mistérios. Era diferente de qualquer gruta ou caverna que eu conhecesse. Suas paredes eram polidas; e o teto, abobadado. Não havia meio de eu imaginar como aquilo fora feito. Não existiam estalactites ou estalagmites. Relevos em formas geométricas destacavam-se das paredes, realçados por suas sombras. Pequenas esferas estavam ajeitadas sobre um cubo.

O Sacerdote Talus acompanhou o meu olhar.

— São relíquias dos primórdios. Nossos ancestrais chamavam de livros. É onde todo o conhecimento sobre nossa origem e a história de nosso povo encontra-se

armazenado. Infelizmente, há muitas gerações seu conteúdo perdeu-se para nós porque os meios para acessá-los foram perdidos.

Sua voz estava excepcionalmente branda.

— Somos o Povo do Céu — falei, repetindo uma antiga ladainha. Isso era praticamente tudo o que eu sabia. — Mamãe contou.

O velho virou-se para mim. Não havia mais ira em sua fisionomia, somente uma amarga resignação.

— Nem queira saber quão verdade é isso... Talila, não é? Sim, Talila, esse é o seu nome. Filha de Tália e Tulon. Nossos ancestrais desceram das estrelas e pousaram aqui. Vieram para estudar, aprender, viver. Outros fizeram isso em outros lugares. Porém, com o tempo, esquecemos de nossas origens e como manejar as coisas milagrosas que faziam tudo para nós e por nós. Tornamo-nos ignorantes sobre nós próprios. Até os conteúdos dos livros se tornaram segredos para os que vieram em seguida. Tudo transformou-se em mistério, magia, lendas e superstições. Ecos de memória de um céu fora de nosso alcance. Contudo, eu e outros sacerdotes antes de mim passamos a vida estudando os resquícios do primeiro povo e a simbologia dos que viveram no período das trevas até nossos dias. Eu estava perto de traduzir quando os demônios brancos chegaram. Eles nunca colocarão suas mãos nos bens desta Caverna Sagrada... Não podem! Estou velho e meu discípulo morreu da moléstia. Você seria uma opção. Mas nunca houve uma sacerdotisa e, ainda que houvesse, não nos resta tempo, pois os invasores não tardarão a localizar este refúgio e eu estou velho demais para ensinar-lhe tudo o que devia.

Eu não compreendi a maior parte do que o sacerdote falou, mas captei a sua urgência e o solene em suas palavras. Ele levantou-se e apontou para o alto das estruturas geométricas. Falou:

— Lá fica o Altar da Salvação. Pelo menos, é o nome que um sacerdote antes de mim batizou. Estou velho demais para subir até lá, mas você deve fazê-lo! Lá, encontrará vários símbolos. Fará força em cinco deles na ordem que vou descrever. Está entendendo?

Fiz que sim com a cabeça, ainda fraca e não desejando contrariá-lo.

— Pois bem. Quando estiver melhor, subirá até lá. Verá várias fileiras de símbolos. Deverá apertar somente cinco deles e nesta ordem...

No chão da caverna, o Sacerdote Talus desenhou um círculo, um triângulo, um quadrado, um losango e um hexaedro.

— Memorize esses símbolos! — ordenou.

Embora sem entender, indaguei:

— O que acontecerá?

O sacerdote fez uma expressão distante.

— Não sei, Talila. Ninguém sabe. Minha esperança é que se faça cumprir o nome do altar.

"Salvação", pensei.

\*\*\*

No terceiro dia de minha estada na Caverna Sagrada, sentia-me bem melhor e, posso admitir, não mais detestava o sacerdote. Não nutria afeição, todavia, esforçava-me

por compreendê-lo e o peso da responsabilidade que o seu cargo implicava. Toda a sua vida fora dedicada a servir de ponto de coesão cultural de nosso povo e estudar os registros de nossos antepassados. Não constituíra família ou amizades. A caverna era a razão de sua existência. E tudo aquilo que valorizava estava em perigo.

— Suba com cuidado — falou.

Olhei para o meu objetivo lá no alto, cerca de trinta metros de altura. Qualquer escorregão e quebraria um braço ou uma perna, senão pior.

Talus acendera inúmeros archotes, porém, situavam-se ao nível do solo da caverna, onde ele conseguia se deslocar. Um archote foi preso na ponta de uma vara longa e esta atada a minha cintura. Ajudava, mas eu não estava nada animada por ter aquela tocha a poucos centímetros de minha cabeça.

Do lado de fora, sabíamos que o número de invasores aumentara. Vez ou outra, um grupo deles fazia incursões exploratórias pela Ilha Serena e Talus relatara ter visto vultos a distância. Felizmente, a caverna situava-se bem no alto e as criaturas pálidas tinham dificuldade para respirar o ar leve, movendo-se muito devagar. Mas, tão certo quanto as estrelas brilhavam para além da luz do dia, eventualmente descobririam o buraco do castigo e, mais para cima, o refúgio sagrado.

Talus perguntou:

— Lembra-se da ordem?

— Círculo, triângulo, quadrado — fui recitando, enquanto procurava apoio para as mãos e os pés —, losango e hexo... hixa...

— Hexaedro!

— Hexaedro.

— A palavra não é importante desde que se recorde da figura. Você sabe qual é?

— Sei!

— Ótimo. Continue!

Eu era somente uma criança miúda, incumbida de uma missão da máxima importância. Ao menos, era como eu percebia a situação. Relembrando agora, bem poderia não resultar em coisa alguma. O que significaria apertar alguns sinais gravados sabia-se lá quantos milhares de anos atrás? Porém, continuei. Não havia muito mais a fazer.

Finalmente, alcancei o topo. Estava ofegante e meu corpo doía e tremia. Cinzas do archote caíam sobre minha cabeça e eu temi que meus cabelos pegassem fogo ou, talvez pior, que a tocha se apagasse.

Procurei pelo Altar da Salvação. Sendo parecido a um altar cerimonial como aquele que Talus usava, deveria ser uma espécie de prancha horizontal na qual estariam os diversos símbolos mencionados. De onde eu estava avistei símbolos esparsos, sob, sobre ou incrustados em diferentes formas geométricas. Procurei e procurei. De repente, vi-me diante de um corredor longo e escuro. Tive medo. A chama bruxuleava acima de mim. Caminhei devagar, temendo tropeçar ou dar de cara com algum bicho ou... fantasma. Várias câmaras ou compartimentos abriam-se de cada lado do corredor, revelando inúmeros objetos. Porém, o Altar da Salvação encontrava-se no final do corredor, em um salão oval cuja grandeza se mostrou evidente.

Sem tempo a perder, dirigi-me as figuras.



— Círculo...

Pressionei, assustando-me pela luz que surgiu em seu delineado.

— Triângulo...

Outra luz se acendeu numa cor diferente e senti um leve tremor vindo do símbolo.

— Quadrado...

Dessa vez, foi o chão que passou a estremecer de leve e um zumbido fraco fez-se ouvir.

— Losango...

O tremor e o ruído tornaram-se mais acentuados.

Pude ouvir o sacerdote gritar, todavia, não compreendi suas palavras.

Finalmente...

— ... Hexi... Hexo...

Vi a figura e, iluminada pelos símbolos já pressionados, apertei com força.

Então, aconteceu.

\*\*\*

O mundo rugiu e estremeceu ao meu redor.

Alguma coisa muito grande estava acontecendo.

Fiquei apavorada. Temi que, em vez da salvação, o altar tivesse sido criado para a nossa perdição.

Cambaleando, percorri o corredor de volta.

O Sacerdote Talus ainda berrava, todavia, era impossível entender suas palavras. O barulho ecoava por toda a Caverna Sagrada. Quando, enfim, encontrei-me fora do corredor, tentei descer, mas Talus alertou:

— Fique aí! Segure-se em algum lugar!

Agarrei-me a uma pilastra. O archote sobre minha cabeça apagou e fiquei lá, terrificada, sentindo tudo estremecer e um troar de mil canhões nos ouvidos. Surpreendi-me pelo teto não desmoronar. Algo em meu corpo disse que estávamos nos movendo.

A Ilha Serena flutuava e subia mais e mais... Era impossível!

Quando a agitação amainou, liberei-me do archote inútil e aproveitei para descer. Foi imprudência, mas o medo e a ansiedade falaram mais alto. E eu precisava saber o que estava acontecendo.

Consegui chegar ao chão.

Talus tentou me impedir de sair da caverna, porém, fui mais rápida.

Então, chegando na entrada, eu vi.

De fato, alçáramos vôo.

O oceano de nuvens encontrava-se muito abaixo de nós.

Estava mais frio.

O vento soprava furioso.

O ar tornara-se muito mais leve.

O mundo pareceu de algum modo maior.

Os invasores tombavam e agonizavam, não conseguindo respirar a atmosfera mais tênue. Dessa maneira, um a um, pereceram como a minha gente morrera das doenças que eles tinham trazido.

E nossa ilha continuava a flutuar sem que eu compreendesse como ou por quê. Só podia ser obra das divindades do céu e das estrelas.

Quando as nuvens principiaram a escassear, pela primeira vez da Ilha Serena pude ver o que havia por baixo delas: terras, colinas, vales, montanhas, penhascos, cachoeiras. Era uma paisagem muito mais ampla e em todas as direções. Vi pela primeira vez um rio a cortar o chão feito uma serpente. Mas meu deslumbramento maior foi avistar o oceano, o verdadeiro. Eu jamais imaginara que o mundo fosse tão grande e coberto pelas águas.

Logo, os remanescentes de nosso povo surgiram de seus esconderijos, igualmente admirados. Apesar do medo, começaram a atirar os corpos das criaturas pálidas para a grande água abaixo, bem como seus instrumentos e tudo o que tivesse ligação com eles.

E a ilha que, segundo os invasores, era na verdade o cume de uma cadeia montanhosa continuou a subir e subir até o céu tornar-se escuro e fitarmos as estrelas.

Mas aquela gente estranha, cruel e gananciosa não sabia de tudo. Não era apenas o topo de montanhas. Tratava-se de uma imensa e poderosa astronave vinda muitos milênios atrás do planeta de meus ancestrais. E para onde, agora, estávamos nos dirigindo.

Um mundo tão ou mais estranho do que aquele que deixávamos para trás.

\*\*\*

Décadas se passaram, tornei-me adulta.

Talus morreu ainda na minha adolescência. Ele nunca se habituou ao novo mundo, assim como os outros adultos. Sentiam-se deslocados, despojados de tudo aquilo que viveram, aprenderam, acreditaram e amaram. Aliás, todo nós tivemos que reaprender tudo, readaptar-nos a uma realidade fantástica, mas sem divindades. Nossos mitos foram-nos arrancados nova e definitivamente, diante do conhecimento de que aquilo que julgávamos deuses, em verdade, eram os nossos ancestrais e suas naves espaciais. Confesso que uma parte de mim sente falta das entidades míticas, da fé e da esperança que nelas depositávamos. Há um vazio que o novo conhecimento não conseguiu preencher. O fato de que nosso mundo anterior já se encontrava perdido nas mãos do invasor pálido não representou consolo, mas a certeza de que, de certo modo, tornáramos ilhas em nós próprios.

Ainda me lembro quando Serena pousou em um imenso platô rodeado por nuvens que lembravam vagamente ao oceano que deixara. Mas suas cores tendiam do rosa ao avermelhado e eram muito mais espessas. Recordo-me de outras "ilhas" sobre o platô e estruturas gigantescas, diferentes de tudo que havia visto na vida.

Vi a aproximação de gente semelhante a nós, olhares benevolentes e trajés esquisitos. Julguei que fossem anjos. Um deles estendeu-me a mão e, falando em meu idioma, mas num sotaque forte e quase incompreensível, disse:

— Está a salvo.

Com o tempo, além de meu tutor, ele tornou-se meu consorte.

Hoje, sou uma espécie de consultora. Faço parte da frota que irá retornar ao mundo em que nasci para resgatarmos aqueles de nossa espécie que, por ventura, ainda sobrevivam. Eles não tiveram mais uma ilha em meio a um oceano de nuvens. Viveram à beira de estradas, em uma ilha de solidão e lembranças. Tiveram o céu; hoje, restou-lhes somente fuligem e poeira. Sobreviveram vendendo artefatos: arco e flecha, cestos, chocalhos, potes, colares, pulseiras. Tornaram-se fantasmas vivos, assombrados pelas recordações da juventude, do céu, das nuvens, das ilhas longínquas. Até o mistério e a imaginação os invasores roubaram. Feito náufragos, vivem à deriva. Que monstros piores do que esses poderiam existir entre as nuvens?

Entrementes, o mundo dá inúmeras voltas e o círculo se fechará. Que os humanos não se atrevam a nos agredir ou catequizar. Risco maior terão eles em nos tomar por deuses e serem domesticados.

*Éramos uma gente harmoniosa e feliz.  
Diante de nós, o oceano de nuvens.  
Adorávamos o céu e as estrelas.  
Tínhamos nossas mitologias.  
Era um mundo de sonhos.  
Eu vivia em uma ilha.  
Chamo-me Talila.  
Estou de volta.*

#### **Biografia:**

Sou neto de japoneses. Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que agora me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Tive a felicidade de sentir o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" - não obstante a Guerra Fria - que hoje não existe mais. Ainda criança, colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Lia pelos cantos os pockets da série "Trevo Negro" do legendário R. F. Lucchetti. E apavorei-me com o episódio "O Monstro Invisível", de Jonny Quest. Ah, sim, fui um garoto que amava os monstros. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Fui agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio", publicada em seu nº 12. Escrevi a história "Abismo do Tempo", uma das contempladas do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, e publicada em sua edição nº 37, de Julho de 2018. Desde então, tornei-me um colaborador regular da revista. Em 2020 fui um dos vencedores do concurso "Os Três Melhores Contos", também pela "Conexão Literatura", com a história "O Quinto Cavaleiro", publicado em sua edição nº 60. Escrevi os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta), "Sob as Folhas do Ocaso" (contos) etc. Atualmente, participo de várias antologias, entre as quais: "Aquele Casa" (Verlidelas Editora), "Dossiê Macabro: Táxi" (Editora Diário Macabro), "Epopéias Modernas: Vilões" (Épos Editora), "Dossiê Macabro: Táxi" (Editora Diário Macabro), "Insólito" (Porto de Lenha Editora), "Kamishibai" (Dark Books), "Leyendas Mexicanas" (Dark Books), "Lua Negra" (WebTV), "Malignidade" (Editora MWG), "Mundos Fantásticos", vol. 1 (Selo Nebula), "O Amor está nas Nuvens" (Editora Ruppell), "O Espantoso Mundo da Antecipação - Vol. 1" (Elemental Editoração), "Presença Oculta" (EHS Edições) etc. O conto "A Teu Dispor" foi premiado como conto destaque na antologia "Crocitar de Lenore" (Ed. Morse).

**Obs:** Informações: *Google, Uiclap, Efuturo* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

[https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb\\_sb\\_noss](https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss)

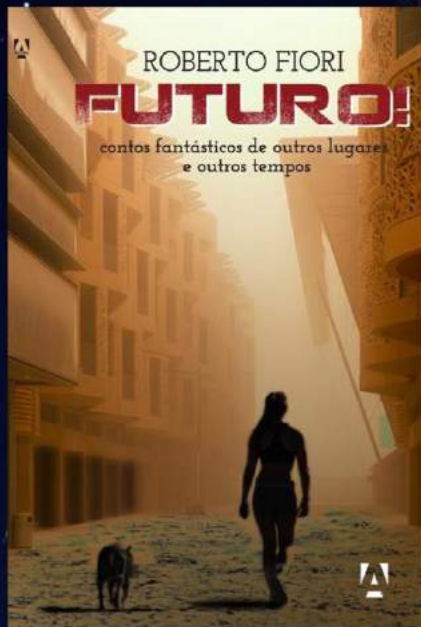
<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

<https://br.pinterest.com/robertoschima/>

**Contato:** [rschima@bol.com.br](mailto:rschima@bol.com.br)



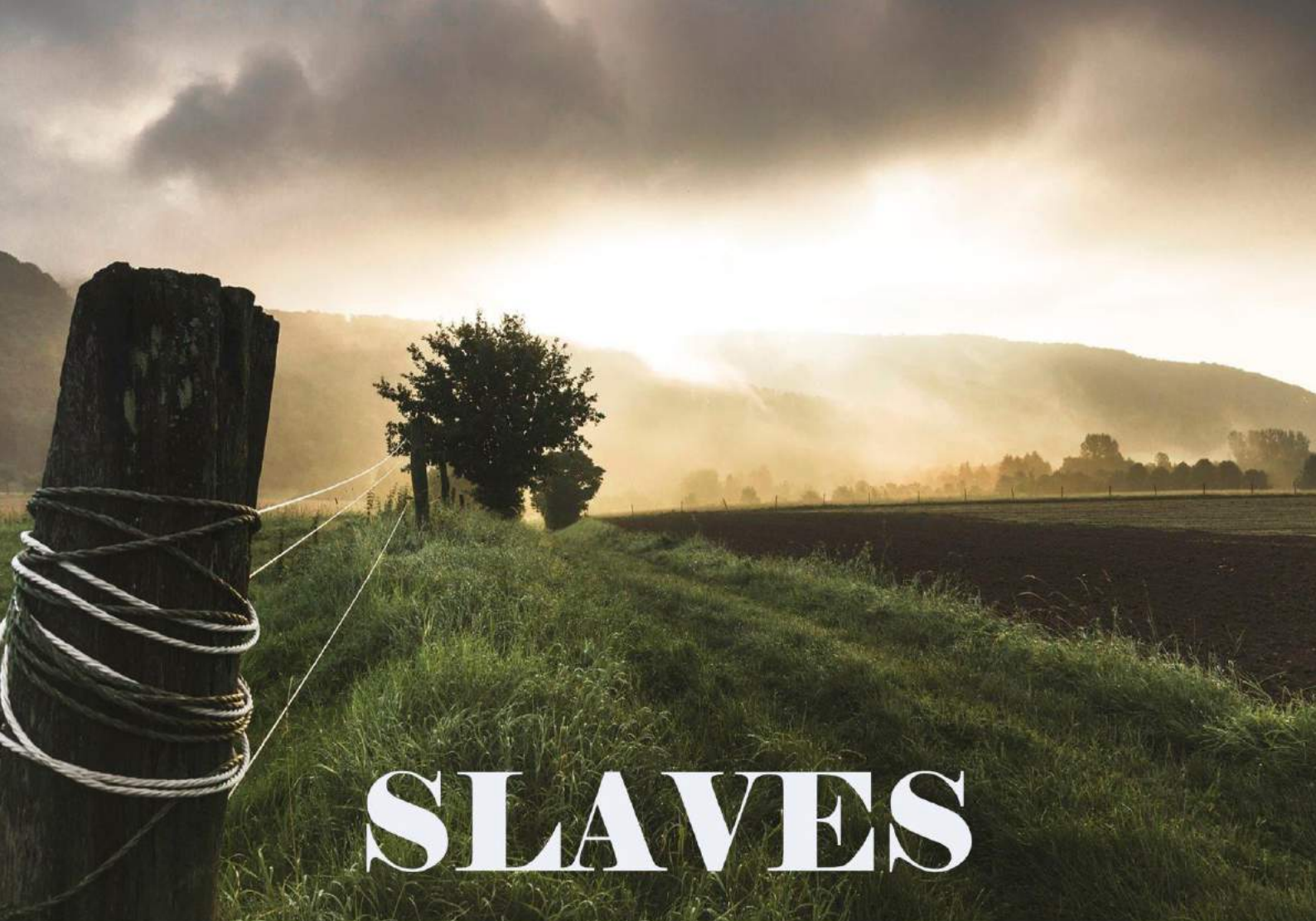


CONTOS INSTIGANTES, COM O PODER DE  
TELETRANSPORTAR ÀS MAIS REMOTAS  
FRONTEIRAS DE NOSSO UNIVERSO E  
DIFERENTES DIMENSÕES

Uma obra do autor Roberto Fiori

[clique aqui]





# SLAVES

POR MÍRIAM SANTIAGO

Conto

---

Grças à graduação em Fisioterapia consegui dar um rumo a minha vida, outrora perdida em tantas coisas sem significância. E assim com uma profissão pude alcançar minha independência financeira sem muito conforto, já que os profissionais da área não são remunerados com bons salários.

Desde a formação e vários cursos em paralelo me aperfeiçoei na profissão de uma forma geral. Para a minha família o curso valeu a pena, pois consegui seguir em frente, caminhando com meus próprios pés e deixando para trás um passado nada satisfatório.

E foi numa tarde do início do mês de março – situando o leitor que a história se passa antes da pandemia, em 2018 — mal havia começado as aulas e fui buscar um documento na secretaria de cursos na Universidade de São Roque quando me deparei com um cartaz de “procura-se fisioterapeuta para trabalhar em Ibiúna com ótimo salário”, oportunidade que mudou minha vida.

Chegando a rodoviária de Ibiúna (cidade nas proximidades de São Roque) peguei um táxi para o tal sítio. Demorou um pouco para o taxista achar o lugar mesmo estando com o GPS ligado. Passamos por vários outros sítios até que encontrei o meu destino. A corrida, que ficou acima do esperado foi paga pela secretária do patrão.

— Olá Laura! Muito prazer, sou Lana — diz a secretária que veio me receber e pagar o táxi.

— Como vai? — Estendi a mão para ela, que me recebeu com muito carinho.

— Deixa eu te ajudar com as malas.

E antes de eu falar que estavam pesadas, que seria melhor chamar um homem ou outra pessoa para nos ajudar, a moça carregou sozinha as duas malas e sem esforço algum, colocando-as no chão da sala, me acenando para que eu entrasse. Fiquei passada com a cena, que força tinha a bela e delicada secretária!

— Venha —, grita ela de dentro da sala —, não fique aí parada, o senhor Wagner já está descendo.

Entrei tão logo ela falou, pois queria causar boa impressão e fiquei junto à secretária aguardando-o chegar. Da sala fiquei observando o tamanho do cômodo, que era bem aproveitado com móveis dispostos a não atrapalhar a circulação das pessoas, com design arrojado, cores vivas, lindos vasos com plantas nativas, mas a minha atenção ao local foi desviada quando escutei passos, era o senhor Wagner que se aproximava.

— Como vai Laura, muito prazer — disse ele me estendendo a mão. — Espero que tenha feito boa viagem, apesar de Ibiúna não ser longe, mas sempre quando se sai com malas de casa é para enfrentar uma viagem, não é mesmo? Educado, simpático e dono de um sorriso maravilhoso, que emoldurava o rosto de um homem que aparentava mais de 40 anos de idade, com toda a beleza e sabedoria que a idade lhe reserva.

— Não se preocupe com as malas, alguém ajudará Lana a carregá-las, vamos andando, temos muito a conversar.

— O senhor está me entrevistando?

— Gostaria que não me chamasse assim, pois dá impressão que sou o patrão, causando certo afastamento entre nós e como você cuidará da minha perna, da minha saúde, como vê ando com essa bengala, gostaria que tivéssemos um boa relação de amizade, pois creio que facilitará o tratamento. Sou o dono absoluto de tudo isso e mais que tenho em outros locais, sou um homem muito rico, trinta por cento, herança que trouxe de longe, da Europa, legado da família e o restante foi com meus esforços. Ainda não me casei, sei que está curiosa, já que não encontrou aliança no dedo esquerdo — disse ele rindo.

Antes sequer de me desculpar, foi ele quem se desculpou por ter sido indelicado, era um cavalheiro e ficou sem graça pela brincadeira.

— Você deve estar curiosa em saber por que ando com a bengala e mancando, é que ao tentar domar um cavalo me descuidei, vindo à época quebrar o braço, machucar o queixo e fraturar a perna.

— Nossa que tombo, ainda bem que só a perna ficou com sequela.

— Tenho dores ao andar, não posso caminhar muito longe daqui sem sofrer, por isso preciso de seus préstimos, não dá para frequentar nenhuma clínica, então a contratei para me atender em domicílio. E tão rápido começamos com o tratamento assim o será o término e você poderá retornar à sua vida. Amanhã bem cedo, às 8 horas, esse será o nosso horário de atividades, todas as manhãs, de segunda a sexta, tudo bem para você?

— Sim, Wagner, para mim está ótimo.

— Vou pedir para a Lana te mostrar o sítio, a casa e seu quarto.

E a um sinal dele a secretária já estava próxima e ela foi me mostrando todo o local.



A fisioterapia caminhou a contento e Wagner começou a melhorar a cada dia, assim como a amizade entre eles se fortificou. Laura foi convidada a participar de uma festa na universidade e ela retornaria no sábado pela manhã.

Mas o combinado não aconteceu e o sábado passou inteiro sem que Laura desse notícias, assim como o foi no domingo. A secretária ligou para o celular de Laura e estava fora de área, o que poderia ser desligado ou com bateria fraca, a questão é que não sabiam onde Laura estava.

Depois de uma semana de desaparecida, Laura foi localizada em um hospital em Mairinque, cidade próxima a São Roque. Wagner, Lana e mais duas funcionárias do sítio partiram para a clínica para saber o que aconteceu com a jovem.

Wagner não teve nenhum impedimento no hospital, já que não era pessoa da família e Laura estava em tratamento com remédios fortes que a deixavam o tempo todo sedada. O patrão e Lana percorreram o hospital até o quarto onde a moça estava sozinha. Ao entrarem, Laura estava acordada, muito sonolenta, mas como não a tinham medicado ainda ela conseguiu reconhecê-los e sorriu ao vê-los. Lana tirou o lençol e a jovem estava amarrada. Wagner sentou-se na cama junto à Laura.

— O que houve com você e por que não nos ligou?

— Não sei onde está meu celular, não me lembro se o perdi na festa ou no caminho vindo para cá. Tenho uma coisa a falar, eu escondi isso de você, não relatei na ficha de emprego, eu sou viciada em heroína, já prejudiquei minha família, os coloquei em situação ruim por causa disso e quando vim para cá por causa do curso meus pais ficaram felizes pensando que eu fosse largar o vício, como se eu pudesse. Acontece que tudo o que recebo do pagamento mais da metade fica nas picadas em meus braços. — Wagner segurou os braços da moça e assim também as pernas tinham marcas de agulhas.

— Agora compreendo seus trajés sempre com camisas de manga longa e calças compridas, mas como é que não consegui extrair isso de sua mente, você subtraiu muito bem de mim. Se eu soubesse já teria te ajudado.

— Aqui nesse lugar estão me curando, mas como fico sozinha nesse quarto, e mesmo parte do tempo em que estou sedada pude sentir que fui abusada.

— Não é possível — disse Wagner e Lana estava boquiaberta.

— É verdade, disse Laura chorando. Estão se aproveitando da minha situação.

— Laura, olhe para mim — disse Wagner, que estava possesso de raiva. — Você confia em mim? À você estou dando a chance de escolher se quer continuar a trabalhar comigo. Se você aceitar, não terá como retroceder — Laura olhou para ele e acenou com um sim. Num piscar de olhos Lana sai e entra na sala com um equipamento cirúrgico.

— Laura estenda a mão — diz Wagner. E ele faz um talho em sua mão e na dela e ao escorrer o sangue junta ambas as mãos entrelaçando-as para o pacto. Wagner começa a ver toda a vida da jovem, os homens que vêm à noite no quarto do hospital tomando-a sexualmente; a festa e quase overdose que a levou até o hospital. Era o filme da vida se rebobinando rapidamente sem parar. Os pais chorando por causa do vício; a faculdade, amigos até a Laura criança.

— Quem é você? — Grita Laura em desespero. — Sua energia, sua memória é muito forte para mim. Vejo várias jovens no sítio e em outros também. Somente mulheres, algumas vestidas de homens. Você vindo para cá, para o Brasil, se escondendo

nessas terras daqui, em plantações, gado e cavalos, passando-se por rico fazendeiro, mas na verdade é só um disfarce, você não é... — E Laura começa a tremer em convulsão até desmaiar soltando a mão de Wagner.

Ao acordar ela não se lembra de nada, mas estava curada do vício sem marcas nos braços e pernas, sem vestígio algum dos remédios. Antes de partirem, já quase noite Wagner tinha a última coisa a fazer e ao saírem do quarto o patrão reconhece no corredor os abusadores. Ele larga a mão de Laura e sem dar chance alguma aos homens, um a um ele os ergue pelo pescoço com força e nem mesmo a gritaria dos funcionários do estabelecimento impedem Wagner de arrancar a artéria de ambos com mordida certa no pescoço. Muito sangue é espirrado na parede e no teto de onde foram atacados. Como se estivesse em câmara lenta ao estalar os dedos, Wagner deixa a cena passando por entre gotículas de sangue que caem do teto. É uma carnificina que deixa em polvorosa todo o hospital.

Wagner volta à porta do quarto e pega a mão de Laura novamente, que estava perplexa e chorando sem parar. Nisso, Lana e as outras moças limpam todo o local, assim como tiram os corpos, deixando tudo limpo e sem nenhum vestígio. Wagner então estala os dedos novamente e tudo volta ao normal, sem o tempo em estado congelado, as pessoas não se lembram de nada, nem mesmo Laura.

— O senhor está me levando de volta à fazenda — pergunta Laura.

— Sim, vamos todos para casa —, diz Wagner — agora você faz parte da família.



**Miriam Santiago:** jornalista - atua em Assessoria de Comunicação - e também formada em Letras. Publicou em diversos livros de gêneros diversificados, porém, sua predileção é o fantástico. Escreve contos, minicontos e crônicas. Gosta também de ler e fotografar. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, cursos e exposições, entre outros. Blog:

<http://miriammorganuns.blogspot.com/> Contato: [miriammorganuns@hotmail.com/](mailto:miriammorganuns@hotmail.com/)





**POR Edilson do ROSÁRIO Jorge de NGUNZA**

**Conto**

---

Quando entrou na barraca o seu olhar foi bater direito para àquela mulher tímida e fechada que atendia num balcão feito de velhas arcas, era a Gina, a tal prostituta de quem muito se falava, dormia como um anjo fazendo todos os homens se revelarem perante a sua pessoa.

Ela olhou para ele, veio devagar e envergonhada a olhar para o tecto ter consigo, tinham combinado uma entrevista a dois meses antes, sem dizer nada ela só com olhar chamou ao seu quarto que ficava no corredor de panos velhos ali quem vai para a cozinha adaptada, ele disse que preferia conversar ali mesmo no salão já que estava vazio, Gina ficou a olhar para ele por instantes e foram então sentar-se num canto da pequena sala. Quintas não sabia como iniciar a sua entrevista, como se pergunta a uma prostituta, o porquê que se prostitui! Como será que a devia tratar e como usar as palavras para não a ofender! Ficou engasgado e saiu da sua boca a chave do diálogo...

— Qual a imagem mais antiga que tem na memória? Gina levantou o seu olhar para ele finalmente, era linda e sedutora, daquelas coisas que não queremos ver, mas que nos atraem, que negra doce, que pernas grossas saídas de uma saia malandra! Quintas sentiu-se excitado e percebeu que ela não era uma prostituta vulgar, como muitas que ele entrevistou na baixa de Luanda, sujas como as ruas da mutamba em tempo de chuva e esfomeadas como os lava carros da ilha de Luanda.



\*\*\*

Estava ela sentada no pequeno muro da sua casa a olhar para as plantas que dançavam alegres a luz do sol, era uma menina só, a sua mãe trabalhava numa fabrica de chinelos, saía pela manhã e só voltava de noite, o seu pai tinha outra esposa e só vinha a casa quando sentia vontades da carne da mãe, ela ficava ali sob os cuidados de um irmão adolescente e sem rumo certo na vida, este dormia até as quinhentas, acordava e saía logo para procurar cigarros e uma casa que vende-se sopa ou um bom caldo de galinha para dar forças e aguentar mais um dia de festas e aventuras com os kambas.

Havia dias que ele não voltava e Gina ficava a brincar sozinha com as suas bonecas e trapos, a casa tinha um quintal e os miúdos da vizinhança não ousavam entrar ali devido ao mau feitio do irmão que batia pior que um nazi, alto magro a cheirar bolor nas cuecas e tabaco, estava velho antes do tempo o miúdo frustrado, a noite quando a mãe chegava recebia todos os carinhos de uma menina mimada.

Tinha nesta altura onze anos de idade e o corpo já a definir-se. O irmão voltou para casa com um amigo bêbado, ouviram música alta, dançaram até que se fez silêncio dentro de casa, Gina que esteve a dormir, acordou quando a festança terminou, foi a casa de banho para lavar o rosto e deparou-se com o amigo do irmão de calças aos pés deitado no chão a dormir, foi a primeira vez que viu o sexo masculino com todos os seus pelos e formações adultas, dias depois voltou a ver o irmão a brincar de amor com uma kalumba na sala de estar, sem se importar com ela. Bêbada a moça dançava nua em cima do pecado e gemia de prazer, aquela imagem ficou retida na memória da menina Gina.

Os dias passavam, o pai tinha morado lá em casa oito meses seguidos nos dois últimos anos, e depois de uma forte discussão com a mãe, voltou a deixar o lar e os filhos, o irmão agora andava a passar os dias em casa e fazia lá as suas festas, inventou uma tal de “Sentada dos Kambas”, que reunia lá em casa muita juventude desempregada a fumar e beber a *lagarde*. Foi numa destas tardes que Gina foi encontrada deitada de pernas abertas por um amigo do irmão a dormir no seu quarto, a força do álcool e a beleza da menina, fizeram acontecer o amor. E a menina perdeu a virgindade sem amadurecer.

Na sentada seguinte, Gina estava no seu quarto quando outro amigo do irmão entrou de mansinho, deu-lhe um presente, ela abriu era um urso Panda, ele conversou um pouco com ela até colocar as suas mãos tremendo no ventre dela. E assim os presentes clandestinos sem o irmão notar, foram chegando às tardes de bebida e álcool, os amigos aumentavam a cada quinta-feira de sentada, o irmão lucrava com aquilo, recebia sempre um dinheiro para mais fumo e bebida, sentia-se o dono do game, bebia e fumava todas, acabava por adormecer de tanto fumo dentro de si. Gina recebia todos os presentes e para quem nunca teve amigos, eles conversavam com ela, ensinava-se a beijar, a fumar e a fazer aquilo agora em grupo de dois, ela sentia-se amada e querida e eles abusavam dela. Os rapazes eram todos adolescentes adultos nos seus dezoito anos, um deles deu-lhe um livro kamasutra que iria ensina-la como fazer bem as coisas, e quando se esqueciam de trazer presentes davam-lhe dinheiro vivo que ela guardava muito bem.

Não pensava noutra coisa, só queria que a vida fosse todos os dias quinta-feira, e não foi que o irmão agora com um carrinho de segunda mão resolveu expandir o seu negócio para três vezes por semana! Estava ambicioso e disse a irmã que continuaria a ficar fechada no seu quarto que ele iria comprar presentes para ela que concordou na

hora, ele não sabia que ela era a melhor mercadoria dos seus clientes. A casa recebia agora uns quinze rapazes e algumas outras meninas, Gina era mimada com presentes, fumava e bebia uns copos de cerveja, fazer era dar prazer aos seus amigos como ela encarava os seus amados clientes, mulatos, negros, grossos, finos, brancos, da rua de traz, do outro bairro, da escola, de óculos, magros, filhinhos de papai, e a fofoca chegou aos ouvidos de sua mãe pela boca das vizinhas, sua filha anda a prostituir-se.

\*\*\*

Tarde de quinta-feira, a mãe faltou ao serviço e fixou-se de atalaia em casa alheia, foi então que constatou a festança em sua casa, chamou a polícia que vieram bem armados de porretes e foi surra para todos os que estavam ali, nus, sem camisa, desempregados, filho do administrador, bêbados, drogados e a desgraça foi encontrar a filha de forma malandra com um rapaz por cima de si.

O irmão foi preso sabendo que vendia a irmã. A mãe perdeu o controlo da filha e Gina foi mandada para a casa do pai, quem sabe ali encontraria repressão para voltar a ser uma menina normal, se anormal era o que ela fazia!

Gina nunca imaginou que a sua mãe fosse a segunda mulher do seu pai, encontrou um homem diferente daquele que ela conhecia, que passava as vezes em casa, era carinhoso e atencioso com os seus irmãos da outra mãe, estava sempre em casa a ver televisão, não gritava e até ajudava o irmão mais novo a fazer as tarefas da escola, havia disciplina naquela casa, uma mãe presente, comida na mesa e ralhetes de etiquetas para quem não sabe comer com garfo e faca, era um mundo diferente do seu, ficou assustada e só queria ficar no quarto sozinha. Bateram a porta, era o irmão da sua idade, entrou e sentou-se ao seu lado, deu-lhe um presente e disse que estava muito feliz de a ter como irmã, passou a mão no seu rosto e limpou as suas lágrimas, falou umas parvoíces e ela sorriu a grande estilo e beijou-lhe na boca, ele afastou-se e ela ficou parada, ele sorriu e saiu, no dia seguinte ela foi para escola na companhia do irmão que apresentou-lha numa turma de gente que falava de estudos, do facebook, de pedir autorização para isso e aquilo nos pais, parecia que tinham ensaiado aqueles tipos, ela apenas sorria quando estava no meio deles, era engraçado, tudo certinho e muitos pedidos de desculpas por tudo e por nada e ela parva sorria que ninguém entendia nada! Foi com o irmão passear e comer gelados. Conversavam até tarde, às noites o pai e a madrastra passavam no seu quarto e falavam com ela sobre o seu dia, ela sorria sempre que eles davam as costas, que vida era àquela cheia de regras e acertos? Onde estava a liberdade no meio de tanta educação e controle!

Domingo de tarde, almoço na mesa, o irmão da sua idade aparece em casa com a namorada e Gina então sente pela primeira vez na sua vida o amor bater-lhe a porta, o ciúme foi tão grande que ela chorou o resto do dia, e ele não apareceu para consolá-la.

Os dias foram seguindo e ele apenas falava com ela assuntos de redes sociais e sobre entrar na faculdade, andava agarrada aquela mulher que saiu do nada, Gina sofria calada, dormia triste e não suportava aquela dor, estava deprimida, mas ele não a olhava como uma mulher e sim sua irmã, saiu desesperada da escola e foi procurar os rapazes da sua antiga rua...

Ficou em casa do pai mais um ano, o seu consolo era ver o irmão todos os dias, poder desfrutar dos pequenos momentos com ele, sentir o seu perfume, ouvir a sua voz no corredor e velo sorrir na hora da televisão, e sempre que o irmão saía para uma festa, um retiro com a namorada, doía e doía, ela corria para as ruas em busca de rapazes que pudessem dar-lhe presentes.

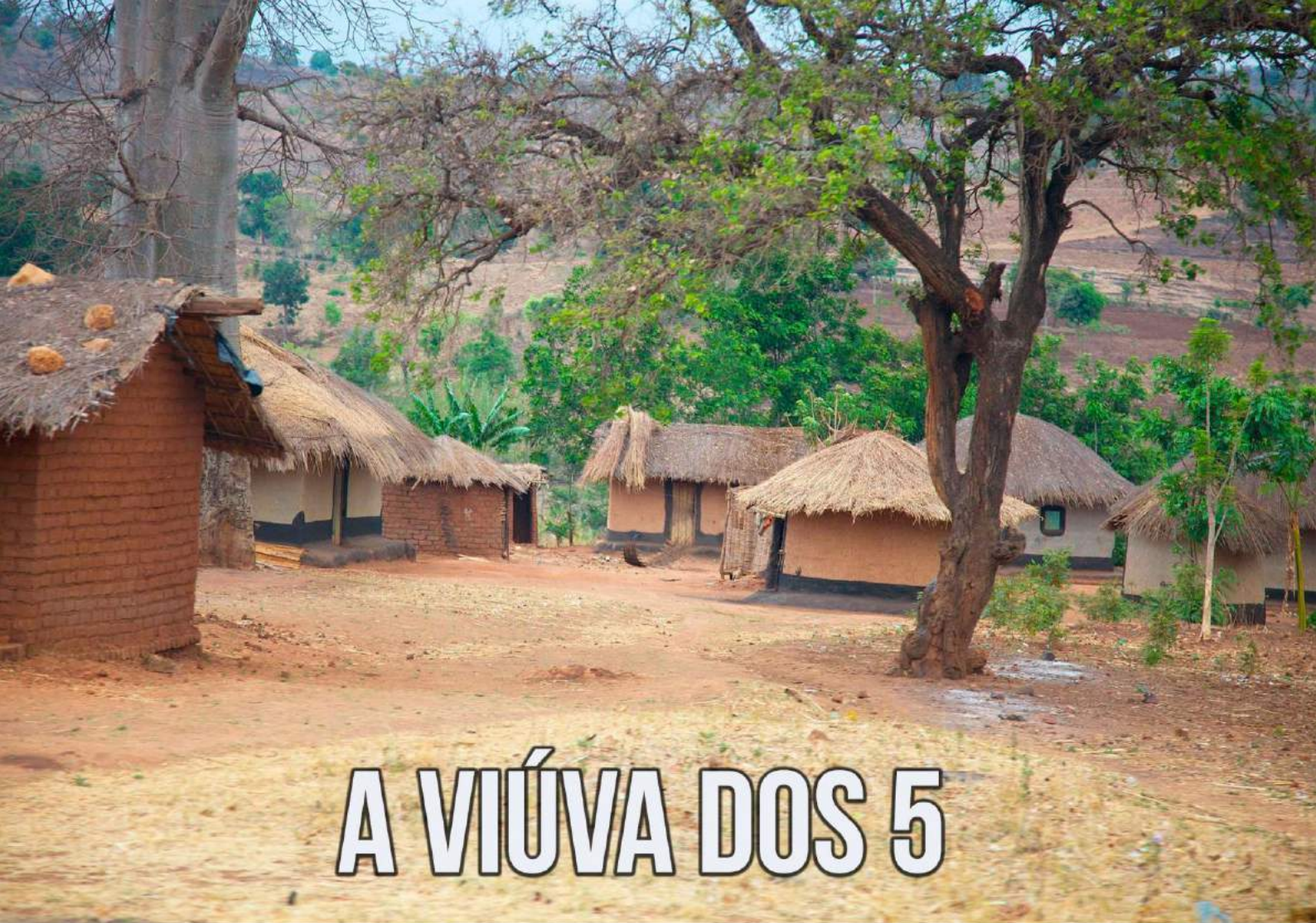
Quando o irmão finalmente viajou para o estrangeiro numa bolsa, acompanhado daquela rapariga do nada, ela abandonou a casa do pai, voltou para casa da mãe aonde encontrou em estado avançado do vício, sentado de calções e cerveja na mão o irmão a fumar e cheio de ideias, queria abrir um negocio, um bar na esquina, já estava tudo combinado, teria peixe grelhado, música alta do bom Semba, muita malta jovem e presentes de todos os pacotes e formas de embrulhos, rosas, lilás, com brilho e sem brilho, com fitas enormes e caixas recheadas de mimos, mas precisava de dinheiro, Gina foi recolher as suas economias guardadas e resolveu juntar-se ao irmão no negócio do bar, mas com uma condição, ela teria o seu quarto nos fundos e teria que ter um dia especial dedicado a ela, quinta-feira!



Edilson do **ROSÁRIO** Jorge de **NGUNZA**, Pseudônimo Literário de ROSARIO NGUNZA, nasceu na cidade do Sumbe, província do Kuanza Sul, em 20 de Abril de 1983. Residente em Luanda-Angola. Cursa o 3º ano de Direito da Universidade Lusíadas de Angola, com Diploma de extensão Universitária em Comunicação e publicidade pela Universidade Católica Pontifícia do Rio Grande do Sul PUCRS-ALAP. É técnico em Teatro, Eventos e Produção pelo Ministério da Cultura de Angola. Formação em Gestão e Psicologia do Desenvolvimento pela J.E.C.A – Juventude Estudante Católica de Angola; em Escrita Criativa; Televisão e Realização Cinematográfica pelo IACAM –

Instituto Angolano do cinema Audiovisual e multimédia; e, em Gestão Bancária, finanças e atendimento – O.F.C – Odete Fachada Consultores. Fundou e foi Diretor artístico do colectivo de artes cénicas PICANTES-TEATRO, com destaque nas Obras (O VELHO ANTONIO, A IDADE DA PUBERDADE, DE TRAS PARA FRENTE, O REI DO NADA ...). Escreveu e apresentou o programa radiofónico NA MAIOR- Radio Kuanza Sul. Fundou e Dirige a agência de Publicidade, Marketing e Soluções Gráficas – MARIJANA LDA. Participou do Festival Mundial de Publicidade e Marketing em Gramado Brasil pela ALAP – Associação Latino Americano de Publicidade. É membro da U.N.A.C – União Nacional de Artistas e Compositores de Angola Escreveu e produz as Conferencias anuais INSPIRATE- Conferências de Treinamento Motivacional. Realizou e escreveu os filmes: DIMA E A CASA DOS RAPAZES (MongTV) e SOFIA E O MAR; Documentário PICANTES 11 ANOS (Gil produções). Foi homenageado pela liderança e desenvolvimento do teatro convencional no Kuanza Sul pela APROTK- Associação provincial de teatro do Kuanza Sul. Recebeu o Prêmio revelação no Festival Internacional de Teatro do Casenga com a Obra: A AGUA DA HÁ, da sua autoria. Foi Director da Companhia MULEMBEIRA TEATRO da fundação Amigos da Cultura, aonde montou e escreveu o espetáculo: LUANDA DESTINO. Foi dirigente e formador da companhia GLOBO NGUNZA referencia dos espetáculos que escreveu: A QUEDA DO AVIÃO; O PAÍS QUE NASCEU MEU PAI; HOMENS E MULHERES. Publicou na Coletânea Afro-brasileira CADERNOS NEGROS vol. 30 - QUILOMBO editora os seguintes contos: MARIA RAPAZ; O JACARÉ VELHO; NA NOITE DO TIC TAC – contos que serviram de dissertação e estudo do mestrado em Letras, pela Universidade de Marília-UNIMAR, do doutorando José Flávio da Paz, professor da Universidade Federal de Rondônia-UNIR. Participou do I Simpósio Nacional sobre a Historia de Angola. Publicou o romance O HERDEIRO pela Viana Editora. Foi Coordenador (Guia Principal) da organização de pioneiro Agostinho Neto (O.P.A), participando em diversos acampamentos nacionais. Idealizou e coproduziu o Movimento Nacional de Teatro em Benguela (Acampamento que reuniu grupos de todas as províncias de Angola).





# A VIÚVA DOS 5

**POR Edilson do ROSÁRIO Jorge de NGUNZA**

**Conto**

**N**a pequena vila do Waco-Kungo todos sabiam da tristeza de Dona Ana da Mulembeira, ela trabalhava nos serviços notárias, tinha perdido as amigas e a confiança dos populares da vila que desde a morte de Rui Catequé, seu quarto marido, diziam que ela tinha uma doença escondida no seu corpo que comia os homens, não podia ser normal uma mesma mulher perder quatro maridos, outros ainda diziam que era feiticeira, e aquela beleza toda que ostentava era para dar o truque da aranha e prender nas suas teias as vitimas que alimentavam aquela aparência juvenil no seu rosto.

Magrinha e alta, sempre de roupas escuras por tanto usar lutos, Dona Ana da Mulembeira dividia a sua vida entre o trabalho, a igreja e a sua humilde casa na rua de baixo para quem vai ao jardim. No dia dos finados não aparecia no cemitério, pois não sabia que campos limpar e venerar então ficavam em casa, na sua arrumada casa, os dois filhos tiveram de ir estudar noutra cidade em casa da irmã, porque eram vítimas de insultos na vila, o rapaz então passava a vida a lutar para defendê-la, sua mãe não era feiticeira, a vida é que lhe tratava mal, era uma boa mulher e igual a todas, não merecia todo aquele desprezo. A sua irmã já tinha vindo mesmo buscar-lhe para ir viver com ela na cidade, mas, ela se recusava a sair da vila, queria ali ficar aonde nasceu e cresceu feliz

noutras alturas quando era apenas uma menina a correr pelas ruas da vila na companhia dos mesmos que hoje a maltratavam e acusam de práticas noturnas com o demónio.

E foi então que chegou vindo de terras evoluídas Francisco de Sousa Andre, um comerciante viajante que inaugurou uma loja na vila e trazia as histórias de lá e de cá, era falador e de boa educação, arrendou uma casa na rua da igreja, organizou uma festa com ajuda da senhora Mingota chefe do canto coral na Igreja Católica, agora sua funcionária, para conhecer os importantes da vila e se ambientar, sempre vestido a rigor na húmida vila do Waco-Kungo, que acordava com o nevoeiro a tapar todas as visões, e as serras a circundarem a cidade. Passados dois meses no vai buscar mercadoria, trás mercadoria, o homem já estava a sentir-se em casa, mas com o frio das montanhas, era preciso ter uma companheira e afinal estava a gostar da vila e a pensar fixar residência em vez de empregar um gestor, era calmo e dava para jogar a bola e passear nos campos, coisa que sempre sonhou fazer na agitada cidade de Luanda. Vestiu o seu facto olímpico azul e foi correr até a capela que fica no cimo da montanha, apesar do frio já sentia o corpo quente, chegou na capela e inspirou todo aquele ar fresco e puro quando viu uma mulher ajoelhada dentro da velha capela! Era Dona Ana da Mulembeira, Francisco de Sousa ficou a olhar para ela, nunca a tinha visto antes pelas ruas da cidade e nos grupos das senhoras locais, e era de facto linda; a mulher apressou-se a sair e ele foi ao ataque, ela não queria conversar e ele insistiu, apresentaram-se e ela fugia das suas perguntas, quando com as suas manobras cidadinas Francisco conseguiu que ela senta-se um pouco a falar com ele, e assim deste primeiro encontro cheio de risadas e conversas sobre o tempo e as plantações, foram surgindo outros encontros a madrugada no cimo da montanha na velha capela de nossa senhora de Fátima construída pelos escravos colonizados, aonde rezava Dona Ana da Mulembeira e agora Francisco de Sousa André.

Ela começou a gostar daqueles encontros, á muito que não falava e sorria com alguém, tinha de esperar as férias dos seus filhos para ter gente em casa, trouxe um mata-bicho, mandioca fervida com peixe frito e café, eles comeram na paz do senhor, Francisco olhava para ela perdido de amor, não podia fugir a toda beleza daquele rosto negro húmido e jovem, era uma menina mal crescida, apesar dos quarenta em que ela estava mergulhada, quando ele viajava em busca de mercadoria morria de saudades dela, do seu perfume natural, água e sabonete, dos seus vestidos antigos, azuis escuros, do seu penteado tradicional, tranças a cair pelos ombros, e aquele sorriso sob o olhar do sol!

Resolveu que queria casar com ela, era a paz que procurava, e vida ideal, essa seria a última viagem a Luanda e depois mandaria um funcionário e o motorista.

A vila começou a comentar os encontros secretos dos dois no cimo da montanha, a sem vergonha da feiticeira tinha lançado as suas teias ao pobre comerciante e ele não sabia que iria morrer como foram os seus antecessores, senhora Mingota foi mesmo falar com o Padre da paróquia, era preciso encerrar aquela capela, ela já tinha alertado muitas vezes que era lá que a feiticeira falava com o demónio, já quatro vidas se tinham perdido nesta de deixar andar, o melhor era mesmo expulsar a mulher da vila a pedradas.

Francisco de Sousa Andre regressou da cidade com muitos presentes para a sua amada Ana e uma carta de pedido de casamento, e a grande notícia que já não voltaria para Luanda, agora a sua casa permanente seria na vila do Waco-Kungo. Quem não gostou dessa notícia foi o Administrador municipal que já via o seu cargo ser dado para

outro com mais visão e ainda comerciante, a política jogava sempre a favor desses tipos assim, foi visitar o mesmo na escura noite de terça-feira em sua casa. Falaram um pouco de política, negócios e como é tradição em conversas masculinas, falar de mulheres e desporto...

E foi assim que por não ter amigos íntimos Francisco resolveu abrir o seu coração ao ilustre convidado e contou as suas intenções de casar com Dona Ana, ela ainda não sabia das suas intenções, mas aceitaria com certeza, há já seis meses que trocavam confidências e carinhos no cimo da montanha, mas o amigo com uns copos na cabeça, resolveu contar-lhe uma realidade que ele desconhecia daquela bela mulher!

Ana carregava dentro de si forças ocultas, aquela toda beleza e o jeito meigo de ser, era a pura forma de atrair as vítimas para si. Primeiro foi Eugénio da Costa Pembe, um jovem professor ali na vila, o namoro começou tão lindamente que dava gosto velos passear de mãos dadas e sair aos domingos da missa, este enamorado dela, resolveu então casar com a ainda jovem Ana, era filho da Senhora Mingota e por isso está organizou o casamento com pompas e circunstâncias. Ana depois de duas semanas estava grávida e veio a dar a luz a um menino seu primeiro filho, mas um ano e meio de casamento depois, estava Eugénio na sala de aula com saúde e vida, quando surge a mulher para visitá-lo e levar para casa, o pobre rapaz apaixonado, abandonou os alunos e foi de mãos dadas com ela para casa e não voltou a sair vivo de lá.

Quando chegamos o jovem estava morto sentado na sua cadeira na varanda, sem golpes e nem ferimentos, era como se a sua alma resolve-se ir embora sem mais nem menos.

Um ano depois deste incidente, o antigo Pastor da igreja Metodista senhor Carvalho Nangayafina, que passou a rezar com a viúva Ana para consola-la e espantar os maus espíritos, anunciava ao vivo no culto a sua vontade de se casar com a irmã Ana! Assim os murmúrios de desconfiança começaram a surgir, uma viúva ainda fresca já de namoro? As bocas falam e as palavras voam como o vento. Casaram na igreja. A gente não foi a este casamento não senhor, o engraçado é que o Pastor andava numa felicidade nunca vista, de cima para baixo com a mulherzinha nova, nove meses depois ndileno! Óbito em casa da viúva, e fomos averiguar, o homem estava a sair de casa e com os pés no portão caiu simplesmente como se alguém o tivesse ordenado, até ao chão mortinho da Silva.

Então toda a vila sob o comando da senhora Mingota reuniu com o Soba e o Administrador, para pedir a expulsão da demónica daqui, a pessoas que chegaram mesmo a partir as janelas da sua casa, há coisa dentro daquela mulher, o Kimbanda foi até a sua casa fazer as cerimónias tradicionais e não encontrou nada! O feitiço dela é forte como o tempo. Desta vez ela ficou dois anos sem homem, sozinha e quieta, até que veio aqui um branco português o Só Emanuel de Sá e se enamorou por ela perdidamente, este é o pai da filha dela a mulatinha que está também em Luanda, não casaram não senhora, mas o Pula foi morar com ela nos abraços e encantos do seu território por dois anos de muita cumplicidade e morreu a tomar o seu banho, cantava de felicidade e zás caiu morto na banheira, outra morte sem explicação nenhuma, e todos com o mesmo ar de felicidade nos lábios depois de mortos. Velos deitados no caixão, sorridentes como se



concordassem com a morte! E seguiu-o o Cristovão que jaz de forma que não quero lembrar...

Quatro homens de bom agrado mortos!..

Francisco de Sousa, ficou baralhado com a revelação, pediu para ficar sozinho e colocar as ideias na cabeça bem arrumadas, o Administrador pediu que ele fosse embora de volta a cidade, depois não seriam responsáveis pelo destino que se avizinhava.

Apesar de tudo o que tinha ouvido naquela noite, Francisco de Sousa madrugou em casa de sua amada Dona Ana da Mulembeira! Esta já estava preparada para subir a montanha até a capela, quando a sua porta bateu e um homem cheio de presentes e uma carta de pedido de casamento, tornaram o seu dia mais feliz. Francisco não acreditava nos costumes e práticas de feitiçarias, olhava Dona Ana como uma mulher que tinha sofrido muito na vida por culpa da ignorância daquela gente, o amor não tinha sido bondoso com ela e levou os homens que ela amou, mas ele estava ali, disposto a fazer dela uma rainha, e passar o resto de sua vida sorrindo, porque as mulheres adoram sorrir depois de uma noite de amor.

Quem não ficou contente com a notícia do matrimónio da viúva foi a Senhora Mingota que logo se demitiu dos seus afazeres na loja de Francisco de Sousa, alguns ainda foram alertar o noivo sobre o perigo que aquilo representava. O Soba mesmo chegou a dizer que desconhecia as forças malignas que assombravam aquela jovem mulher e a sua casa encantada, mas dessa forma mais ainda o amor tomava de assalto o coração de Francisco de Sousa. Ele propôs a mulher, viverem em Benguela, para fugirem da visão ignorante daquela gente, mas, Dona Ana queria ficar ali onde estavam todas as recordações da sua vida, já não era uma menina para andar a fugir e não tinha nada para esconder daquela gente.

Os dias passaram, a felicidade era um facto visual em casa da viúva, as madrugadas eram repletas de beijos e piquenique ao nascer do sol debaixo de um frio seco na montanha, até a Júlia a moça que trabalhava lá em casa de Dona Ana, desde a sua infância, estava admirada com tanto de carinho e sorrisos dentro das quatro paredes. Francisco de Sousa André, de tão feliz que estava, acordou para rezar e agradecer, e depois voltou para a cama, Dona Ana beijou-lhe a testa e abraçaram-se, ele disse que lhe amava e ela apenas encostou-se mais ao seu corpo e ficou assim por trinta minutos, falou umas bobagens e ele não sorriu, perguntou algo e ele não respondeu, chamou pelo seu nome e ele estava mudo, voltou-se para acorda-lo e ele estava morto...



Edilson do **ROSÁRIO** Jorge de **NGUNZA**, Pseudónimo Literário de ROSARIO NGUNZA, nasceu na cidade do Sumbe, província do Kuanza Sul, em 20 de Abril de 1983. Residente em Luanda-Angola. Cursa o 3º ano de Direito da Universidade Lusíadas de Angola, com Diploma de extensão Universitária em Comunicação e publicidade pela Universidade Católica Pontifícia do Rio Grande do Sul PUCRS-ALAP. É técnico em Teatro, Eventos e Produção pelo Ministério da Cultura de Angola. Formação em Gestão e Psicologia do Desenvolvimento pela J.E.C.A – Juventude Estudante Católica de Angola; em Escrita Criativa; Televisão e Realização Cinematográfica pelo IACAM – Instituto Angolano do cinema Audiovisual e multimédia; e, em Gestão Bancária, finanças e atendimento – O.F.C

– Odete Fachada Consultores. Fundou e foi Diretor artístico do colectivo de artes cénicas PICANTES-TEATRO, com destaque nas Obras (O VELHO ANTONIO, A IDADE DA PUBERDADE, DE TRAS PARA FRENTE, O REI DO NADA ...). Escreveu e apresentou o programa radiofónico NA MAIOR- Radio Kuanza Sul. Fundou e Dirige a agência de Publicidade, Marketing e Soluções Gráficas – MARIJANA LDA. Participou do Festival Mundial de Publicidade e Marketing em Gramado Brasil pela ALAP – Associação Latino Americano de Publicidade. É membro da U.N.A.C – União Nacional de Artistas e Compositores de Angola Escreveu e produz as Conferencias anuais INSPIRATE- Conferências de Treinamento Motivacional. Realizou e escreveu os filmes: DIMA E A CASA DOS RAPAZES (MongTV) e SOFIA E O MAR; Documentário PICANTES 11 ANOS (Gil produções). Foi homenageado pela liderança e desenvolvimento do teatro convencional no Kuanza Sul pela APROTK- Associação provincial de teatro do Kuanza Sul. Recebeu o Prêmio revelação no Festival Internacional de Teatro do Casenga com a Obra: A AGUA DA HÁ, da sua autoria. Foi Director da Companhia MULEMBEIRA TEATRO da fundação Amigos da Cultura, aonde montou e escreveu o espetáculo: LUANDA DESTINO. Foi dirigente e formador da companhia GLOBO NGUNZA referencia dos espetáculos que escreveu: A QUEDA DO AVIÃO; O PAÍS QUE NASCEU MEU PAI; HOMENS E MULHERES. Publicou na Coletânea Afro-brasileira CADERNOS NEGROS vol. 30 - QUILOMBO editora os seguintes contos: MARIA RAPAZ; O JACARÉ VELHO; NA NOITE DO TIC TAC – contos que serviram de dissertação e estudo do mestrado em Letras, pela Universidade de Marília-UNIMAR, do doutorando José Flávio da Paz, professor da Universidade Federal de Rondônia-UNIR. Participou do I Simpósio Nacional sobre a Historia de Angola. Publicou o romance O HERDEIRO pela Viana Editora. Foi Coordenador (Guia Principal) da organização de pioneiro Agostinho Neto (O.P.A), participando em diversos acampamentos nacionais. Idealizou e coproduziu o Movimento Nacional de Teatro em Benguela (Acampamento que reuniu grupos de todas as províncias de Angola).





REVISTA  
**CONEXÃO LITERATURA**

**PORQUE  
AMAMOS  
LIVROS**

NO AR  
DESDE 2015

# CONECTANDO AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO

01.05.2021

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO  
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

**ACESSE O NOSSO SITE**

**WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR**

**Fanpage** @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura